IV

Sátiras

Olavo Bilac

Olavo Bilac
Sátiras

Edição e estudo crítico de

Alvaro Simões Junior

Olavo Bilac

Sátiras

Edição e estudo crítico de

Alvaro Simões Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

S593o Simões Júnior, Álvaro
Olavo Bilac [recurso eletrônico]: sátiras / Edição e estudo crítico de Álvaro Simões Júnior. – São Paulo / Lisboa: Editora Unesp Digital / CLEPUL, 2018.

ISBN Editora Unesp Digital: 978-85-9546-308-0 (Ebook)
ISBN CLEPUL: 978-989-8814-48-7 (Ebook)

1. Crítica literária. 2. Bilac, Olavo, 1865-1918. I. Título.

CDD 801.95
2018-1506 CDU 82.09

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto «UID/ELT/00077/2013»

Olavo Bilac
Sátiras

Edição e estudo crítico de
Alvaro Simões Junior

Lisboa
2017

Índice

Introdução

Entre o Parnaso e a Rua do Ouvidor

Olavo Bilac (1865-1918), um dos principais poetas parnasianos, compôs boa parte de sua obra para periódicos, os quais acolheram sua produção poética desde os primeiros esboços de adolescente até alguns dos últimos sonetos *parnasianamente* perfeitos. Além disso, como o trabalho de Antonio Dimas vem revelando, o autor das *Panóplias* foi também um cronista importante[1].

Na célebre «Profissão de fé», que abria *Poesias*, seu primeiro livro, publicado em 1888, Bilac definia-se como artesão do verso perfeito e da estrofe cristalina, que, para servir à deusa Serena Forma, trabalhava o pensamento horas sem conta e longe de tudo. Em *Tarde*, seu último livro de poesia, publicado postumamente em 1919, havia o soneto «A um poeta» em que o fazer poético era comparado ao labor abnegado e incansável de um monge beneditino que trabalha intensamente em seu claustro, «longe do estéril turbilhão da rua».

Em textos tão distanciados no tempo, repetia-se, portanto, a ideia da poesia como algo produzido no isolamento, em completa solidão. Assim definida, a poesia seria incompatível com as redações dos jornais, onde o burburinho e a lufa-lufa da vida cotidiana repercutem e se reproduzem. Como explicar a contradição entre o programa poético explicitamente assumido e a intensa vida profissional associada aos periódicos?

Em *Tempos eufóricos*, Antonio Dimas defende a existência de uma dicotomia na personalidade intelectual de Bilac, identificando:

1 *Vd.* também Simões Jr., Alvaro Santos, *A sátira do Parnaso*, São Paulo, Ed. da UNESP e FAPESP, 2007.

de um lado, o esteta, atento sempre à perfeição e à simetria harmoniosa das formas, [...] e de outro, o jornalista empenhado em discutir, dentro de certas limitações e distorções pessoais e temporais, a realidade do país em que vivia[2].

Já Flora Süssekind distingue na produção bilaquiana uma dicotomia estilística. Em *Cinematógrafo de letras*, observa que, de um lado, os textos jornalísticos apresentam parcimônia vocabular, redundância e uma dicção objetiva e às vezes satírica e, de outro, os textos pretensamente artísticos assumem um outro tom, com «muitos vocativos, palavreado vistoso, proliferação de sinônimos, analogias com a mitologia clássica»[3].

De acordo com esses autores, Bilac seria, portanto, uma espécie de centauro, parte poeta parnasiano, parte jornalista. Seria interessante avaliar criticamente essa concepção considerando o envolvimento do poeta com os periódicos.

Em 1883, Bilac publicou as primícias de sua poesia no jornal dos estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a *Gazeta Acadêmica*. Embora os poemas fossem canhestros, sua publicação colocou o poeta em contato com um público mais amplo do que o círculo dos amigos mais próximos e proporcionou-lhe a satisfação de ver pela primeira vez impressos os seus versos, o que seria um estímulo nada desprezível para poeta novo.

A popular e prestigiosa *Gazeta de Notícias*, dirigida por Ferreira de Araújo, assegurou-lhe a sua primeira glória poética com a publicação, em 1884, do soneto «Nero», recolhido mais tarde em *Panóplias* como «A sesta de Nero».

Estimulado em suas pretensões artísticas pela repercussão do soneto, que foi saudado como legítimo representante da então nova estética parnasiana, Bilac integrou-se ao grupo de intelectuais e jornalistas boêmios liderados por José do Patrocínio[4].

---

2 Dimas, Antonio, *Tempos eufóricos*, São Paulo, Ática, 1983, p. 61.

3 Süssekind, Flora, *Cinematógrafo de letras*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987, p. 21.

4 Sobre a amizade do poeta com o abolicionista, *vd.* Simões Jr., Alvaro Santos, *op. cit.*

Em 1885, foi apresentado ao público leitor carioca por Artur Azevedo, que lhe transcreveu dois sonetos na sua coluna «De palanque», mantida no *Diário de Notícias*. Bilac também publicaria poemas em *A Semana*, de Valentim Magalhães, e *A Estação*, revista de modas de Henrique Lombaerts.

À medida que crescia sua reputação como poeta, que colaborava inclusive em jornais do interior fluminense com a *Gazeta de Sapucaia*, *O Vassourense* e *A Quinzena*, de Vassouras, Bilac era visto mais frequentemente nos botequins e confeitarias do que na rua da Misericórdia. O inevitável abandono do curso de Medicina levou ao rompimento com o pai, que era médico. Nesse transe, socorreu-o Patrocínio, que lhe ofereceu um modesto posto de conferente de revisor na *Gazeta da Tarde*.

Embora fosse razoavelmente bem conhecido no círculo letrado carioca, Bilac não era, a rigor, um noivo digno para muitas famílias burguesas. O poeta percebeu que, caso pretendesse casar-se com Amélia, sua namorada e irmã de Alberto de Oliveira, deveria exercer uma profissão que fosse então considerada «respeitável». Escolheu a advocacia. Como não havia curso de Direito no Rio de Janeiro, mudou-se para São Paulo, onde passou a exercer uma atividade que estreitou seus vínculos com os jornais. Para custear seus estudos, Bilac empregou-se no *Diário Mercantil*, para o qual resumia o noticiário das folhas cariocas, e também assumiu a seção literária de um hebdomadário. Em carta a Bernardo de Oliveira, irmão de Amélia e Alberto, o poeta queixava-se de seu novo trabalho:

> Receberás por estes dias a *Vida Semanária*. Sabes o que é esse bicho? Uma revista política daqui, que paga ao teu pobre amigo algumas miseráveis dezenas de mil réis mensais para que ele lhe encha de matéria literária oito páginas de cada número. [...] Mata-me esta necessidade de ganhar dinheiro: não nasci para este triste ofício de literato de fancaria[5].

---

5 Bilac, Olavo, «Carta a Bernardo de Oliveira», *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, 39 (129), jun. 1932, p. 244-247.

Nessa fase de sua vida, o jornal era para Bilac apenas um veículo para divulgar a sua poesia parnasiana, que versava temas da Antiguidade e tratava do amor com comedimento neoclássico. O parnasiano então considerava que escrever para jornais era conspurcar a arte literária; sentia-se como uma espécie de artista mercenário. Como confessaria mais tarde, naquele tempo acreditava ingenuamente que «o homem capaz de fazer versos não tinha necessidade de fazer mais nada»[6].

Entretanto, o naufrágio de seus planos conjugais e jurídicos fez do jornalismo uma tábua de salvação, já que não se interessava por seguir uma pacata vida burguesa. De volta ao Rio de Janeiro em 1888, Bilac colaborou em diversos jornais, entre os quais a *Cidade do Rio*, do amigo Patrocínio. Em 1889, Bilac fundou com Raul Pompeia *A Rua*, jornal republicano. No ano seguinte, publicou suas primeiras crônicas na *Gazeta de Notícias* e fez sua primeira viagem à Europa como correspondente da *Cidade do Rio*.

No ano de 1892, Bilac fundou com o republicano histórico Lopes Trovão e o jornalista Pardal Mallet um folha política, *O Combate*, cuja contundência desafiava a sanha repressiva do governo de Floriano Peixoto. Após uma tentativa de golpe, em que esteve aparentemente envolvido, Bilac amargou cinco meses de cárcere na fortaleza da Laje.

Em 1893, estreitou relações com a *Gazeta de Notícias*, folha em que colaboraria até o fim de sua carreira jornalística. No final desse ano, a agitação política causada pela Revolta da Armada tornou muito arriscado o exercício do jornalismo independente. Ameaçado pelo governo autoritário de Floriano, Bilac fugiu para Minas Gerais, abrigando-se na então capital, Ouro Preto, e posteriormente em Juiz de Fora. O poema *O caçador de esmeraldas*, que passaria a integrar *Poesias* a partir da edição de 1902, é fruto de sua permanência nessa região impregnada da história colonial e de pesquisas desenvolvidas nos arquivos mineiros na companhia de Afonso Arinos.

---

6 Bilac, Olavo, «Crônica», *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1903, p. 1, 8.ª col.

Para quem iniciou a carreira jornalística a contragosto, Bilac revelou-se em poucos anos um panfletário entusiasta, digno de padecer uma prisão política e um autoexílio. Em 1894, o poeta publicou pela primeira vez em livro parte de sua produção jornalística, no volume intitulado *Crônicas e novelas*, o que indicava certo apreço pelos textos escritos para os periódicos.

Em uma de suas «crônicas livres» escritas sob Floriano Peixoto, Bilac reconheceu a importância da *Gazeta de Notícias*, que teria «nobilitado com o salário» o trabalho dos seus colaboradores literários[7]. Note-se que a remuneração, vista poucos anos antes como um deslustre por quem defendia a arte pela arte, era nessa ocasião considerada dignificante e legitimadora da atividade do escritor.

De volta à então Capital Federal, Bilac dedicou-se com afinco ao jornalismo, fundando com Julião Machado duas revistas ilustradas, *A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1896-1897), assumindo em 1897 a crônica dominical da *Gazeta de Notícias*, até então escrita por Machado de Assis, e tornando-se a partir de 1899 cronista diário do vespertino *A Notícia*, além de colaborar eventualmente em alguns outros periódicos.

Trabalho tão intenso, realizado sob a pressão dos paginadores, que instavam pela matéria a ser composta, e cadenciado pelo resfolegar impaciente das rotativas a vapor Marinoni, certamente não poderia receber o cuidado artesanal, o esmero de ourivesaria, que o poeta afirmava dedicar à poesia. No entanto, *não se tratava de apostasia*. Do ponto de vista de Olavo Bilac, sua produção artística possuiria duas faces distintas. É o que se depreende da leitura de uma crônica de 1897, em que o poeta se opunha a um projeto de lei, então apreciado no Congresso, que visava a proibir o anonimato e o pseudônimo na imprensa:

> O uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve: todo o mundo sabe, por

---

7 Bilac, Olavo, «Crônica livre», *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1894, p. 1, 6.ª col.

exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio. Mas, na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá o seu verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente.

Para cada estilo, cada assinatura[8].

Para Bilac, portanto, o pseudônimo, tão usado nas crônicas, artigos, resenhas e poemas satíricos, serviria antes para *identificar um estilo* do que para ocultar a autoria. Assim, ao lado do *estilo sério* dos poemas parnasianos e de parte das crônicas semanais ou diárias coexistiria o *estilo leve* das sátiras em verso e também de várias crônicas mais ou menos descontraídas ou irreverentes. Pode-se afirmar que esses estilos coexistiam harmoniosamente, pois a autoria dos textos «leves» era assumida por um pseudônimo facilmente atribuível ao poeta. Talvez Bilac estabelecesse essa delimitação de fronteiras para preservar a respeitabilidade e o prestígio do estilo «sério», sujeito a rígidos preceitos estéticos. A neoclássica estética parnasiana reeditava a tradição antiga de separação de estilos de que tratou Auerbach.

Em crônica de 1906, em que versava a respeito da então recente moda das conferências literárias, Bilac reconhecia a importância do jornal para que um escritor novo se fizesse conhecido do público leitor:

No Rio de Janeiro, às verdadeiras vocações literárias somente se abria até agora um campo de estreia: o jornal. Não temos aqui as «revistas» de grande tiragem, especialmente dedicadas à literatura, e avidamente procuradas pelo público; e, se os nossos jornais fechassem as suas portas a poetas e novelistas, dedicando-se apenas, como na Europa e na América do Norte, ao serviço de informação, poetas e prosadores ficariam sem público; – digam do jornal o que quiserem, mas ninguém contestará que ele tem sido, no Rio de Janeiro, o formador de toda a nossa literatura antiga e moderna[9].

---

8 Bilac, Olavo, «Crônica», *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1897, p. 1, 2.ª col.
9 B. [Olavo Bilac], «Registro», *A Notícia*, Rio de Janeiro, 17 ago. 1906, p. 2, 3.ª col.

Habitual frequentador das «baixas e fúteis regiões do *Rodapé*»[10], Bilac aceitava resignadamente o trabalho oferecido pelos jornais porque possuía plena consciência de que até mesmo um autor profícuo e admirado como Coelho Neto era constrangido, para «ganhar o pão quotidiano», a «desperdiçar o seu talento no esfalfante e duro mister de escrever coisinhas para os jornais»[11]. Para o poeta, o analfabetismo era o grande problema a ser combatido pelos escritores, pois restringia o número de virtuais leitores e impossibilitava as grandes tiragens de livros e jornais, condição *sine qua non* para a redução do preço dos exemplares[12].

A dedicação resignada ao jornalismo não impedia que o parnasiano Bilac notasse os efeitos deletérios do trabalho diário de encher as insaciáveis colunas dos jornais. Pronunciando-se em nome dos colegas de profissão, assim descreveu um desses efeitos.

> Tanto abusamos das palavras, tanto deformamos o sentido delas, tanto barateamos o louvor, tão impensadamente distribuímos a censura, que vamos ficando reduzidos a simples máquinas de escrever, – de teclado dócil, obediente ao toque de todo o mundo... Cada um de nós não passa de uma *Remington* aperfeiçoada[13].

No caso de Bilac, a separação de estilos impedia que essa corrupção das palavras chegasse ao Parnaso, onde imperava soberano o *sermo sublimis* do estilo sério ou elevado.

Em sua pregação jornalística, Bilac foi um dos maiores defensores do saneamento e da reformulação urbanística do Rio de Janeiro como forma de combater as endemias e epidemias que assolavam a

---

10 Bilac, Olavo, «Crônica», *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1897, p. 1, 2.ª col.

11 B. [Olavo Bilac], «Registro», *A Notícia*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1905, p. 2, 1.ª-2.ª col.

12 Cf. B. [Olavo Bilac], «Registro», *A Notícia*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1905, p. 2, 6.ª col.

13 Bilac, Olavo, «Crônica», *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1898, p. 1, 2.ª col. Cabe lembrar aos muito jovens que Remington era marca de máquinas de escrever.

população e de tornar a cidade esteticamente mais digna da condição de capital de um país civilizado. As medidas defendidas pelo poeta foram encampadas pelo Estado principalmente a partir de 1902, com a posse do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Pereira Passos.

A partir de sua nomeação como inspetor escolar em 1899, Bilac aproximar-se-ia dos círculos palacianos. Em 1900, fez as vezes de orador oficial durante viagem do presidente Campos Sales à Argentina e, em 1906, foi nomeado pelo barão do Rio Branco secretário geral da III Conferência Pan-Americana, realizada no Rio de Janeiro.

No final de 1908, Bilac encerrou a sua carreira jornalística por sentir-se ofendido pela imprensa, que murmurava contra a sua Agência Americana, instituição destinada a fornecer informações sobre as bolsas estrangeiras aos homens de negócios, particularmente aos exportadores de café. Alguns jornais especulavam sobre o real destino dos vinte e sete contos que o Itamarati reservara ao projeto.

Longe das redações e perto dos palácios, o poeta mudou de opinião a respeito de pelo menos parte de sua produção jornalística. Quando se tornou o principal propagandista da Liga da Defesa Nacional, Olavo Bilac renegou os textos escritos em *estilo leve*, nos quais passou a discriminar um teor potencialmente subversivo. Em 1915, ao agradecer banquete em sua homenagem, oferecido pelo Exército no Clube Militar do Rio de Janeiro, o poeta confessou-se envergonhado da «frívola e irônica literatura, [...] muitas vezes eivada do fermento anárquico», que publicara nos jornais[14].

Segundo testemunho de Eloy Pontes, Bilac haveria deixado instruções em seu testamento proibindo aos herdeiros a publicação dos textos assinados com pseudônimos[15], ou seja, dos textos escritos em estilo leve. De sua perspectiva neoclássica, o poeta acreditava apenas na permanência do estilo sério ou elevado, em que reconhecia maior valor estético; não gostaria que seu nome glorioso

---

14 Bilac, Olavo, *Últimas conferências e discursos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1927, p. 136.
15 Cf. Bilac, Olavo, *Bom humor*, org. Eloy Pontes, Rio de Janeiro, Mandarino, [1940], p. 107.

ficasse associado ao que fora escrito de acordo com os estímulos da realidade circundante e que, por isso, era transitório e menor.

Pode-se afirmar que o trabalho nos jornais não tornou Bilac *menos parnasiano*. Apesar da redundância e das repetições de palavras observadas por Flora Süssekind, o jornalista Bilac, como bom seguidor de Leconte de Lisle (1818-1894), não abria mão da correção gramatical e da perfeita articulação sintática de seus textos. Mesmo os textos satíricos em verso, via de regra assinados por pseudônimos, apresentavam estrofes, metrificação, rimas e ritmo regulares – eram, em suma, parnasianos, apesar de moderadas concessões ao *sermo humilis* (gírias, expressões chulas, coloquialismos etc.)[16], as quais, de resto, eram perfeitamente compatíveis com o estilo baixo da sátira. Em certo sentido, parnasiano não é apenas o estilo sério; parnasiana é, em última instância, a distribuição da obra literária em espécies estilísticas distintas. Assim, as batalhas que o cronista parnasiano Bilac travou na imprensa ajudaram a manter o Parnaso limpo, regular, harmonioso, perfeito.

Neste volume reúnem-se poemas satíricos que Bilac publicou, principalmente em periódicos, de 1887 a 1905. Os textos estão distribuídos de acordo com a forma adotada: poemas herói-cômicos, esquetes, sonetos, odes, crônicas, canções, fábula e epigramas. Cabe esclarecer que, em alguns casos, os versos estão «emoldurados» por trechos em prosa, pois Bilac às vezes os divulgava no bojo das crônicas que publicava a intervalos regulares por compromisso profissional. A propósito, reservamos uma seção para as crônicas versificadas, ou seja, para textos que, apesar das rimas e do ritmo regular, realizaram o comentário bem humorado dos fatos cotidianos, como é próprio da crônica. Precedem o título de cada texto o nome do periódico ou da obra de que foi extraído e a data da sua publicação. Sempre que possível, respeitaram-se a diagramação e a pontuação do jornal, revista ou livro; a ortografia, no entanto, foi atualizada.

Alvaro Simões Junior

---

16 *Vd*. Simões Jr., Alvaro Santos, *op. cit*.

Cronologia de Olavo Bilac

1865

Nasce Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, filho de Brás Martins dos Guimarães Bilac, médico que atuara na Guerra do Paraguai.

1881

Matricula-se no curso de Medicina (Rio de Janeiro).

1883

Publica seus primeiros poemas na *Gazeta Acadêmica*, folha dos estudantes da Faculdade de Medicina.

1884

Divulga o soneto "Nero" na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro.

1885

Artur Azevedo apresenta Olavo Bilac aos seus leitores do *Diário de Notícias*.

1885-1887

Namora Amélia de Oliveira, irmã do poeta Alberto de Oliveira.

1886

Rompe com o pai, abandona o curso de Medicina e inicia a longa amizade com José do Patrocínio, em cuja *Gazeta da Tarde* trabalha como revisor.

1887-1888

Frequenta como ouvinte o curso de Direito em São Paulo. Colabora nos jornais paulistanos *Vida Semanária* e *Diário Mercantil*.

1888

Publica *Poesias*. Retorna ao Rio de Janeiro e colabora em *Novidades* e na *Cidade do Rio*. Põe fim ao namoro com Amélia de Oliveira.

1889

Funda *A Rua*, jornal republicano, com Pardal Mallet, Luís Murat e Raul Pompeia.

1890-1891

Viaja à Europa como correspondente da *Cidade do Rio*.

1891

É nomeado oficial maior da Secretaria do Interior pelo governador carioca Francisco Portela. Em 3 de novembro, o presidente Deodoro da Fonseca fecha o Congresso. Com o bem-sucedido contragolpe de Custódio José de Melo e Floriano Peixoto em 23 de novembro, Bilac perde o cargo.

1892

Publica com José Lopes Trovão e Pardal Mallet *O Combate*, folha de oposição a Floriano Peixoto. Duela com Raul Pompeia, florianista exaltado. Participa de manifestações (e conspirações) pela volta de Deodoro ao poder. Fica detido de abril a agosto.

1892-1893

Colabora na *Cidade do Rio*. Em agosto de 1893, deixa o jornal de Patrocínio para integrar-se à *Gazeta de Notícias*, onde permaneceria até 1908. Vai novamente para a prisão em outubro de 1893 por suposta responsabilidade na publicação de manifesto custodista pela *Cidade do Rio*. Em novembro, foge para Minas Gerais, onde é amparado por políticos deodoristas.

1894

Colabora na *Opinião Mineira*, de Ouro Preto. Percorre arquivos e ruas da capital mineira em companhia de Afonso Arinos. Em julho retorna ao Rio, mas é novamente preso ao desembarcar na estação da Estrada de Ferro Central do Brasil. Publica o folhetim *Sanatorium*, escrito com Carlos Magalhães de Azeredo, na *Gazeta de Notícias* (11 nov. a 12 dez.). *Publica Crônicas e novelas e os Contos pátrios*, escritos em colaboração com Coelho Neto.

1895

Dirige, com o ilustrador português Julião Machado, *A Cigarra*.

1896-1897

Lança *A Bruxa*, nova revista ilustrada dirigida com o auxílio de J. Machado. Participa da seção humorística “O Filhote”, da *Gazeta de Notícias*.

1897

Sucede a Machado de Assis na crônica semanal da *Gazeta de Notícias*. Colabora no jornal paulistano *O Estado de S. Paulo*. Na fundação da Academia Brasileira de Letras, ocupa a cadeira número 15, cujo patrono, por ele escolhido, é Gonçalves Dias.

1898

Publica *Sagres*.

1899

É nomeado inspetor escolar do Rio de Janeiro, cargo em que se aposenta.

1900

Estreia “Registro”, coluna diária de crônicas no vespertino *A Notícia*. Viaja à Argentina como representante da *Gazeta de Notícias* na comitiva do presidente Campos Sales.

1902

Publica a edição definitiva de *Poesia*s, com acréscimo de três livros: *Viagens, O caçador de esmeraldas e Alma inquieta*.

1904

Assume a crônica principal da *Kosmos*. Em abril, viaja para a Europa. Publica *Crítica e fantasia e Poesias infantis*.

1905

Participa das conferências literárias do Instituto Nacional de Música. Publica em coautoria com Guimarães Passos o *Tratado de versificação*.

1906

É nomeado secretário geral da III Conferência Pan-Americana, realizada no Rio de Janeiro. Publica *Conferências literárias*.

1907

Colabora no *Correio Paulistano*. É homenageado no Palace Theatre por seus vinte anos de jornalismo e pelos dez anos da crônica na *Gazeta de Notícias*.

1908

Colabora no *Jornal da Exposição Nacional*. Rompe com a imprensa por críticas à sua agência de notícias Americana. Viaja à Europa.

1909

Discursa na inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

1910

É nomeado delegado do Brasil na IV Conferência Pan-Americana em Buenos Aires. Publica *Através do Brasil*, escrito em colaboração com Manuel Bonfim.

1911

Viaja a Nova Iork. Publica em coautoria com Coelho Neto *A pátria brasileira*.

1913

Eleito por outros escritores Príncipe dos Poetas Brasileiros em promoção da revista *Fon-Fon*!

1915-1916

Conduz campanha da Liga da Defesa Nacional pelo Serviço Militar Obrigatório.

1916

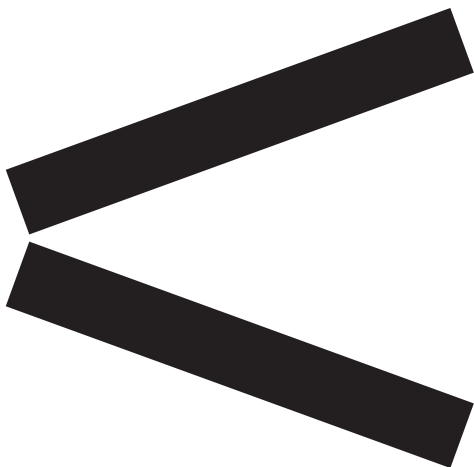
Viaja pela última vez à Europa. É eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

1918

Morre no dia 18 de dezembro, vítima de insuficiência cardíaca, falência dos rins e do fígado e edema pulmonar.

Sátiras

Poemas herói-cômicos

A Notícia, 11 de maio de 1898.

Crônica

Ora, pois, nunca é tarde para glorificar os grandes homens!... Tratemos, se isso vos não perturba a digestão, do delicioso Afonso Coelho, – a estas horas posto em sossego, longe da cadeia[1] de São Paulo, zombando de todos os mastins policiais[2] do Brasil e do mundo!

Afonso, preso em S. Paulo, via, com grande alvoroço, aproximar-se a estação das flores e do amor. Maio ali vinha, portador das mais belas rosas do ano e dos mais belos sonhos da alma... e ele preso, e ele entre as quatro paredes úmidas do cárcere, e ele condenado a ver, através das grades do xadrez, o céu[3] azul fulgurar às carícias do sol, e os jardins se cobrirem do manto rubro das papoulas!

Naturalmente, não foi principalmente isso que desenvolveu na alma de Afonso Coelho, com uma força irresistível, a ânsia da liberdade, o desejo indomável de ser como as aves que podem cruzar o céu[4] e como as abelhas que podem, sem peias, beijar todas as rosas. O que mais exaltou o coração de Afonso, – foi, com certeza, a lembrança de que ali vinha o mês de Maria, o mês das novenas noturnas...

Oh! o mês das novenas! Nas igrejas[5], todas cheias de fulgor das velas acesas, todas ressoantes do barulho festivo dos sinos, – os devotos, ajoelhados e comovidos, embebidos na contemplação da Virgem, têm verdadeiramente a alma longe do corpo, viajando pelo país azul do sonho, – e não cuidam de resguardar do assalto das mãos hábeis as algibeiras... Como perder esse mês? Como ficar na apatia e na miséria da prisão, quando, lá fora, as pessoas, incautas e fartas, andariam desafiando a gula dos companheiros livres?

---

1 No jornal: cadea.
2 *Idem*: policiaes.
3 *Idem*: céo.
4 *Idem*: céo.
5 *Idem*: egrejas.

Afonso não hesitou: chamou em auxílio seu a inteligência vasta e profunda que Deus lhe deu, e, varando o teto do xadrez de S. Paulo, veio cair, regaladamente, no seio vasto e amoroso da Liberdade...

Haverá talvez quem diga que esse herói[6] não merece as apoteoses da *Crônica*... Eu, por mim, sou da opinião de A. A.[7] d'*O País*: «Afonso é admirável!».

Andamos tão fartos de gatunos reles, que achar um gatuno acabado, de esperteza capaz de bater a esperteza de uma polícia astuta, é achar uma *avis rara in gurgite vasto*...[8]

Se pasmamos, quando ouvimos um Tamagno[9] emitir do peito um *dó* que não pode sair do peito de nenhum mortal; se nos ajoelhamos, quando lemos, em Shakespeare, versos que todos nós juntos não saberíamos nunca escrever; se nos boquiabrimos, quando vemos um Bismarck[10] atrapalhar toda a política de todo um continente, – como não pasmaremos, como não nos ajoelharemos, como não nos boquiabriremos, quando vemos um sujeito furtar e fugir, como nunca jamais ninguém furtou e como nunca jamais ninguém fugiu?![11]

Não! Quem tem razão é um poeta do meu conhecimento, que, inspirado pelos altos méritos de Afonso Coelho, acaba de parodiar, em seu louvor, os *Lusíadas*...

E, para que todo o mundo fique fazendo ideia[12] do que é esse glorificador poema, aqui transcrevo, com a devida vênia, um trecho dele:

---

6 *Idem*: heróe.

7 Artur Azevedo.

8 *Avis rara in gurgite vasto*: uma ave rara no abismo imenso.

9 Francesco Tamagno (1851-1905), cantor lírico italiano. Tenor de voz potente e vibrante, excursionou pela América do Sul.

10 Otto von Bismarck-Schönhausen (1815-1898), estadista alemão. Conduziu o processo de unificação da Alemanha (1864-1871) em favor da Prússia. Durante vinte anos, foi personagem central da diplomacia europeia com o objetivo de obter o isolamento da França.

11 No jornal: fugio.

12 *Idem*: idéa.

I

Agora tu, Calíope, me ensina
O modo de cantar o ilustre Afonso:
Inspira imortal canto e voz divina,
Não em latim cerrado de responso,
Mas em linguagem clara e peregrina[13],
Que, digna sendo do Coelho sonso,
A sua fama espalhe em toda parte,
Se a tanto me ajudar engenho e arte!

II

Glorioso seja o ventre abençoado,
De onde veio à existência este sujeito!
Homem nunca se viu tão acabado,
Nunca se viu[14] patife tão perfeito,
Como este Afonso, que o valor ousado
Tendo claro e a fartar no ilustre peito,
Conhece o meio de alegrar a gente,
Cousas que juntas se acham raramente.

III

Certo não faltam falsificadores,
Estradeiros de engenho extraordinário,
Pesadelos eternos dos credores,
Sacerdotes do conto do vigário,
Espantalhos cruéis dos cobradores,
– Assombros do sistema planetário:
Mas cesse quanto a antiga Musa canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!

---

13 *Idem*: perigrina.
14 *Idem*: Homem nunca se vio tão acabado / nunca se vio.

IV

Fadado a ser da humanidade o espanto,
Este nasceu na terra das palmeiras;
Do berço, ouviu dos sabiás o canto
Sobre as copas das verdes laranjeiras;
E foi tão grande, e tanto,
Que o seu nome, das praias brasileiras,
Foi derramado pela Fama clara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara...

V

Ah! se a mão de um soldado furibundo
Te esmagar na cadeia o altivo empenho,
– Digno de eterna pena do profundo,
(Se é justa a justa lei que sigo e tenho)
Nunca juízo algum alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho
Lhe dê por isso fama, nem memória:
Mas com ele se acabe o nome, e a glória!

VI

Tu, levado à polícia, assombras tudo...
Todos se atilam, quando compareces...
E, em pé, defronte do escrivão sisudo,
Falas, bracejas, gesticulas, cresces,
E, de repente, ficas quedo e mudo,
E te dissipas e desapareces...
– E o delegado fica mudo e quedo,
Qual junto de um penedo outro penedo.

VII

A ti, fantasma, o cárcere que importa?
Que importa a pena de prisão escura?
Se tu morresses, tua carne morta
Fugiria através da sepultura!

Como qualquer de nós por uma porta,
Passas sutil por uma fechadura!
– Ah! que a Musa te aponte ao Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso!

VIII

Nunca deixas de achar caminho franco,
Voas como um ginete desbocado
Para quem não há cerca, nem barranco...
E, ora através das telhas do telhado,
Ora no dorso de um cavalo branco[15],
Vais[16] deixando o ridículo espalhado
Pela polícia que jamais te prende,
E a quem tua ousadia tanto ofende...

IX

É que só vence aquele que, constante,
No praticar e no estudar porfia;
Tu, para a fama conquistar, brilhante,
Trabalhaste e estudaste todo o dia:
«A gatunice especial prestante,
Não se aprende, ó mortais[17], na fantasia,
Sonhando, imaginando e vadiando,
Senão vendo, tratando e pelejando!»

X

Quando nasceste, dizem que a parteira
Amimou-te, banhou-te... e, já vestido,
Deixou-te às voltas com a mamadeira...
E deixando-te, infante, adormecido,

---

15 Após sua primeira detenção, Afonso Coelho desvencilhou-se da escolta que o levava ao Tribunal e fugiu montado num cavalo branco preparado por comparsas.
16 No jornal: vaes.
17 *Idem*: mortaes,.

– Ao sair, deu por falta da carteira:
Tinha a carteira desaparecido!
Digam agora os sábios da Escritura
Que segredos são estes da Natura...

XI

Hás de viver, hás de[18] viver, Coelho!
Já, em louvor da tua agilidade,
Escovo a lira e as rimas aparelho[19].
Diante da tua glória, a Humanidade
Curva, admirada, o trêmulo joelho:
Hás de[20] viver por toda a Eternidade,
Mais que o doutor Antônio[21], ousado e forte,
E outros em que poder não teve a morte!

Resta agora saber se Afonso Coelho perdoará o poeta... Mas, enfim, que vingança pode o famigerado ratoneiro exercer sobre um pobre diabo, cujas algibeiras andam sempre mais chupadas do que as tetas do Orçamento da Pátria?

FLAMÍNIO

18 *Idem*: Hasde viver, hasde.
19 Introduz-se aqui o necessário ponto final porque se supõe erro de composição ou revisão por parte do jornal.
20 No jornal: Hasde.
21 Doutor Antônio, célebre assaltante.

A Notícia, 17 de agosto de 1898.

Dona Inês de Castro

Quitandeira

Senhores meus! bem queria eu falar-vos da festa de Nossa Senhora da Glória, da falta de água, das próximas festas de 7 de setembro... mas

> Cesse tudo que a musa antiga canta,
> Que outro valor mais alto se alevanta

Oh! que assunto, que assunto este!... É possível que o não tenham lido, ontem, na *Gazeta de Notícias*, que o publicou com todas as minúcias e todo o colorido. Resumindo-o: é bom que a História não deixe de conhecer este caso extraordinário.

Na Cancela, em S. Cristóvão, vivia um casal de quitandeiros. E era uma delícia a vida deles, – dizem-no todos os vizinhos. Nem Adão e Eva, nas verduras do Paraíso, tinham tanta paz como a que tinham aquelas duas almas nas verduras da quitanda da Cancela. O negócio prosperava. O marido (Joaquim) ia ao mercado, comprava as cenouras, as nabiças, as couves, as laranjas, os tomates, os aipins, as bananas, e vinha para casa dispor tudo isso artisticamente nas prateleiras, e vender tudo isso aos fregueses, com grande lucro. A mulher (Inês de Castro) varria a quitanda, lavava as ervas, arrumava as frutas, tratava da cozinha, e guardava o dinheiro, – porque o Joaquim tinha nela uma confiança mais vasta do que uma cidade e mais firme do que uma montanha.

Mas, assim como no Paraíso o Demônio tentou Eva, também na quitanda da Cancela o jogo dos bichos tentou a Inês. E anteontem, quando o Joaquim perguntou à mulher pelas economias, a Inês fez-se pálida, confessou que tinha perdido tudo na cobra e no camelo, e, para não ser moída a pau[1], pôs-se ao fresco.

---

1 No jornal: páo.

Eu poderia bem fazer, na minha prosa, o comentário deste sucesso... Mas não quero! Há cousas que só podem ser cantadas em verso, na linguagem de ouro e cristal de Apolo. Assim, recorri a um grande poeta meu amigo, que, atendendo ao nome da heroína, parodiou, para celebrar o caso, o canto 3.º dos *Lusíadas*.

Camões, o imortal, cantou Inês de Castro, a amorosa infeliz, e bem pode prestar-se agora a cantar Inês de Castro, a infeliz quitandeira. Entre a desgraça daquela que

> inda depois de morta foi rainha

e a desta, que depois de ser quitandeira deu em bicheira, não sei qual é a maior, qual a mais digna de piedade e lágrimas.

Quitandeira desgraçada! Não ficarás sozinha no meio da rua! Contigo, fazendo-te companhia e consolando-te, ficarão estes versos sublimes, – para salvação da tua memória!

Tem a palavra o grande poeta:

CXIX

Tu, só tu, puro amor... (Ai! que me espicho!
Tu não foste...) A esta pobre Inês amiga,
Quem vítima tornou do seu capricho,
Que os corações humanos tanto obriga,
– Foste tu, imortal Jogo do Bicho!
Nem com lágrimas tristes se mitiga
A sede atroz com que, áspero e tirano,
Vais chupando e engolindo o sangue humano.

CXX

«Estavas, pobre Inês, posta em sossego,
Da quitanda colhendo o doce fruito,
Naquele engano d'alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
E na Cancela foi (não no Mondego),
Da quitanda no palco nunca enxuito,
Que às bananas mostraste e às laranjinhas
O palpite que n'alma escrito tinhas!

CXXI

Do marido Joaquim ali guardavas
O cobre que os fregueses lhe traziam;
E sempre entre os legumes que mercavas
E os níqueis[2] de tostão que eles rendiam,
Tu, quitandeira honesta, prosperavas...
E ao teu lado as alfaces rescendiam...
E não havia, na cidade inteira,
Mais inocente e casta quitandeira...

CXXII

De outras belas Senhoras e Princesas
Não invejavas sedas e alegrias,
Nem carros, nem veludos, nem riquezas:
Bastavam-te agriões e melancias!
– E vendo essas tranquilas estranhezas,
E invejando o sossego em que vivias,
A bicharia pérfida e atrevida
Matou-te a calma e corrompeu-te a vida.

---

2 No jornal: nickeis.

CXXIII

Miava o gato nos teus sonhos: rouco,
Regougava o leão; mugia a vaca;
O macaco saltava, ágil e louco;
Silvava a cobra pérfida e velhaca;
Foste perdendo assim, a pouco e pouco,
O senso, oh dama delicada e fraca!
– De vinte e cinco bichos sitiada
Que pode fraca dama delicada?!»

CXXIV

Dos bicheiros ao bolso foi cedendo
Todo o cobre do mísero marido;
E quanto mais a Inês ia perdendo,
Mais a adorava o estúpido iludido...
Mas houve um dia desgraçado e horrendo,
Em que por fim, do dolo esclarecido,
Fulo de raiva e tonto, o quitandeiro
Perguntou à mulher: – Que é do dinheiro? –

CXXV

Para o céu[3] cristalino alevantando
Com lágrimas os olhos piedosos,
E no chão da quitanda despejando
Um cesto de quiabos saborosos,
Depois, nos espinafres atentando
Que tinha tão verdinhos e mimosos,
A pobre Inês inanimada e fria
Para o cruel Joaquim assi dizia:

---

3 No jornal: céo.

CXXVI

«Ó tu que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O teu dinheiro a quem soube vencê-la)
– Às couves e aos repolhos tem respeito,
Pois o não tens à sorte escura dela!
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois não te move a culpa que não tinha!»

CXXVII

E assi como a cenoura que cortada
Antes do tempo foi, na sua roça,
(Sendo das mãos calosas maltratada
Do lavrador que a trouxe na carroça)
O cheiro traz perdido e a cor mudada,
Tal ficou triste a quitandeira moça:
E por fugir do bruto à raiva crua,
Pegou nas trouxas e pulou p'ra a rua...

CXXVIII

Couves e quingombôs a fuga escura
Longo tempo chorando memoraram,
E em quibebes, em sopas de verdura,
E em grossos ensopados se mudaram;
A memória de Inês inda perdura,
Com os palpites de Inês que a desgraçaram;
E tudo chora a Inês, maluca e bela,
Na quitanda da rua da Cancela!

E, depois disto, para que serve a minha prosa?

O. B.

Esquetes

Cidade do Rio, 15 de junho de 1893.

Crônica

A propósito do *Tartufo*
Molière e o senador Américo Lobo
Uma tradução inédita

O senador Américo Lobo acaba de traduzir o *Tartufo*[1]. Em primeiro lugar[2], é preciso felicitar a pátria.

Quando um senador, na vida atribulada política, ainda encontra vagar e paciência para se fechar a sete chaves, no recanto doce da poesia, em confabulação amorável com as musas, bem vai[3] a pátria, e bem vão os negócios públicos.

Depois, antes de entrar para o domínio da crítica literária, a tradução do Sr. Américo Lobo tem de fornecer assunto à crônica. Eu não estou aqui para outra coisa, meus amigos! Mal comparando, sou como a bela figura da casa Psyché, posta ao alto da parede, no meio da rua. Olho para o céu[4] e seguro um espelho. Vem a política, vem a arte, vem a ciência, vêm os casos graves, vêm os casos fúteis, – e tudo se reflete, passageira e fugazmente, no espelho que tenho à mão. Tenha paciência Molière, e tenha paciência o Sr. Américo Lobo. Tudo vem ter aqui, na encruzilhada da Crônica, por caminhos complicados e vários.

Mas, entenda-se: *O Tartufo* brasileiro que o Sr. Senador Lobo acaba de atirar à onda grossa da publicidade, está, nesta coluna, livre de análise literária. Eu mal sei alinhavar duas frases, e não me atreveria a discutir a metrificação de um senador da República, – que,

---

1 Américo Lobo Leite Pereira (1863-1903), parlamentar governista e poeta, publicara pela tipografia Pereira, de Juiz de Fora, uma tradução em versos alexandrinos da obra de Molière.

2 No jornal: logar.

3 *Idem*: vae.

4 *Idem*: céo.

além dessa alta posição, tem a de ser irmão de um ministro de Minas Gerais[5], – terra farta e próspera que nos manda, simultaneamente, com uma prodigalidade de nababo, um Lobo para o ministério, um Lobo para as letras, queijos para o mercado e o Sr. Rodolfo de Abreu[6] para o Congresso. Pouco me importa, por isso, que a metrificação do Sr. senador seja impecável como a de um parnasiano, ou ziguezagueante[7] como a de um nefelibata. O que faço é apenas descer, – como mergulhador social, – ao fundo misterioso do caso, indagando-lhe as causas primeiras e aprofundando-lhe a essência...

* * *

Quando se espalhou pela cidade a notícia de que estava dada à publicidade a tradução do Sr. Américo Lobo, um jornalista maldizente insinuou que S. Ex. se havia passado para a oposição, uma vez que não hesitava em ressuscitar Molière, nestes tempos que estão pedindo o cáustico de fogo da sua ironia cruel. Fui dos primeiros a golpear a insinuação perversa.

Em primeiro lugar (notei eu) a tradução do Sr. Américo Lobo, senador da República, não é dedicada ao Sr. vice-presidente da República[8]. Se S. Ex. quisesse fazer uma arma política da sua tradução d'*O Tartufo*, – transformando cada rima numa flecha ervada, – a primeira condição para não errar o alvo seria aprumar as flechas para o nome do chefe do Estado. E, em segundo lugar, eu já li toda a tradução, verso a verso, rima a rima. É inócua. Inócua e pouco fiel. O tradutor levou a sua boa vontade, para com o chefe do Estado, até ao extremo de sacrificar Molière, preferindo adulterar o segundo a ofender o primeiro.

---

5 Fernando Lobo Leite Pereira (1851-1910), ministro da Justiça e Negócios Interiores.
6 Rodolfo Ernesto de Abreu (1858-?), deputado governista, foi um dos principais aliados de Floriano durante a Revolta da Armada.
7 No jornal: zigzagueiante.
8 Floriano Peixoto.

A verdadeira tradução do *Tartufo* ainda não foi publicada. E ainda estaria sepultada na obscuridade do anonimato, se eu, piedosamente, não fosse agora tirar de lá um pequeno trecho que ofereço à admiração do leitor.

* * *

O autor é um poeta modesto que ainda não logrou a glória da publicidade larga. Não serei eu quem lh'a dê.

O nosso poeta traduziu *O Tartufo* com uma tal fidelidade, que o Sr. vice-presidente da República, se o conhecesse, dar-se-ia pressa em mandá-lo versejar, como Tasso, no pacífico recanto de um cárcere[9].

Escolherei que cena? A cena II do ato III... Para que se veja com que fidelidade foi feita a tradução, peço ao leitor que não a leia, sem ter ao lado o original. Antes, porém, é preciso que o leitor suponha: 1.º que Dorina, a brejeira criada[10] se chama Verdade; e 2.º que Elmira – a formosa moça cobiçada por Tartufo[11], se chama – Constituição[12].

9 Torquato Tasso (1544-1595) ficou encarcerado por sete anos (1579-1586) em virtude de problemas mentais.
10 No jornal: creada.
11 Corriam rumores na cidade do Rio de Janeiro de que o vice-presidente da República, em companhia do chefe de polícia, visitava prostíbulos. Seu objetivo, segundo esses rumores, não seria o de fiscalizar a salubridade desses *estabelecimentos*.
12 Floriano fora denunciado na Câmara dos Deputados por crime de responsabilidade. O deputado baiano José Joaquim Seabra (1855-1942) acusava o vice-presidente de violar a Constituição: 1) por levar a repressão ao golpe de abril de 1892, que deveria restringir-se à prisão e ao desterro, à demissão de lentes vitalícios dos colégios e faculdades e à reforma de oficiais do Exército e da Armada; 2) por criar, mediante fusão dos bancos do Brasil e da República dos Estados Unidos do Brasil, um banco emissor, atribuição exclusiva do Congresso; 3) e por promover recrutamento militar com emprego de força física.

Ato III, Cena II

(A cena passa-se no saguão do Itamarati[13])

Tartufo

(sai de casa e fala para alguém que fica dentro)

Aprontem-me o cilício acerbo do despacho
Com o que o espírito animo e as carnes esborracho...
Meus ministros fiéis, se alguém me procurar,
Digam que volto já! Digam que fui rezar!

Dorina *(à parte)*

Que dissimulação e que velhacaria!

Tartufo *(vendo-a)*

Que quer?

Dorina

Quero dizer à Vossa Senhoria...

Tartufo

Como?

Dorina

Quero dizer ao senhor marechal...

Tartufo

(vendo que Dorina está decotada e, interrompendo-a, dá-lhe um lenço)

Devagar! fujo sempre às tentações do mal!
Que impudor singular! despejo dos despejos;
Andar de colo à mostra a provocar desejos!...

---

13 Sede do Poder Executivo até 1897.

Dorina
É que eu sou a verdade! e a verdade, senhor,
É como a arte, que é casta e nunca tem pudor.

Tartufo
Cubra-se com este lenço! O justo evita o crime,
E arde de amor ideal, na sua fé sublime...

Dorina
Cubro-me marechal; desculpe a tentação...
Não compreendo o pudor; vê-lo-ia, como Adão,
Nu da cabeça aos pés, em pleno paraíso,
Sem arder de paixão, sem perder o juízo.

Tartufo *(afastando os olhos)*
Oh!...

Dorina
Só quem no disfarce a alma escondida traz,
Não faz à luz do sol o que às ocultas faz...

Tartufo *(indignado)*
Senhora, mais pudor! mais modéstia, senhora!
Se persiste em perder-me, indigno-me e vou-me embora...

Dorina *(detendo-o)*
Perdão! que o deixo em paz. Um só momento! um só!
Dona Constituição anda arrastada ao pó:
....
Vem o Nilo Peçanha[14] e apalpa-lhe o cachaço;

14 Segundo Bilac, Nilo Peçanha (1867-1924), seu companheiro de geração, era o *enfant gaté* da deputação fluminense, que, apesar de fazer discursos com disparates, entusiasmava as turbas da cidade de Campos com sua «voz melíflua». Fantasio. Crônica do frio. *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 2 jun. 1893. p. 1, col. 1-2.

Outro apalpa-lhe o queixo, outro apalpa-lhe o pé,
Outro convida-a a... Basta! escute-a por quem é:
Ela anda a passear o seu pesar sombrio,
Da rua da Assembleia ao largo do Rocio.
Foi ao Congresso; veio ao Itamarati.
Insultaram-na lá: riram-se dela aqui.
E a pobre, a tropeçar de desgraça em desgraça,
Chegou hoje a dizer que quer assentar praça,
Só para desertar e seguir para o Sul...[15]

TARTUFO *(pensativo)*
Mande entrar, mande entrar...

(Entra Elmira)

CENA III

TARTUFO
(juntando as mãos, num arroubo de entusiasmo)
Ó minha pomba exul![16]
Doce Constituição que libertei da morte!
A que mágoa, a que dor te leva a tua sorte,
Que queres tu de mim? que queres tu de mim?
Com o rosto a fulgurar repleto de saúde,
Com a alma a fulgurar repleta de virtude...

15 No Rio Grande do Sul, o governo castilhista, que contava com o apoio de Floriano Peixoto, era combatido por tropas revolucionárias constituídas por integrantes do Partido Federalista e de outras correntes oposicionistas. Júlio de Castilhos (1860-1903) tomara o poder com um golpe em 17 junho de 1892. No dia seguinte, transmitiu a Presidência a Vitorino Monteiro, que três meses depois foi por sua vez substituído por Fernando Abbot. Os editoriais da *Cidade do Rio*, escritos por José do Patrocínio, eram simpáticos aos federalistas.
16 O *Dicionário Houaiss* consigna esse adjetivo como paroxítono: *êxul*. Provavelmente, o poeta preferiu a forma oxítona para obter rima.

Elmira

Obrigada, obrigada. Uma cadeira.

Tartufo

(apresentando-lhe uma cadeira)

Pronto

De que te queixas? vês-me alucinado e tonto:
Eu, teu pai,[17] eu que um dia, ardendo em fúria e em ódio,
Em Santa Alexandrina, aplaudi o Custódio
Que, por te defender, bombardeava a cidade:
Eu, que para salvar a tua castidade,
Daria o Valadão,[18] o Gabino Besouro,[19]
O Artur,[20] o Quintanilha[21] e as arcas do Tesouro:
– Acabo de saber que te vês perseguida,
Doce Constituição! vida da minha vida!
Que te fazem?

Elmira *(baixando os olhos)*

Senhor... veja Vossa Excelência!
Coisas de arrepiar, coisas contra a decência!
Querem fazer de mim, – lei pudica e donzela, –
Uma constituição de alcouce e de viela...

---

17 No jornal: pae.

18 Tenente-coronel Manuel Presciliano de Oliveira Valadão (1849-1921), deputado governista, foi secretário da Presidência da República e posteriormente chefe de polícia do Distrito Federal.

19 Major Gabino Besouro (1851-?), governador de Alagoas.

20 Artur Vieira Peixoto, funcionário de gabinete do ministério da Guerra, era cunhado e primo de Floriano. Redatores da *Cidade do Rio* chamavam-no maldosamente de mordomo do Itamarati.

21 Porteiro do palácio presidencial.

Tartufo
(ajoelhando-se aos pés dela, e cruzando os braços sobre os seus joelhos)
Infames!

Elmira
De viela em viela, de esquina
Em esquina, como uma hedionda Messalina...[22]

Tartufo *(com os olhos brilhando)*
Que dizes?

Elmira
Cada qual me traz os seus desejos:
Luto... caio vencida e manchada de beijos!

Tartufo
(apalpando a fazenda do vestido de Elmira)
Que bonita fazenda! É cassa esta fazenda?

Elmira
Como?

Tartufo
Vejo o teu vestido. Esta barra é de renda?
Continua.

Elmira *(levantando-se)*
Compreendo. Inveja o presidente
O destino feliz de toda a sua gente.
E quer também dançar sobre o meu corpo, em festa,

---

22 Valeria Messalina, imperatriz romana (c. 25-48 d. C.). Notabilizou-se por sua vida dissoluta.

À giga da luxúria, a bacanal funesta.
Pronta estou, marechal! A que horas quer?

TARTUFO

Caluda!

(Vai à porta e cautelosamente examina toda a rua.)
Rua Larga de São Joaquim[23], sê surda e muda!
(Voltando para junto de Elmira.)
À meia noite, aqui.

ELMIRA

Adeus!

(Sai, rindo)

TARTUFO

Adeus!

(Entram oficiais ajudantes de ordens, cadetes, soldados, deputados etc. Tartufo continua a falar, voltando-se para eles)
Senhores!
Para domar a sorte e avassalar as dores,
Desdentar a calúnia e desarmar a intriga,
É preciso que um chefe, imaculado, siga
A trilha do dever...
... Desejo-vos saúde!
Respeitemos a lei e amemos a virtude!

* * *

Não acham que a tradução é boa? Se é menos artística que a do Sr. Américo Lobo, é pelo menos muito mais fiel.

FANTASIO

23 Endereço do palácio presidencial.

Cidade do Rio, 23 de junho de 1893.

Crônica

Tradução inédita do *Hamlet*

Quem há por aí que não tenha traduzido o *Hamlet*? Há certos poemas, como certos indivíduos, que são uma sorte de *cabeça de turco*, em que tradutores e polemistas novatos vêm, antes de entrar em combate mais sério, exercitar o músculo e afeiçoar o nervo. O *Hamlet* é para os tradutores que ensaiam o vôo, o que para os jornalistas estreantes foi, por dilatados e amargurados anos, aquela deliciosa alma cristã de Octaviano Hudson[1] – o poeta da *Musa do Povo*, cujas rimas eram mais pobres do que Job porque Deus quisera que toda a riqueza do rimador lhe ficasse encerrada no coração. Cada jornalista, para saber primeiro a que diapasão podia chegar a sua verve, frechava de frases e de remoques a basta cabeleira nazarena do pálido bardo. Quanto ao *Hamlet*, basta dizer que até um rei, o bom Luís I, o escorchou longamente numa tradução, enchendo com a vastidão desse trabalho ingrato a solidão do velho paço das Necessidades.

Que muito é, pois, que um poeta anônimo, (como convém à modéstia do gênio) se tenha também abalançado a essa tarefa?

Trago a público um trecho dessa tradução inédita. É o monólogo de Hamlet[2]. Não sei por que extravagante fantasia fez o tradutor que a cena do monólogo se passe em uma sala do Itamarati. Não sei ainda, também, porque Hamlet no diálogo com Ofélia lhe fala, como se estivesse falando à Constituição. Originalidades.

---

1 Otaviano Hudson (1837-1886), autor de *Peregrinas* (1874), livro prefaciado por Fagundes Varela.

2 O monólogo do príncipe da Dinamarca era encenado nos intervalos dos espetáculos que a companhia do teatro D. Maria II, em excursão pelo Rio de Janeiro, apresentava no palco do São Pedro de Alcântara. No mês de junho de 1893, a peça foi colocada em cartaz.

* * *

Que tem Shakespeare com a República?

Logo depois de 15 de novembro, choveram publicações elucidando o caso da arquigloriosa jornada que terminou pela vitória do Exército e da Armada em nome da Nação. Cada qual dos combatentes dessa memorável batalha, correu a reclamar para si uma parcela da responsabilidade, uma molécula das aclamações, um átomo da justiça histórica.

Ficou-se então sabendo uma cousa: é que a República fora feita por todos, uma vez que todos juravam tê-la feito. Pois bem. Entre os doze milhões de nomes, que apareceram à tona da lagoa da glória, não me recordo de ter visto o nome de Shakespeare.

Creio mesmo, firmemente, que o divino homem, de cujo cérebro, como de uma rocha abençoada, tantos rios fertilizadores rebentaram, – nunca teve a estulta pretensão de ter feito, entre tantas coisas, uma coisa estupenda e aprimorada como esta República.

Se não sei que semelhança achou o tradutor entre o castelo de Elsenor, encarapuçado em brumas sinistras, com terraços de lages habituadas ao passo leve de fantasmas, e o paço do Itamarati, – também não chego a compreender que ponto de contato descobriu ele entre Ofélia e a Constituição. Porque, enfim, Ofélia, se resvalou, desmaiada, pelo fio da água limpa de uma ribeira, não foi nunca emborcada, como a Constituição, no mangue das ajudas de custo[3] e das transações a Cornelius Herz[4].

3 O conflito no sul no sul do país dificultou a permanência no poder de Floriano que, para obter apoio, pagou ajudas de custo a aliados e simpatizantes.

4 Cornelius Herz (1845-1898), influente homem de negócios francês, envolveu-se na fracassada tentativa francesa de construir no Panamá um canal que ligasse o Atlântico e Pacífico. Com um esquema de corrupção sem precedentes, a companhia do canal lançou no mercado títulos sem lastro com o aval das Câmaras, cujos parlamentares haviam sido subornados. Em 1894, Herz foi condenado na França a cinco anos de prisão, pena que não chegou a cumprir porque a Inglaterra, país onde se abrigara, recusara-se a extraditá-lo em atenção à sua saúde precária.

* * *

Mas não quero ocultar que o meu tradutor é um literato da oposição. E já repararam como esse gênero escasseia agora no mercado? Os romancistas psicologistas, à Bourget, vão para a diplomacia. Os romancistas de estilo arabescado e belo, à Goncourt, vão para a Estatística. Os poetas deliquescentes, à Mallarmé, vão para guarda nacional[5]. Que resta? Meia dúzia de gatos pingados das letras, como este tradutor de Shakespeare, a quem furtei o trecho que se segue:

Ato III – Cena I

(Uma sala no palácio do Itamarati. Hamleto entra vagarosamente e para no meio da sala. Apoia o queixo na palma da mão direita, fica com a mão esquerda metida na abotoadura da sobrecasaca, e balança uma perna, meditabundamente)

Hamleto *(monologando)*

Ser ou não ser... Minh'alma, eis o fatal problema!...
Que deves tu fazer, nesta angústia suprema,
Alma forte? cair, degringolar no abismo?
Ou bramir, ou lutar contra o federalismo?[6]
Morrer, dormir... dormir... ser deposto... mais nada!
Oh! a deposição é o patamar da escada...
Ser deposto!... Rolar por este abismo, às tontas...
(Depois de longa meditação)

---

5 A ascensão de Floriano ao poder espalhou a discórdia entre os escritores cariocas. De um lado, Bilac, Pardal Mallet, Luís Murat e José do Patrocínio faziam carga contra o *ditador*. De outro, Paula Ney, Artur Azevedo, Araripe Jr. e Raul Pompeia (1863-1895) apoiavam-no. Em 1893, o autor das *Canções sem metro* (1881) e do *Ateneu* (1888), deixara cargo que ocupava no *Diário Oficial* para assumir a Repartição Geral de Estatística.

6 O auxílio do governo federal a Júlio de Castilhos, que apoiara o golpe de Deodoro em 1891, foi, a princípio, tácito e cauteloso. Depois, o Exército reforçou cada vez mais decisivamente as tropas castilhistas, pois Floriano temia o parlamentarismo propugnado pelo chefe federalista Gaspar Silveira Martins.

E o câmbio?[7] E o Vitorino?[8] E o Tribunal de Contas?[9]
(Outra meditação)
Morrer, dormir... dormir? sonhar talvez!... Que sonho?
Que sonho? a reeleição![10]
(Nova meditação)
Se os batalhões disponho
Com jeito, e os afeiçôo às ambições que sinto,
Venço... E esta opinião é a do Moreira Pinto![11]
(Cai[12] numa reflexão profunda)
Mas, enfim, para que ser novamente eleito?
Se não fosse o terror... Se não fosse o respeito
Que a morte inspira, e o horror desse sono profundo...
Ah! quem suportaria os flagelos do mundo,
O ódio do Juca Tigre[13]; o armamento estragado;
A petulância atroz do tenente Machado[14];
O comércio que morre; a indústria que adormece;

---

7 Com a guerra, o país passava por sérios problemas financeiros, que se refletiam na cotação da moeda nacional.
8 Vitorino Ribeiro Carneiro Monteiro (1859-1920), deputado governista e homem de confiança de Castilho, fora indicado para ser ministro plenipotenciário do Brasil no Uruguai. A nomeação dependia de aprovação de licença pela Câmara dos Deputados, que adiava sucessivamente a votação. Temia-se que Floriano procurasse obter a qualquer preço o apoio do país vizinho no combate aos federalistas, que se internavam no território uruguaio para fugir à repressão castilhista e restabelecer as forças. Apesar desse retardo, Monteiro ocuparia o cargo até março de 1895.
9 Floriano planejava reformar o Tribunal de Contas. Um governo com gastos em expansão permanente não se sentia muito à vontade com o exame criterioso de suas contas.
10 Especulava-se que Floriano pretendia permanecer no poder até 1898. Argumentos não lhe faltavam, pois a instabilidade política provocada pela revolta federalista tornava possível sugerir o adiamento das eleições previstas para 1894.
11 Alfredo Moreira Pinto, um dos signatários do Manifesto Republicano de 1870.
12 No jornal: cae.
13 Juca Tigre, herói da Revolução Federalista.
14 Manuel Machado Soares, veterano da Guerra do Paraguai. Em menor número e com armamentos e suprimentos inferiores aos das tropas castilhistas, os federalistas tentavam superar seus inimigos com arriscados ataques de cavalaria feitos de surpresa.

A lavoura que míngua; o déficit que cresce
Horrivelmente como a estéril tiririca;
A bravura do Moura;[15] o gênio do Oiticica;[16]
– Oh! quem resistiria a tanto, de alma forte,
Se não fosse o terror do ostracismo e da morte?
(Pausa)
O ostracismo... – região triste e desconhecida,
D'onde nenhum viajor voltou jamais à vida...
Ah! eis o que perturba... Ah! eis o que entibia
A coragem maior e a maior energia!...
(Entra Ofélia)
Aí vem a bela Ofélia...
(Voltando-se para ela)
Anjo! quando rezares,
Nunca peças a Deus pelo Silva Tavares...[17]

OFÉLIA
Meu senhor, como está?

HAMLETO
Bem, obrigado, filha!
Viste se estava à porta o nosso Quintanilha?

OFÉLIA
Não vi, não, meu senhor. Tenho de Vossa Alteza
Doces prendas de amor que me enchem de tristeza...
Ah! não quero avivar, guardando-as, a saudade...

---

15 General Francisco Antônio de Moura (1839-1910), ministro de Estado dos Negócios da Guerra, comandou as tropas federais contra a Revolução Federalista.
16 O alagoano Francisco de Paula Leite e Oiticica ocupava a cadeira de senador que Floriano abandonara para assumir o governo.
17 General João Nunes da Silva Tavares, republicano histórico e principal líder federalista.

Hamleto

Não te dei nada!

Ofélia

Deu! Deu-me a elasticidade,
Com que me transformei numa lei de borracha!
Hoje, dentro de mim, o sofisma se agacha,
Meu senhor! A que mais devo eu este prodígio,
Senão ao seu amor, senão ao seu prestígio?

Hamleto

Dize, Constituição! Tu és republicana?

Ofélia

Meu senhor...

Hamleto

Dize mais! É norte-americana?

Ofélia

Príncipe...

Hamleto

Meu amor, parte para Chicago...[18]
Olha! eu nunca te amei! Se um sonho idiota e vago,
Um dia te incutiu tal cousa na cabeça,
Que te deixe esse sonho, e essa ilusão te esqueça:
– Varre o sonho, criança...[19] Homem nenhum merece
Um juramento, um beijo, um suspiro, uma prece...

---

18 Nessa cidade norte-americana, realizava-se uma grandiosa exposição universal, a World's Fair. O evento servia à divulgação da prosperidade dos EUA, país que conseguia obter o desenvolvimento econômico sem abrir mão do regime republicano. O governo organizou uma comissão que compareceria à Exposição de Chicago munida de polpudas ajudas de custo.

19 No jornal: creança.

Ofélia

Iluminai-lhe a mente,
Poderes celestiais!

Hamleto

Sou vice-presidente?
Sou presidente? Sou ditador? Sou cacique?
Oh! que paralisada a minha língua fique,
Se te minto. Não sou mais do que um homem. Parte!
Que é de teu pai?[20]

Ofélia

Não sei.

Hamleto

Devia acompanhar-te.
A lei, neste país, não pode andar sozinha...
Parte para Chicago! A tua dor é a minha:
É a dor que anda a chiar em toda a vida humana!
Parte para a imortal nação americana!
Parte para Chicago!

(Olha fixamente para Ofélia)

Ah! entendo o teu susto:
Não tens dinheiro? Toma esta ajuda de custo!
São cem contos de réis... Prostituo, mas pago.

(Vai saindo)

E adeus, Ofélia! Vai![21] Parte para Chicago!...

Fantasio

20 *Idem*: pae.
21 *Idem*: Vae.

Gazeta de Notícias, 5 de abril de 1895.

Um Poema

Não tenho querido até hoje abrir esta coluna às produções dos jovens poetas que me têm enviado as suas rimas. Faço hoje uma exceção em favor do Sr. Jaime de Ataíde, moço escritor que os leitores da *Gazeta* já conhecem pelo seu romance *Sanatorium*, aqui publicado há três meses[1]. O Sr. Jaime de Ataíde envia-me um pequeno e belo poema, vazado nos moldes da escola decadista[2]. São versos sugestivos, que lembram a nova *maneira* de Guerra Junqueiro no volume dos *Simples*.

Em carta particular, reservadíssima, diz-me o poeta que esses versos «são a antevisão daquilo que, dentro em poucos dias, se vai passar nas alamedas do Jardim Zoológico». Não sei se os leitores apreciarão devidamente o perfume de originalidade e de graça dessas estrofes. Se as não compreenderem, paciência! Lembrem-se[3] de que os nefelibatas escrevem para um grupo limitadíssimo de iniciados.

Aqui vai a preciosa produção:

(Um jardim mystico[4]. Na lívida noite idealizadora, um barão pálido sobraça a caixa dos vinte e cinco desejos[5]. Esbatem-se no céu merencório rosários de Meias--Tintas e de Sub-Sugestões. Luares de gelo escorrem por franças lúridas de casuarinas trágicas. Em jaulas trevosas, em que mora o Espanto, bichos truculentos uivam.

---

1 O romance *Sanatorium*, publicado na *Gazeta de Notícias* de 11 de novembro a 12 de dezembro de 1894 sob o pseudônimo Jaime de Ataíde, foi escrito a quatro mãos por Olavo Bilac e Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963). Em 1977, o Clube do Livro de São Paulo publicou o folhetim sob forma de livro.

2 Referia-se o poeta à estética simbolista.

3 No jornal: lembrem-se.

4 Mantiveram-se os yy nesse poema porque provavelmente ironizavam o apego dos simbolistas por essa letra. *Vd.* Luso, João, *Typos e symbolos: o Sr. Y*, *in* Dimas, Antônio, *Tempos eufóricos*, São Paulo, Ática, 1983, p. 286-288.

5 Como se sabe, João Batista Viana Drummond, o barão de Drummond, criador do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, instituiu em 1893 o jogo dos bichos para custear o empreendimento. Os animais do jogo são vinte e cinco; a cada um correspondem quatro dezenas.

A Terra-Mãe floresce em açucenas e gangrenas, em lyrios e martyrios. E o barão pálido, pálido como os Bradamantes dos vitrais[6] *góticos, cisma, na lívida noite espiritualizada, entre os soluços brancos do luar.)*

Ao luzir d'Alva, venho ao jardim...
Encho de bichos estes cortiços...
Ó que feitiços de compromissos!
Ai! que rico jardim! ai! que rico jardim!
Ao lusco-fusco, venho ao pomar...
Encho de contos as algibeiras...
Ó cordilheiras de pechincheiras!
Ai! que rico pomar! ai! que rico pomar!
Nossa Senhora da Aparecida,
Com anjos alvos presos ao manto,
Viu as tristezas da minha vida,
Viu os meus olhos cheios de pranto...
Ai! que rica Senhora! ai! que rica Senhora!
Vendo-me em prantos, ao vir a aurora,
Em voz me disse
Trêmula e baixa:
— Toma estas *poules*![7] toma esta caixa,
Semeador!
Há pelo mundo tanta tolice,
Semeador!
Toma esta caixa, vai semeando
Bichos e *poules*, *poules* e bichos,
Semeador!
Fui semeando... fui engordando...
Vi satisfeitos os meus caprichos...
Ai! que rica Senhora! ai! que rica Senhora!
Mas um prefeito, mais-que-prefeito,
Matou as flores do meu jardim
E sete espadas cravou-me ao peito...

---

6 No jornal: vitraes.
7 *Poules*: bilhetes de loteria.

Ai! meu pobre jardim! ai! meu pobre jardim!
E os conselheiros do município
Cortam-me as rendas inda em princípio,
Matando as *poules* do meu pomar...[8]
Nossa Senhora da Aparecida!
Choro e soluço como o luar...
Que vai ser feito da minha vida?
Ai! meu pobre pomar! ai! meu pobre pomar!
Nas algibeiras, que desconsolos!
Pelos canteiros, que carrapichos!
Se ainda há bichos, não há mais tolos...
Não há mais tolos e ainda há bichos!
Ao luzir d'alva, vindo ao jardim,
Só vejo bichos nestes cortiços...
Ó meus feitiços! ó compromissos!
Ao lusco-fusco, vindo ao pomar,
Ó desventuras! ó quebradeiras!
Não acho contos nas algibeiras...
Pobre jardim!
Seco pomar...

(E o barão, pálido, pálido como os soluços do luar, abre desoladamente os braços na mudez da lívida e trágica noite. Dentro da caixa dos vinte e cinco desejos, vinte e cinco bichos uivam truculentamente. E no céu[9] merencório, sobre o lençol claro da Via Láctea, as onze mil virgens têm suspiros hystéricos...)

Agora, mais duas linhas de prosa pífia para que o meu nome não fique assinando esta obra-prima.

FANTASIO

8 Os intendentes do Conselho Municipal concederam ao prefeito plenos poderes para rescindir o contrato da Prefeitura com o Jardim Zoológico, tão criticado pela imprensa.
9 No jornal: céo.

A Notícia, 29 de novembro de 1895.

FANTASIA[1]

(Na estação das Oficinas. Chove descompassadamente. Molhados, reluzindo, galopando sobre o leito da estrada cheia de lama, passam trens, passam trens, passam trens... A estátua do Conselheiro Buarque de Macedo[2], aprumada no centro do jardim da estação, olha desconsoladamente a passagem das locomotivas negras, arrastando empós[3] si, com trovoadas e silvos, os grandes rosários de vagões. Em torno, as árvores molhadas torcem-se e fremem, chicoteadas pelo vento. Nem um pássaro canta. Nem uma borboleta esvoaça. Nem um homem passa. Passam apenas trens, passam trens, passam trens... E, então, a estátua do Conselheiro Buarque de Macedo começa, tiritando de frio sob a chuva, a lamentar-se em verso.)

Quem foi que me mandou, política nefasta,
Ser honesto? Porque, no final da carreira,
Abandonando a vida e abandonando a pasta,
Espirei, com três mil e tanto na algibeira?!

Quem me mandou ser bom? Quem me mandou ser sério?
Porque não deixei eu apólices e ações?
Feliz quem, ao deixar um dia o ministério,
Sai milionário, arfando ao peso dos milhões!...

Ó suburbanos trens! Ó expressos de Minas!
Vede, se podeis ver, que sorte desgraçada...
Máquinas que passais por estas Oficinas,
Vede como me pesa a casaca encharcada!...

---

1 Nome da coluna de Bilac n'*A Notícia*.
2 Manuel Buarque de Macedo (1837-1881), engenheiro e político brasileiro. Embora tenha sido ministro da Agricultura, destacou-se pela construção de obras ferroviárias.
3 No jornal: em pós.

Passam trens... Passam trens... Passam trens... e aqui fico,
Neste reles jardim, nesta pífia estação.
E porque fui honesto, e porque não fui rico:
Deixam-me à chuva e ao sol, coberto de carvão!

Tantos ministros teve a Agricultura! – Prado,
Demétrio, Costallat, Limpo de Abreu, Rodrigo[4],
Todos puros como eu... Nenhum foi castigado:
Só eu, só eu suporto o peso do castigo!

Oh! o mais infeliz de todos os ministros!...
Passam trens... Passam trens... E, (coitado de mim!)
Vejo, de sol a sol, desastres e sinistros...
Arranca-me daqui, ó marechal Jardim![5]

Arranca-me daqui, Centro Positivista!
Jacobinos! que cesse a minha desventura...
Prudente de Morais, tira da minha vista
Tanto pó de carvão, tanta fumaça escura!

Passam trens. E nenhum furacão te espedaça,
Maldito pedestal! que a estátua me susténs!
Só não passa no mundo a minha atroz desgraça:
Passam trens... Passam trens... Passam trens... Passam trens...

(Chove descompassadamente. Passam trens. Torcem-se e fremem, chicoteadas pelo vento, as árvores molhadas. Passam trens. A estátua tirita. Passam trens)

O. B.

4 Antonio Dimas da Silva Prado (1840-1929), Demétrio Nunes Ribeiro (1850-1933), Bibiano Sérgio Macedo de Fontoura Costallat (1845-1904), Antônio Paulino Limpo de Abreu (?-1904) e Rodrigo Augusto da Silva (1833-1889), ministros da Agricultura.

5 Jerônimo Rodrigues de Morais Jardim (1838-1916), diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil de 1894 a 1896.

Gazeta de Notícias, 5 de abril de 1895.

O Despacho

Comédia Instantânea

(Uma sala do palácio Itamarati. Seis homens sérios estão sentados em torno de uma larga mesa. É hora de despacho. À cabeceira da mesa, o chefe passa a mão pelas barbas1. À porta, encostado ao portal, mestre Philadelpho2 presta atenção.)

O Chefe

Vamos! fale cada um por sua vez! Que eu acho
Que é hora, amigos meus, de apressar o despacho...

Alberto[3]

(muito circunspecto, com um ar de supremo bom senso na face moça)

Chefe! tudo vai[4] bem... Isto faz bem à alma...
O Congresso discute... O povo está em calma...
Pesa um doce torpor sobre a nação apática...
A imprensa continua a não saber gramática...
E eu continuo a dar aos nossos fluminenses
Touradas e café, – *panem et circenses*!

---

1 As barbas compactas representavam aspecto saliente da fisionomia de Prudente de Morais.
2 Filadelfo de Castro era o mordomo do palácio Itamarati que, segundo voz corrente, não se limitava a servir o chá muito apreciado pelo presidente Prudente de Morais e opinava sobre questões de Estado.
3 Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917), ministro da Justiça e Negócios Interiores.
4 Na revista: vae.

O Chefe

Muito bem, muito bem, meu jovem Conselheiro!

Dionísio[5]

(com farda e espada, mas com um maço de protocolos debaixo do braço)

Chefe! tudo vai bem... Diplomata e guerreiro,
Eu atrapalho a Europa e deslumbro os basbaques:
Continuo a amimar os batalhões do Vasques[6],
E ando a parlamentar, cheio de manha e tino,
Com a astúcia feroz do nosso de Martino...[7]

O Chefe

Fale agora o doutor Antônio Olinto![8]

Olinto

Chefe!
Minha Estrada Central, a Estrada – magarefe,
(Mais pronta que os punhais, os canhões e os venenos)
Cada vez mata mais e anda cada vez menos.
O Correio vai[9] bem. Cada carta expedida
Busca o destinatário e encontra-o na outra vida;
Manda-se um telegrama ao avô? chega ao neto,
Quando não vai chegar ao bisneto...

---

5 General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira (1847-1910), Ministro do Exterior.

6 General de divisão Bernardo Vasques (1837-1902), Ministro da Guerra.

7 O Comendador Renato de Martino, incumbido de negociar com o governo brasileiro indenizações a italianos prejudicados pela Revolta da Armada, correndo boatos de que viera impor a execução do protocolo em discussão no Congresso sob pena de receber o Brasil um *ultimatum* da Itália.

8 Antônio Olinto dos Santos Pires (1860-?), ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas.

9 Na revista: vae.

O Chefe

Correto!

Tem a palavra agora o nosso Elisiário...

Elisiário[10]

Eu seria talvez um belo secretário,
Se houvesse no Brasil, nestes horríveis dias,
Mais navios de guerra e menos Nicossias.
Mas, em vez de uma esquadra (o diabo que me valha!)
Tenho ódio d'*O País* e o amor do Garcez Palha...

O Chefe

Ande assim, que vai[11] bem! Nada de guerra, nada!

Alberto *(sentencioso)*

Deixemos, por quem sois, a nação sossegada!
Viva a paz! porque a paz é o contrário da guerra!

O Chefe *(admirado, e à parte)*

Que profundo bom senso este menino encerra!
(alto)
Fale agora o senhor ministro da Fazenda!
(Profundo silêncio. Ouvem-se voos de moscas.
Philadelpho adianta-se e sacode Rodrigues)[12]

Philadelpho

Ó senhor! ó senhor! senhor ministro, atenda!
(profundo silêncio)
Sacuda-se daí! fale ao doutor Prudente!
Não há meio, Senhor!... dorme profundamente...

---

10 Elisiário José Barbosa (1830-1909), ministro da Marinha.
11 Na revista: vae.
12 Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919), ministro da Fazenda.

O Chefe

Então, vai[13] tudo bem... Durmamos todos! Acho
Que está salva a Nação! Está suspenso o despacho!

(Saem todos. Na sala ficam, apenas, o ministro da Fazenda, que ronca, e mestre Philadelpho, somando as parcelas do caderno do armazém.)

Fantasio

13 Na revista: vae.

Gazeta de Notícias, 10 de maio de 1895.

CAMBUQUIRA[1]

POEMA DE ATUALIDADE

(Uma estrada branca, ao sol. Uma compacta multidão cobre os vales, as colinas, os campos. Há em todas as faces uma contração ansiosa. E todo o mundo espia, espia, espia o horizonte vastíssimo, na extrema do céu. E o horizonte deserto... Os homens, suados e ofegantes, levantam-se em bicos de pés. As mães carregam ao colo as crianças, para que também elas possam espiar.)

EU
(muito espantado, espiando também,
e carregando a lira)
Que tanto povo, pensativamente,
Nesta meditação! Que tanta gente
Os longos olhos ávidos estira
Para Cambuquira!
O sol, no entanto, anda, de monte em monte,
Iluminando a curva do horizonte...
Inquiro ao longe... mas, por mais que inquira,
Não vejo nada lá por Cambuquira!

O CÂMBIO
(pequenino, raquítico, trepado ao ombro do carpinteiro
da rua Sete para poder enxergar)
Não sei se cresça... não sei se cresça...
Minguando tanto, perco a cabeça!
Ai! quem as pernas me sacudira!

---

1 Após deixar o poder, Floriano Peixoto refugiara-se em Cambuquira, estância hidromineral mineira, onde procurava recuperar a saúde. Como líder político ainda influente, recebia a visita de correligionários. Temia-se que, uma vez restabelecido, tentasse um golpe de Estado.

Quero esticar-me três polegadas,
Pôr as indústrias desafogadas...
Mas tenho medo de Cambuquira!

Um Deputado

(engasgado, coçando freneticamente a cabeça)
Pelos meus lábios túmidos, loquazes,
Tremem, contidos, turbilhões de frases.
Arde-me a inspiração como uma pira!
Mas, Cambuquira...

O Comércio

(com o caduceu[2] amolgado e as asas dos pés depenadas)
Comprei fazendas com o câmbio a onze,
Mas o maldito desceu a nove...
Leve-me a breca! estou depenado!
Destes apuros ninguém me tira!
– Com cem mil raios! não sou de bronze...
Falo... Reclamo... Ninguém se move!
Se me não salvam, morro afogado
Dentro dos tanques de Cambuquira...

O Crédito

(roupa de xadrez, botas quadradas, suiças ruivas, olhar desconfiado)[3]
Vou ver quando é que parte o primeiro paquete...

2 O comércio está representado pela figura do deus Hermes, comumente figurado com sandálias aladas, chapéu de abas largas (pétaso) e caduceu, vara com serpentes enrodilhadas e pequenas asas no topo.

3 A descrição corresponde à figura de John Bull, símbolo da Inglaterra, a quem o Brasil devia.

Como o profeta, vou fazer a minha Hegira...[4]
Arre! gente cacete!
Só pensa em Cambuquira!

UM FORNECEDOR
(passa ao longe, na estrada, gordo, alegre, cantando, com os dedos cobertos de brilhantes, e conduzindo para o Sul uma basta cavalhada)
Águas maravilhosas!
Espelhos da verdade!
Ó Cataí[5], Potosi, Cipango[6] e Caxemira[7]
Banhos de nardo e rosas!
Fontes da mocidade!
Águas de Cambuquira! águas de Cambuquira!

UM TENENTE-CORONEL HONORÁRIO
(beijando com devoção os galões)
Quando virás? Impávido,
O meu olhar te mira,
Quando virás? Desvenda-te,
E a minha vida inspira!
Fala-me, grande Oráculo!
Fala-me, Cambuquira!

EU
(com um gesto largo de resolução e coragem)
Adeus, ó capitães honorários e alferes!
Adeus, terras que amei! adeus, belas mulheres!

---

4 Alusão à fuga de Maomé para Medina após abandonar Meca, com o que se inicia a era muçulmana.
5 Designação da China pelos autores ocidentais na Idade Média.
6 Nome com que, no Ocidente, se designava o Japão no fim da Idade Média.
7 No jornal: Cachemira.

Maria, Rosa, Inês, Leonor, Leocádia, Elvira,
        – Vou para Cambuquira!
Lá se bebe o hidromel da Ventura e da Glória.
Lá fica a porta azul que se abre para a História.
Lá, em *robe-de-chambre*, o grande Zeus conspira!
        – Vou para Cambuquira!
Vou receber também *reporters* e homenagens...
E, embebido na paz de ridentes paisagens,
Vou dar um banho frio à política e à lira:
        – Vou para Cambuquira!

FANTASIO

Gazeta de Notícias, 24 de dezembro de 1894.

Romeu e Julieta

Tradução Livre

Ato III – Cena VII

(Na varanda do Paço Municipal. A Intendência1, Julieta matrona e descabelada, tenta reter entre os seus braços o Intendente. Romeu eloquente. Vem raiando a aurora do dia 18 de dezembro.)

A Intendência

Por que partir tão cedo? Inda vem longe o dia
Vinte e oito![2] É o rouxinol! Não é da cotovia
Esta encantada voz... Repara, meu amor:
Quem canta é o rouxinol sobre o orçamento em flor!
Ouves? é a doce voz das arcas do Tesouro:
Soa, clara e vivaz, como um tinido de ouro...
Por que partir? por que calcar, sem pena, aos pés
Um diploma embrulhado em quinhentos mil réis?!...

O Intendente *(relutando)*

Ai de mim! Já comi de todo o meu biscoito!
Ai de mim! A manhã desse dia vinte e oito
Arde viva e fatal, palpitando no céu.
Das minhas ilusões rasga-se o argênteo véu...
Adeus! para o ostracismo, órfão do meu mandato,
Irei, cedendo o passo a um outro candidato.
Ouves? é a cotovia! Ouves? descomunais,

---

1 Conselho Municipal, equivalente às atuais câmaras de vereadores.

2 No dia 28 de dezembro de 1894, chegaria ao fim o mandato dos intendentes. Para alguns deles, extinguira-se subitamente o direito à reeleição, pois, dez dias antes, decreto presidencial que regulara as eleições municipais impusera vários casos de inelegibilidade.

As profissões de fé clamam pelos jornais...
Já no escuro bocal das urnas silenciosas
Abre o Voto do Povo as pálpebras medrosas.
Incompatível sou... Adeus! Parto, a chorar,
Obedecendo, à força, ao Voto Popular,
Adeus! mais um momento, um único momento,
E riscarão sem dó meu nome do «orçamento»!

A Intendência *(com fogo)*
Fica dous anos mais! Não é o dia, não!
Inda és rei e Senhor, de frontão em frontão...
Fica dous anos mais! Por que partir tão cedo?...

O Intendente *(entusiasmado)*
Mandas? Não partirei! Esperarei sem medo
Que venha o Carijó[3] arrancar-me d'aqui!
Se for preso, melhor! serei preso por ti...
Oh! que importa o xadrez, o escândalo que importa?
Serás minha, Julieta, inda depois de morta!
Fico! sou intendente, e intendente serei,
Desprezando o Congresso e desprezando a Lei!

A Intendência *(com desespero)*
Não! É o dia! Vai! A cotovia canta,
E do Nascente em fogo o dia se levanta...
– Esse dia vinte e oito... esse dia vinte e oito!...
Desabem sobre ele as óperas de Boito,[4]

---

3 Dr. Carijó (*sic*), primeiro delegado auxiliar.
4 Arrigo Boito (1842-1918), poeta e compositor. Autor de óperas e libretos.

O cólera da Barra[5] e os folhetins do «Til!»
– Adeus, meu conselheiro adorado e gentil!
Parte! adeus! ah! sem ti, a vida me abandona!

O INTENDENTE
(descendo a escada de seda, com melancolia)
Ai! quinhentos mil réis! ai! luar de Verona!...

FANTASIO

5 Havia suspeita de epidemia de cólera na Barra do Piraí. As medidas preventivas das autoridades sanitárias causavam transtornos aos passageiros da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Gazeta de Notícias, 18 de setembro de 1896.

O Sono dele

Poema Simbolista

(Anoitece. Passa-se o drama à beira de um rio largo, profundo, silencioso. É o Letes, rio do Esquecimento. Não corre, não murmura, não espuma. Aquelas ondas dormem e fazem dormir... Espichado na praia, a fio comprido, está um homem que repousa a cabeça sobre uma pasta ministerial[1]. Há uma indizível melancolia no ar. Anoitece.)

A Primeira Estrela
(palpitando no céu)
A *flor-da-noite* abre o cálix;
E, soltos, os pirilampos
Cobrem a face dos campos,
Enchem o seio dos vales...

O Rio Letes
(com uma voz apagada e trêmula)
Padeces? nas minhas águas,
Que nem se arrufam ao vento,
Vem beber o esquecimento,
Vem pôr fim às tuas mágoas!...
Mais seguro que uma cova,
Eu sou o rio do Olvido:
Quem desta água um dia prova
Fica de tudo esquecido...
Vem beber o esquecimento!
Eu sou o rio do Olvido!

1 O alvo da sátira, como não se ignorava à época, era o ministro da Fazenda, Rodrigues Alves.

A Estrela
Flores, dormi!... Anoitece...
Dormi, camélias e rosas!
Já todo o céu adormece...
Tenho as pálpebras medrosas...

(Em torno do homem que está dormindo na praia, começam a crescer pés de dormideiras. Nas hastes balançam-se as grandes papoulas vermelhas, estilando sucos soporíferos).

Uma Papoula
Dorme, feliz! fecha a porta
Negra, que dá para a vida!
Que importa a pátria perdida?
O câmbio a nove que importa?
A vida é estúpida e bronca...
Sossega essa alma cansada,
Sobre essa pasta amassada
Pousa a fronte... E ronca! e ronca!

(Aparece o luar. Ao clarão melancólico, vê-se a face do homem que dorme. É o Sr. Rodrigues Alves, de pálpebras apertadas e inchadas. S. Ex. ronca, ronca, ronca... Ronca tanto, que o próprio rio Letes, que já tem passado mil séculos a dormir, acorda espavorido).

O Rio Letes *(acordando)*
Logo no início do mundo,
Vi o sono universal...
Que horror! que sono profundo,
E que silêncio mortal!
Tenho dormido, dormido...
Mas, ó alma de Morfeu!
Confesso que estou vencido!
Este dorme mais do que eu!

(O ministro ronca... Então, do outro lado do rio, aparece a figura do Krack: à inglesa, de suíças e roupa de xadrez).

A Estrela

Não faças bulha, ó *Krack*,
Porque ele está dormindo!
Não lhe turves a fúlgida miragem!
Vê como dorme, sossegado e lindo,
Aquele *cavaignac*!...

O Krack

(com meiguice, ao som da Dalila[2])

Dorme, que eu velo, sedutora imagem...

(Não há mais vozes, não há mais nada: tudo dorme).

Fantasio

2 *Dalila*: drama em 5 atos e 6 quadros de Octave Feuillet encenado pela Cia. Dias Bragas em 1889.

Gazeta de Notícias, 17 de dezembro de 1897.

Teatro Municipal[1]

III

(No largo do Paço[2]. Meio-dia. Sol de rachar. Ao sol apodrecem as verduras da praça do Mercado, e as pretas-minas papagueiam, e os catraieiros praguejam. E, imenso, gordíssimo, acaçapado, medonho, o pavilhão do Panorama da entrada da esquadra legal[3] *pompeia, na sua glória insolente e mal encarada...)*

A Estátua de Osório *(monologando)*
Envenenados correm os meus dias
Pela crueza de um destino mau...[4]
– Quando vim para aqui, já tu vivias,
Peste de lona e pau![5]

Já gordo e inchado, já medonho e feio,
Para força maior desta desgraça,
Te vim achar, ó pavilhão, no meio
Da atravancada praça!

Queimam-te os sóis[6], e sobre ti desabam
Trovoadas e chuvas, de roldão:
Mas nem as chuvas nem os sóis[7] te acabam!
Nada te põe no chão!

---

1 Sob essa mesma rubrica geral, foram publicados dois outros esquetes na *Gazeta de Notícias*.
2 Atual praça XV de Novembro.
3 O *Panorama* era uma tela imensa de Víctor Meirelles exposta em pavilhão construído no largo do Paço. Colocada sobre cilindro, simulava a movimentação dos navios.
4 No jornal: máo.
5 *Idem*: páo.
6 *Idem*: sóes.
7 *Idem*: sóes.

Um dia, a esquadra, com os canhões em riste,
Te crivou de balázios, por ultraje:
E aos balázios da esquadra resististe,
Mais forte do que a Laje![8]

Ficaste aí, ó monstro, esparramado
Sem medo de ninguém, ficaste aí!
E a mesma imunda Praça do Mercado
Tem vergonha de ti!

Deus poderoso, tudo acaba! Tudo
A mão do Tempo, inexorável, trunca...
E só tu, estafermo barrigudo,
Não hás de acabar nunca?!

Nada no mundo a este destino escapa...
Acabou o governo de Furquim[9],
E até o próprio barracão da Lapa[10]
Vai acabar por fim!

Tudo acaba! o verão... o inverno... o outono...
A primavera... as Câmaras!... Disperso
Por tudo, o pó do Olvido e do Abandono
Amortalha o Universo...

Mas, ai de mim! na raiva que me inflama,
Vejo que, para o largo atravancar,
Só a *Esquadra Legal* do Panorama
Não acaba... de entrar!

(Papagueiam as negras-minas, apodrecem as verduras, praguejam os catraieiros, e o Pavilhão do Panorama parece que ainda fica mais gordo...)

FANTASIO

---

8 Durante a Revolta da Armada (1893), navios dispararam contra a Capital Federal.
9 Furquim Werneck, prefeito municipal do Rio de Janeiro.
10 Pavilhão erigido no largo da Lapa.

A Bruxa, 18 de dezembro de 1896.

O OSTRACISMO

CENA DRAMÁTICA INSTANTÂNEA

(A ação passa-se no alto da serra de Teresópolis, em uma casa de campo, de muitas janelas rasgadas para o ar livre. Na fachada, há esta palavra, em letras verdes: Ermitage. Em uma das janelas, melancolicamente esticando os olhos para o Rio de Janeiro, está um cidadão barbado[1]. A tarde cai[2].)

O CIDADÃO BARBADO

Cai[3] a tarde... Já vai[4] dormir a Natureza...
Também meu coração, na mágoa e na tristeza,
Quer dormir, mas não pode! E eu me rebelo, e cismo,
Posto sobre o teu cume, ó serra do Ostracismo!
Ó aves que, a voar, ides partir daqui,
Meus suspiros levai para o Itamarati!
Contai ao movimento e ao pó da rua Larga
Minha ansiedade atroz, minha saudade amarga!
Ó serra do Ostracismo e da Convalescença,
Não me podes curar da principal doença!
Que é que posso fazer para me não lembrar
Da glória de reger, da glória de mandar?
Por que foi que o poder passou, naquele dia,

---

1 Prudente de Morais, convalescendo de problemas renais, procurava a tranquilidade de lugares tão retirados quanto eremitérios.
2 Na revista: cae.
3 *Idem*: cae.
4 *Idem*: vae.

Do café de S. Paulo às mangas da Bahia?
Ai! dias de despacho! ai! dias de audiência!
Ai! ministros fiéis da minha Presidência!
Amáveis recepções! chás presidenciais![5]
Nunca mais! nunca mais! nunca mais! nunca mais!

PHILADELPHO *(à parte)*
E ai, senhor de Morais! o que nos põe mais tontos
É perder, afinal, os cento e vinte contos!
(Cai a noite. Cai-me a pena das mãos. Cai o pano.)

O DIABO VESGO

---

5 Na revista: presidenciaes.

Gazeta de Notícias, 22 de janeiro de 1899.

Crônica

Não se pode dizer quem foi que viu e ouviu, com os olhos e os ouvidos que a terra há de comer, as cousas que se vão desenrolar por esta coluna abaixo. Além do que se vê e do que se ouve, há muitas cousas por este velho planeta – apagadas no mistério, mergulhadas na sombra, sepultadas no vago...

Foi há mais de quarenta e oito horas. Um calor bárbaro pesava sobre a terra. A noite caíra, abafada e ardente. Já nenhum rumor subia da cidade.

Era meia-noite... e pouco: acabava de sair do ovo do Tempo, em treva e suor, o dia 20 de janeiro[1]. No morro do Castelo[2], sob a palpitação das estrelas serenas, cães vadios ladravam; árvores, de copas paradas no ar, ansiavam; rastejavam lagartos[3] pelo capim da praça mal cuidada.

Abriu-se a porta da igreja, vagarosamente. E quando os dous batentes, como impelidos por mãos sobrenaturais,[4] se separaram de todo, sem um barulho de gonzos – apareceu a figura de um mancebo magro, quase nu, com as coxas espetadas de flechas, e uma cruz de pau[5] na mão direita.

Era S. Sebastião. Pôs em concha a mão esquerda sobre o ouvido, relanceou por tudo um olhar de quem já sabe perfeitamente o

---

1 A campanha de Mem de Sá, terceiro governador-geral do Brasil, e seu sobrinho Estácio de Sá pela expulsão dos invasores franceses da baía da Guanabara iniciou-se no dia 20 de janeiro de 1567. Por ser dia de São Sebastião, este foi escolhido santo padroeiro do Rio de Janeiro.

2 Elevação onde se reiniciou a colonização portuguesa da cidade após a expulsão dos franceses. Com isso, a imagem de S. Sebastião foi removida das encostas do Pão de Açúcar para o morro, que abrigaria o novo núcleo da cidade.

3 No jornal: lagarto.

4 *Idem*: sobrenaturaes.

5 *Idem*: páo.

que é a polícia secreta, e, quando viu que estava sozinho, sentou-se, com um suspiro, num degrau[6] da igreja.

Deitou a cruz no chão, fincou os cotovelos nos joelhos, e começou a derramar no seio da noite cálida as suas lamentações:

Daqui a pouco, sobre a Prefeitura
Uma bandeira se desdobrará...
E tremereis, em pó, na sepultura,
Ossos de Mem de Sá!

Dorme a cidade... Ó mísera cidade
Do meu nome e da minha proteção!
Ah! se hoje mesmo, por felicidade,
Te arrasasse um tufão!...

Que calor! ofegantes e sozinhos,
Arfam lá dentro os santos... Que calor!
– Deviam nesta igreja de capuchinhos
Pôr um ventilador...

E que fome! Há dez anos que não como.
Rebaixado da antiga posição,
Sem etapa, sem soldo, sem mordomo,
Caio de inanição.

Ser Santo assim... não vale a pena! É triste
Ver-te, ó cidade, apóstata e pagã,
Adorando, depois que me baniste,
São Benjamin[7] Constant![8]

---

6 *Idem*: degrão.
7 *Idem*: Banjamin.
8 Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1836-1891) é considerado «fundador da República» nas disposições transitórias da Constituição de 1891, que introduziu a separação entre Igreja e Estado.

Este é o meu dia. Que calor! que fome!
– Porque é que o Estácio (que complicação!)
A esta cidade deu meu nome, e o nome
De Dom Sebastião?[9]

O rei ao menos, ardido guerreiro,
Sem esta fome e este calor sentir,
Morreu, livre do Rio de Janeiro,
Em Alcácer-Quibir.

Eu, não! Fiquei imóvel, com afinco,
Mantendo a minha mesma proteção
De mil quinhentos e sessenta e cinco...
Mas... que desilusão!

Quem me dera outra vez aqueles dias!
Quando, das ondas plácidas ao pé,
Sobre as florestas ermas e sombrias,
Alvorecia a Fé!

Nos coqueirais[10] o vento sussurrava,
– Pequena, sob a minha invocação,
Junto do Pão de Açúcar se assentava
A humilde povoação.

Vinham de quando em quando caravelas,
Como leves gaivotas sobre o mar;
Brincava o sol nas enfunadas velas;
Beijava-as o luar.

---

9 Rei de Portugal (1554-1578), morto na batalha de Alcácer-Quibir. Com a tragédia, formou-se um mito messiânico entre o povo português. Acreditava-se no retorno glorioso do rei, que inauguraria uma nova era de poder e prosperidade para Portugal.
10 No jornal: coqueiraes.

Ao som da inúbia e do boré, surgiam
As igaras de guerra em multidão;
E os acanguapes fúlgidos tremiam
        À branda viração.

Vi guerras... Vi chegar o Peregrino[11],
E a baía cair nas mãos do Incréu[12]:
E ouvi, com mágoa, os salmos de Calvino
        Enchendo a terra e o céu[13].

E a luta... o espanto! o sangue espadanando!
Os gritos, o terror, a confusão!
E os sibilos das flechas alarmando
        A virgem solidão.

Depois... coitado deste pobre Santo!
Há quantos anos queixo-me de ti,
Ó Mem, que tiraste do meu canto,
        Para plantar-me aqui!

Quatro séculos quase!... Dia a dia
Vejo crescer esta população,
E com ela crescer a porcaria,
        Na mesma proporção.

Antes no Pão de Açúcar, nas paragens
Frescas, banhando os pés no mar sem fim,
Sem barbadinhos e sem estalagens,
        Sem cão e sem capim!

---

11 Nicolas Durand de Villegaignon (1510-1575) liderou uma expedição colonial ao Brasil para asilar protestantes franceses. Em 1555, chegou à baía da Guanabara, onde se estabeleceu na ilha que hoje leva o seu nome.
12 No jornal: Incréo.
13 *Idem*: céo.

Ali ao menos, livre do suplício
De ouvir falar de tanta podridão,
Eu iria viver dentro do Hospício
Do Teixeira Brandão...[14]

Ia por diante o desconhecido Santo. Mas, no silêncio da noite, soaram passos vagarosos e pesados: apareceu como os botões brilhando no escuro uma farda de soldado de polícia.

S. Sebastião, atarantado, apanhou a cruz e sumiu-se no interior da igreja.

Fecharam-se os batentes da porta, sem um ruído nos gonzos. E, cá fora, continuaram as estrelas a palpitar, e continuaram a ladrar os cães vadios...

14 João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921), primeiro catedrático brasileiro de psiquiatria.

Gazeta de Notícias, 3 de setembro de 1905.

Crônica

Estava eu desanimado, à procura de um assunto para esta crônica, – quando me trouxe o correio uma carta. Abria-a. Encontrei uma folha de papel, cheia de versos.

Versos bucólicos e políticos ao mesmo tempo, – uma singular mistura de idílio e sátira.

Não sei de quem são os versos, e não os compreendo bem; mas, como não tenho assunto, aqui vai, para que este espaço da *Gazeta* não fique vazio, a extravagante poesia, cujo título é:

Égloga Virgiliana

Títiro

Aqui sob estas árvores, enquanto
Ao largo pasce o armento sossegado
E o vento agita as ramas, – conversemos,
Ó Melibeu! A abelha zumbe, o rio
Canta, o sol ilumina o campo verde.
E em paz e em calma a Natureza sonha.
A vida é bela, ó Melibeu! Parece
Que a mesma seiva, que estes troncos incha,
As veias me percorre, transformando-me
Num homem novo. No meu peito sinto
Uma força nutriz de primavera,
Feita de glória, de esperança e gozo.
A vida é bela, ó Melibeu!

Melibeu

É bela,

Para os felizes, para os contentados!
Não para aqueles que, por serem tristes,
Triste, em torno de si, tudo divisam
– Não para mim, que em minha grande mágoa,
Já não encontro paz na Natureza!
Para mim, nestes dias de amargura,
A vida é feia, ó Títiro! Até cuido
Que, qualquer dia, desprezando a avena,
O querido rebanho abandonando[1],
E, insensível às graças das pastoras,
Desenganado irei fazer-me frade...
A vida é feia, ó Títiro!

Títiro

Tu choras?!

Melibeu

Choro o poder perdido![2] E é tua a culpa!
Tua sim, – que o cajado mor do mando
Das minhas mãos potentes arrancaste,
Pastor ingrato, desleal amigo!

Títiro

Ó Melibeu, que cólera te cega!
A culpa é do Destino... Se os pastores
Querem que eu seja o chefe, a culpa é minha?
Foste chefe doze anos: é bastante,
Descansarás de tão penosa lida!

---

1 No jornal: abandonado. Trata-se de provável erro de revisão.

2 Com a eleição do mineiro Afonso Pena (1847-1909) para a Presidência da República em 1905, iniciava-se a alternância no poder entre paulistas e mineiros, que passou para a história como política do café-com-leite.

Melibeu

Descansar?! O poder não cansa, ó néscio!
Cansa o amor, cansa a vida, cansa tudo:
Unicamente, neste mundo vário,
A glória de mandar não cansa nunca!
Oh! doces tempos, tempos venturosos
De antanho, onde vos ides dispersados!
– Toda esta terra era só minha! E eu era,
Afilhado do apóstolo S. Paulo,
Entre os vinte e um pastores destes campos
O pastor dos pastores... Anos doze
Vivi, ditando a lei: eu fui Prudente,
Fui Campos Sales, fui Rodrigues Alves,
E ia ser Bernardino, quando, às súbitas,
Tu surgiste, pastor de lombo e queijo,
A tomar-me o lugar! Té agora, todos
Me eram servos: – os dois do extremo norte,
Que a borracha e o cacau[3] em ouro mudam;
Os outros logo abaixo, que cultivam
A cana e a mandioca, o milho e o fumo,
O açúcar e o algodão, a carnaúba
E o coco; os mais centrais, em cujo seio
O ouro dorme em jazidas fabulosas;
Os do sul, cujos largos descampados
São a estância feliz do gado nédio,
E onde a erva-mate e os pinheirais abundam,
– Todos (e tu também, pastor mineiro!)
Todos eram té agora meus vassalos...
Oh! glória extinta!...

3 No jornal: cacáo.

Títiro

Melibeu, sossega!
Não pode ser de um só o que é de todos!
Quem és tu, por que assim, de orgulho inchado,
Queiras ser tudo e tudo ter, vaidoso?!

Melibeu

Eu sou Aquele que enriquece a todos!
Da minha roxa exuberante terra,
Sai[4] o café, que se inverte em libras;
Eu trabalho, eu produzo, eu prolifero...

Títiro

E gastas!

Melibeu

O que é meu!

Títiro

O que é de todos!

Melibeu

Se não fosse o café, tu que serias?
Que seriam os outros? A penúria
Devastaria os campos e os rebanhos;
E os banqueiros de Londres os cajados
E as frautas pastoris nos tomariam!
Quem sou? Sou o Café, – e mais não digo
Que isto baste!

---

4 *Idem*: Sae.

Títiro

Pois eu, pastor modesto,
Sou o Leite. Que queres? os pastores
Passam, cansados do regime antigo,
Do café simples ao café com leite!
Sou o leite, a manteiga, o queijo, o porco,
O feijão e a batata... Tu excitas,
E eu nutro! Ó Melibeu, que insânia a tua!

Melibeu

Muito menor que o teu atrevimento,
Ó Títiro!

Títiro

Orgulhoso!

Melibeu

Malcriado!

Uma Napeia[5] *(intervindo)*

Basta, amigos! A vida é curta. A Sorte
É vária. A glória de mandar é fútil.
Abraçai-vos, irmãos...

Uma Dríada[6]

Tomai cuidado;
Que, enquanto assim brigais, outro não venha,
Um terceiro, do que ambos mais esperto,
Usando manhas, enganar-vos ambos!

---

5 No jornal: napéa. A napeia é ninfa das florestas e das árvores em geral.
6 A dríada é ninfa dos bosques.

Títiro *(vitorioso)*
Ninfas do campo, como a vida é bela!

Melibeu *(despeitado)*
Ninfas do campo, como a vida é feia!

Nada mais se continha na folha de papel... Esses poetas! Quem será este Virgílio de fancaria?

O. B.

Sonetos

Vida Semanária, 17 de setembro de 1887.

A um vate que anda na berra[1]

Vem! Resplende o recinto do sagrado
Templo. Terás entrada, peregrino!
Todos te esperam. Canta o Luís Delfino,
O Teófilo canta; o estilo amado

Ostenta Alberto, caprichoso e fino;
Filinto as manhas diz do deus vendado
E Raimundo, nervoso e namorado,
Borda sonetos de um lavor divino...

E há gemidos e cânticos, harpejos
De alegria e de amor, gritos atrozes,
Prantos, rumores trêmulos de beijos...

Entra também e canta; em tal momento
Deve ser grato ouvir, entre essas vozes,
O ornejo repentino de um jumento!

L. Flamíneo

---

1 *Apud* Magalhães Jr., Raimundo, *Olavo Bilac e sua época*, Rio de Janeiro, Americana, 1974. p. 81-82. Segundo o biógrafo, esse soneto seria endereçado a Luís Murat, que havia acusado Raimundo Correia de haver plagiado trecho do romance *Mademoiselle de Maupin* (1835), de Théophile Gautier, no célebre soneto «As pombas» (*vd*. nota n.º 2, p. 96). Os poetas citados são, por ordem de entrada, os seguintes: Luís Delfino, Teófilo Dias, Alberto de Oliveira, Filinto de Almeida e Raimundo Correia. No dia 6 de fevereiro de 1889, o jornal *Novidades* estamparia, na série de crônicas publicadas sob a epígrafe «Flechas de ouro», versão amenizada do texto, em que se apagariam todas as alusões pessoais, mesmo as positivas.

Martins Fontes, *Boêmia galante*, Santos, Bazar Americano, 1924, p. 146[1].

Em custódia

Quatro prisões, quatro interrogatórios...
Há três anos que as solas dos sapatos
Gasto a correr de Herodes a Pilatos,
Como Cristo por todos os pretórios.

Pulgas, baratas, percevejos, ratos...
Caras sinistras de espiões notórios,
Fedor de escarradeiras e mictórios,
Catingas de secretas e mulatos!

Para tantas prisões é curta a vida!
Ó Dutra! ó Melo! ó Valadão![2] ó diabo!
Vinde salvar-me, vinde em meu socorro!

Livrai-me desta fama imerecida,
Fama de Ravachol[3], que arrasto ao rabo,
Como uma lata ao rabo de um cachorro!

Fantasio

1 Em *Fogo Fátuo* (1929), Coelho Neto informa que o poeta teria escrito este soneto, datado de 9 de julho de 1894, no interior de um livro que lhe foi entregue quando o visitou na prisão onde o colocara a repressão política de Floriano Peixoto.
2 Provavelmente, o poeta mencionava nesse verso Francisco Correia Dutra (1848-1906), delegado auxiliar, coronel Manuel Presciliano de Oliveira Valadão (1849-1921), chefe de polícia da Capital Federal, e Alfredo Pinto Vieira de Melo (1863-1923), chefe de polícia do estado de Minas Gerais.
3 Ravachol, codinome de François Claudius Kofnigsteins, guilhotinado em 1892 por atentados terroristas que cometeu para vingar a morte de outros anarquistas condenados pela Justiça francesa.

Gazeta de Notícias, 2 de agosto de 1896.

O Nilo na Câmara

Cresce nos vales do sagrado Egito,
Em julho, o Nilo... Que clamor! Parece
Que, quando o Nilo desse modo cresce,
Vêm abaixo as esfinges de granito...

Tal, na Câmara[1], o Nilo...[2] A sua prece
Muda-se, a pouco e pouco, em alto grito!
Passa ao Carvalho[3] um formidável pito:
E o Glicério[4], escutando-o, empalidece...

Cresce o Nilo, transborda, rebramando,
E, de roldão, nas águas vai levando
Pretensões, pretensões e pretensões:

Lá vão Franzinis desarticulados,
Restos de protocolos lacerados,
E Caminadas, e indenizações!

Fantasio

---

1 No jornal: camara.

2 O general Franzini, representante diplomático da Itália, que, segundo provava Nilo Peçanha, já tentara em vão obter indenizações do Império, exigia ressarcimento por supostos prejuízos causados a italianos pela Revolta da Armada. A mera discussão do Protocolo Italiano na Câmara dos Deputados provocou conflitos em São Paulo, cidade com numerosa colônia italiana. Com atraso, a imprensa protestou contra as pretensões italianas, apelando para o patriotismo, a honra, o brio e a dignidade dos deputados.

3 Carlos Augusto de Carvalho (1851-1906), ministro do Exterior.

4 O protocolo era defendido na Câmara dos Deputados por Francisco Glicério, que, por isso, enfrentava a hostilidade do povo nas ruas.

Gazeta de Notícias, 19 de novembro de 1897.

O monstro

Ah! quando tudo cai[1], – ó barracão da Lapa!
Tu, por uma razão que à inteligência escapa,
Hás de eterno ficar, da cidade no mapa,
Toca de malandrins, de vagabundos capa?...[2]

Como um escárnio[3], o sol bate no monstro em chapa:
O meu ódio, impotente, estorce-se à socapa...
E Ele, numa atitude imbecilmente guapa,
Sujo e grosso, no chão do largo se acachapa!

Oh! hei de[4] ir ao Prefeito, ao Arcebispo, ao Papa,
A Deus!... Para aplacar a raiva que me rapa,
Cairei sobre o monstro a pontapé e a tapa!

E hei de[5] expirar, na fúria atroz que me esfarrapa,
Morto, – não por beber arsênico ou zurrapa,
Porém por não poder com o barracão da Lapa!

Fantasio

---

1 No jornal: cáe.
2 Naquele tempo, o péssimo estado de conservação de alguns prédios do Rio de Janeiro acabava ocasionando trágicos desmoronamentos. Enquanto construções que deveriam durar ruíam, as autoridades municipais e federais abandonavam pela cidade frágeis pavilhões de lona e madeira erigidos para abrigá-las durante festividades cívicas.
3 No jornal: escarneo.
4 *Idem*: hei-de.
5 *Idem*: hei-de. Note-se que no terceiro verso o poeta emprega «hás de» sem hífen.

Gazeta de Notícias, 25 de janeiro de 1902.

Soneto da atualidade

Sobre a anulação[1]

Já estava à mesa preparado o almoço:
E o candidato, louco de esperança,
Sorria, nédio, acariciando a pança,
De guardanapo em volta do pescoço...

Mas, de repente, Alguém que tudo alcança
Disse, cheio de cólera: «Alto, moço!
Você não abocanha nem um osso!
Recolha os dentes, que eu adio o *avança*!»

Sorte amarga! Destino amaldiçoado!
Ver naufragar dentro do porto a barca!
Sentir cair da boca o bom-bocado!

Ser rebaixado, antes de ter acesso!
– É o caso de dizer, como Petrarca:
«Tra la spiga e la man, qual muro é messo!»

Y.

1 Decreto da Presidência da República anulou as eleições para o Conselho Municipal do Rio de Janeiro por suspeitas de fraudes na votação e na apuração dos votos.

Lira acaciana, p. 19-20[1].

Os votos[2]

Vai-se[3] a primeira votação passada...
Vai-se[4] outra mais... mais outra... enfim dezenas
De votos vão-se da Assembleia[5], apenas
A sessão começou da bordoada!

Sopra sobre ele a rígida nortada...
Que saudades das épocas serenas
Em que Ele e os outros, aparando as penas,
Tinham apurações de cambulhada![6]

---

1 Publicada em 1900 sob o pseudônimo coletivo de Ângelo Bitu, a *Lira acaciana* foi escrita a seis mãos por Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Pedro Tavares Jr. Esse livro representava uma pequena vingança contra Alberto de Seixas Martins Torres, presidente do estado do Rio de Janeiro de 1898 a 1900, que, logo ao assumir o cargo, exonerou Alberto de Oliveira do cargo de diretor da Instrução Pública. Ao assumir o governo, Torres, cognominado conselheiro Acácio de Porto das Caixas, teria formado, segundo Ângelo Bitu, o «vasto plano de reformar tudo aquilo – 'destruindo para reconstruir'! Mas o tempo não lhe bastou senão para levar a efeito (e o fez do modo mais positivo e completo) a primeira parte do programa salvador ...» (p. xi).

2 Paródia do soneto «As pombas», de Raimundo Correia (*Sinfonias*, 1883): «Vai-se a primeira pomba despertada... / Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas / De pombas vão-se dos pombais, apenas / Raia sanguínea e fresca a madrugada... // E à tarde, quando a rígida nortada / Sopra, aos pombais de novo elas, serenas, / Ruflando as asas, sacudindo as penas, / Voltam todas em bando e em revoada... // Também dos corações onde abotoam, / Os sonhos, um por um, céleres voam, / Como voam as pombas dos pombais; // No azul da adolescência as asas soltam, / Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam, / E eles aos corações não voltam mais...».

3 Na *Lira*: Vae-se.

4 *Idem*: Vae-se.

5 *Idem*: Assembléa.

6 Em dezembro de 1896, quando se realizaram eleições federais e municipais, Alberto Torres acumulava as pastas da Justiça e do Interior no governo de Prudente de Morais.

O seu bom senso todos apregoam...
Afastando-se d'Ele, os votos voam,
Como voam as pombas dos pombais...[7]

As esperanças o seu vôo soltam...
E Ele vê que aos pombais[8] as pombas voltam,
Mas esses votos não lhe voltam mais!

Um Acadêmico

7 Na *Lira*: pombaes.
8 *Idem*: pombaes.

Lira acaciana, p. 21-22.

Visita ao tesouro

Com perdão dos manes de L. Guimarães[1]

Como um'ave que volta ao ninho antigo,
Depois de fazer muito desaforo,
Eu quis também rever este Tesouro,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um gênio pérfido e inimigo
(Era o espectro do Déficit!) num choro,
Por entre ratos e gambás em coro,
Tomou-me as mãos, e caminhou comigo.

Aqui, outr'ora... (Oh! se me lembro e quanto!)
Houve muito dinheiro acumulado!
E hoje, Papai[2], nem um vintém!... O pranto

Jorrou-me em ondas... Meu Tesouro amado!
Um *compadre* comia em cada canto,
Comia em cada canto um *encostado*!

Acásio de Xexas

---

1 Esse soneto é paródia de «Visita à casa paterna» (*Sonetos e rimas*, 1886): «Como a ave que volta ao ninho antigo / Depois de um longo e tenebroso inverno, / Eu quis também rever o lar paterno, / O meu primeiro e virginal abrigo. // Entrei. Um gênio carinhoso e amigo, / O fantasma talvez do amor materno, / Tomou-me as mãos – olhou-me grave e terno, / E, passo a passo, caminhou comigo. // Era esta sala... (Oh! se me lembro! e quanto!) / Em que da luz noturna à claridade / Minhas irmãs e minha mãe... O pranto // Jorrou-me em ondas... Resistir quem há de? / Uma ilusão gemia em cada canto, / Chorava em cada canto uma saudade».

2 Na *Lira*: Papae. Os satíricos da *Lira acaciana* faziam de Alberto Torres um homem inseguro e dependente nas mínimas atitudes dos conselhos do pai, Manuel Martins Torres, que era político experiente.

Lira acaciana, p. 23-24.

Retrato[1]

Sério, lindo donzel, carão moreno,
Bem servido de olhar, meão na altura,
Grave no andar, o mesmo na figura,
Bom senso singular, e não pequeno;

Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao perjúrio que à ternura,
Bebendo em várias mãos, por taça escura,
De ambições infernais[2] letal veneno;

Devoto incensador de nulidades,
(Digo de votos maus[3],) num só momento
Dizendo cinco mil futilidades;

Eis Acácio, em quem luz algum talento.
Saíram dele mesmo estas verdades
Num dia em que se achou... no Parlamento.

Acácio de Xexas

1 Paródia do soneto «Retrato próprio», de Bocage, do qual se conhece variante escatológica com alteração do último verso.
2 Na *Lira*: infernaes.
3 *Idem*: máos.

Lira acaciana, p. 31-32.

SONETO MAGRO

Formoso
Mancebo,
Que gozo
Concebo,

Se penso
No basto,
No vasto
Bom senso,

Que na alma,
Com calma,
Enfeixas,

Linháceo
Acácio
De Seixas!

MANDUCA

Tarde, 1919[1].

Diziam que...

Diziam que, entre as nações sobreditas, moravam algumas monstruosas.

Uma é de anãos, de estatura tão pequena, que parecem afronta dos homens; chamados Goiasis.

Outra é de casta de gente, que nasce com os pés às avessas de maneira que quem houver de seguir seu caminho há de andar ao revés do que vão mostrando as pisadas; chamam-se Matuiús.

Outra é de homens gigantes, de 16 palmos de alto, adornados de pedaços de ouro por beiços e narizes, e aos quais[2] todos os outros pagam respeito; têm por nome Curinqueãs[3].

Finalmente que há outra nação de mulheres, também monstruosas no modo do viver (são as que hoje chamamos Amazonas, e de que tomou o nome o rio) porque são guerreiras, que vivem por si só sem comércio de homens; vivem entre grandes montanhas; são mulheres de valor conhecido...

Padre Simão de Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, 1663, liv. I, cap. 31.

II
Os Goiasis

Ainda viveis, espíritos obscenos
Como nos dias do Brasil inculto
Na inteligência anãos, como no vulto
Como no corpo, no moral pequenos

---

1 Recolhidos em *Tarde* (1919), os poemas saíram primeiro na *Revista do Brasil* em 1918, quando os jornais insinuavam que os arroubos cívicos do poeta eram exclusivamente inspirados por régia remuneração. Na biografia *Olavo Bilac e sua época* (Rio de Janeiro: Americana, 1974), Raimundo Magalhães Jr. demonstra que os sonetos da série introduzida pela epígrafe do padre Simão de Vasconcelos representavam uma reação do poeta a críticas de que fora vítima durante sua cruzada em prol do serviço militar obrigatório.

2 Em *Tarde*: quaes.

3 *Idem*: Curinqueans.

Espremeis a impotência do ódio estulto
Em pérfidos esguichos de venenos...
Tendes baixeza em tudo: nem, ao menos,
Força na inveja e elevação no insulto!

Répteis humanos, no coleio dobre
De rastos babujais[4] templos e lares;
Contra os bons, contra os fortes de alma nobre,

Línguas e dentes dardejais[5] nos ares:
Mas só podeis ferir, na raiva pobre,
Em vez dos corações, os calcanhares.

IV
Os Curinqueãs[6]

Ainda viveis! Conheço-vos, felizes
Morubixabas de ambições astutas,
Que em desgraçadas e mesquinhas lutas
Desgovernais misérrimos países!

Já tendes paços em lugar[7] de grutas...
Mas, apesar do tempo e dos vernizes,
– Se os não trazeis por beiços e narizes,
Os botoques guardais[8] nas almas brutas.

4 *Idem*: babujaes.
5 *Idem*: dardejaes.
6 *Idem*: Curinqueans.
7 *Idem*: logar.
8 *Idem*: guardaes.

Pobres de ideias[9], ávidos de foros,
Rudes pastores de servil rebanho,
Espirrais[10] arrogância pelos poros...

Sois sempre os mesmos Curinqueãs[11] de antanho:
Vastos e estéreis, ocos e sonoros,
Unicamente grandes no tamanho!

9 *Idem*: idéas.
10 *Idem*: Espirraes.
11 *Idem*: Curinqueans.

Odes

Gazeta de Notícias, 14 de dezembro de 1894.

Ode ao *Bacillus-Virgula*

I

Quando, com a lira ao colo,
E o olhar aos céus erguido[1],
Orfeu, filho de Apolo,
Andava, das Plérides seguido,
– A pantera e o leão
Vinham de rastos escutar-lhe o canto,
E toda a criação[2]
Ajoelhava-se, trêmula de espanto...
Ah! pudesses, ouvindo,
Extático, o meu verso,
Adormecer sorrindo,
Vírgula da Ásia[3], espanto do universo,
Deixando-nos em paz!...
Ah! pudesse fazer a voz de um Bardo
O que o saber não faz
Do Doutor Castro[4] ou do Doutor Fajardo!...[5]

II

Tu, bacilo malvado,
O teu furor suspende,
E escuta o nosso brado,
E à comoção da nossa prece atende!
Ó vírgula infernal!

---

1 No jornal: erguidos.
2 *Idem*: creação.
3 O cólera é endêmico na Índia, de onde se espalhou pelo mundo em 1827.
4 Francisco de Castro (1857-1901), poeta e médico, que, naquela época, era diretor do Instituto Sanitário Federal.
5 Dr. Fajardo, médico microscopista.

Não te arredondes, pérfida e nutrida,
Como um ponto final,
Encerrando o período da vida!...
Atende um pouco! espera!
Vê como o céu fulgura,
Com o fim da primavera!
A terra toda, em plena formosura,
Acorda para o amor...
E o desejo profundo, a ânsia infinita
De amar, – de flor em flor,
De mulher em mulher, arde e palpita...
Neste verão radiante,
Nesta alegria honesta,
Surges apavorante,
Como um duende em meio de uma festa.
Como há de a gente amar,
Tendo-te, como um hóspede importuno,
Na água, no pão, no ar?
– Para outras terras move o passo, ó Huno!

III

Por que, com o bafo abjeto,
Nos sujas a alegria,
Ó micróbio dileto,
Ó Benjamin da bacteriologia!?
Sei que o Dr. Chapot[6]
Te cria e educa, te cultiva e adora,
Com o carinho do avô,
Que quase morre quando o neto chora...
No seu laboratório,
És como um santo ao fundo

6 Eduardo Chapot-Prévost (1864-1907), pioneiro no ensino da histologia e da cirurgia no Brasil. Publicou, entre outras obras científicas, *A bouba e a sífilis* (1892).

De um rútilo oratório:
Todos te adoram com um fervor profundo.
Débil *enfant-gâté*,
São terminantes ordens teus desejos:
Dão-te *vossa-mercê*,
E bajulam-te e cobrem-te de beijos.
Vives em mole inércia,
Dentro da glicerina:
Tens tapetes da Pérsia,
Cortinados de branca musselina,
Pantufos de cetim,
Fraldas de rendas, toucas de veludo,
Banhos de ácido pícrico e carmim...
Que queres mais? – Tens tudo!...
Pois deixarás a alcova que te guarda,
Para ir morar, mofino,
Na fétida mansarda
De um fétido intestino?
Tens galinha, *filet*,

Ovos quentes, mamata superfina,
Dessert variado, e até
Vinho de Chevrier de carne e quina:
E irás comer... Não digo!...

IV

Aceita o meu aviso,
Que é aviso de amigo,
E mostra que és micróbio de juízo:
Não mates mais ninguém!
Fica-te no aconchego dos teus lares!
Não queiras, como tanta gente tem,
Ter honras militares!...

FANTASIO

Gazeta de Notícias, 5 de março de 1896.

Ode-Tromba

I

Celebro, – ó tromba d'água! ó portadora
Da ira celestial! –
Celebro a grande fúria rugidora
Com que alagaste o leito da Central![1]
Para cantar-te a musa desentranho
Do olvido... Ó grande, ó temerosa tromba!
Ó nunca visto banho!
Ó barrela de arromba!
– Louvado seja o grande Zeus no Olimpo!
Mataste gente? pouco importa! – quem
Morre afogado, ao menos morre limpo,
– O que já é um bem!

II

(Ó Sapucaias! que de vós seria,
Se tivésseis apenas, indigentes,
Para tratar da vossa porcaria,
Médicos e intendentes?!
Que seria, cidades brasileiras,
De vós, nesta aflição,
Carregadas de febres e lazeiras,
Roídas de infecção,

1 O poeta referia-se à tromba d'água que desabara no primeiro dia daquele mês de março de 1896 sobre a cidade interiorana de Sapucaia (RJ), onde provocara graves danos materiais e a morte de pelo menos quatro pessoas. As águas do Rio Paraíba do Sul cobriram os trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil, interrompendo o tráfego ferroviário.

– Se cada uma de vós que se engafece,
    Possuindo Intendência,
Ao lado da Intendência não tivesse
O auxílio da Divina Providência!)

III

Cada cidade pelos cantos sujos
    Tem esterco aos montões;
Sobem pelas paredes caramujos;
    Em largos batalhões,
    Cruzam sapos as ruas;
Mau[2] calçamento; encanamentos rotos;
    As praças são comuas;
    Os becos são esgotos;
E, por essa imundície, informe e vasta,
    – Magra, triste, infeliz,
Uma população banza se arrasta,
    Com a mão no nariz...

IV

    Mas vem a tromba... Ulula,
Uiva, sibila, estardalhaça e estronda:
Roda... para... prepara o salto... pula,
Cai!... E, desfeita em água, de onda em onda,
    Enche o vale... Espumando,
    Sobe o monte, a roncar...
E despenha-se, e engrossa, rebramando,
    – Vasto e deserto mar...
    Ó tromba meritória!
    Ó divinal Empresa!
    Hás de ficar na história
    Da pública limpeza!

2 No jornal: Máo.

V

Adeus, lixos! adeus, fedor de canos![3]
        Burros mortos, adeus!
O que os fiscais[4] não fazem em cem anos,
Fez num só dia a cólera de Deus!
        Adeus, cisco e poeiras!
Caem, na Estrada, as estações, em cacos...
        Rolam as ribanceiras,
        E tapam os buracos...
E é tudo um mar... E apenas sobrenada,
        Sobre esse mar sem fim,
– Como Noé –, o diretor da Estrada,
        O marechal Jardim...

VI

        Deus, que reges as Trombas,
        Senhor das Tempestades,
        Que dos Prefeitos zombas
        E inundas as cidades!
– Mais trombas, ó Senhor que nos alagas,
        Mais trombas por quem és!
        Trombas! até que as vagas
        Te vão lamber os pés.
E para que o Brasil, tonto de mágoa,
        De lazeira não caia,
        Manda uma tromba d'água
        A cada Sapucaia!

FANTASIO

3 O sinal de exclamação foi aqui acrescentado por estar pressuposto. Com a antiga composição tipográfica por tipos isolados, às vezes «caía» a última letra ou sinal de pontuação da linha.
4 No jornal: fiscaes.

Gazeta de Notícias, 13 de maio de 1896.

Caçarola e protocolo

Ode municipal

Ora intento cantar, musa da Crônica,
Em verso heróico, a história interessante
Daquele que, liberto do avental,
Passou da direção de um restaurante,
Para uma direção municipal[1].

Adeus, cardápios! soluçai, gastrônomos!
– Para os trabalhos da burocracia
Voa quem, dos fogões à viva luz,
De ensopadinhos e tutus servia
Toda a população de Santa Cruz.

Enlutai-vos, panelas melancólicas!
O Brillat-Savarin[2], que vos amava
A ponto de ele próprio vos mexer,
– Veio correndo ao posto que o chamava,
– Veio cumprir, sereno, o seu dever!

---

1 Beneficiado por uma das muitas indicações políticas que o agrupamento político conhecido como Triângulo monopolizava, um cozinheiro de hotel conhecido pela alcunha de Candó fora nomeado diretor da secretaria do Conselho Municipal do Rio de Janeiro.

2 Anthelme Brillat-Savarin (1755-1826), magistrado e literato francês. Escreveu obras sobre economia política e direito, mas hoje é lembrado por sua *Physiologie du goût ou Meditation de Gastronomie transcendente, ouvrage théorique, historique et à l'ordre du jour* (1825), livro de receitas recheado de saborosas digressões de diversa natureza.

Porque, possuindo ideias e gramática,
E sendo um cabo eleitoral seguro
Sobre ser peritíssimo Vatel[3],
– Ficaria Candó num posto escuro,
Na pasmaceira de um modesto hotel?

Justo não fora que na sombra lúgubre
Ele ficasse, anônimo e esquecido
Entre as panelas e entre os marmitões,
– Sendo tão necessário ao seu partido,
Sendo tão necessário às eleições!

Hoje, com quanto amor, Serviço Público,
Vai Candó temperar-te a panelada!
Vais ter sal, nem de menos, nem de mais...
Feita por mão de mestre a feijoada,
Vão ser bons os feijões municipais!

Talvez, um dia, pela falta de hábito,
Num momento fatal de esquecimento,
Se engane o novo diretor... Talvez
Escreva à margem de um requerimento:
«Dê-se uma certidão a este freguês!»

Talvez, um dia, atrapalhado e sôfrego,
Acabrunhado e cheio de canseira,
Em face de uma pretensão qualquer,
– Remexa com a caneta a frigideira,
Remexa o protocolo com a colher...

---

3 Emmer de Vattel (1714-1767), jurista suíço célebre por suas obras sobre direito natural.

Que importa? – Hoje, ó pacíficos municipais!
Não ides ser apenas esfolados,
– (Valha-nos esta consideração!)
Ides ser recheados e tostados,
A fogo lento e com erudição...

Com todo o luxo da arte culinária
Espantará Candó os burocratas,
E o direito das partes assará...
E, se fizer ofícios... com batatas,
Desse prato ninguém se queixará.

Fantasio

Gazeta de Notícias, 5 de maio de 1896.

Cleópatra

Ode moderna

I

Aquela egípcia encantadora e bela,
        Flor do Nilo Sagrado,
Que foi o encanto de uma Idade[1], – aquela
        Que, aos seus pés prosternado,
        Viu o amoroso Antônio,
E do César cruel dormiu nos braços,
– Veio um dia, por artes do Demônio,
Morar na rua do Senhor dos Passos...

II

Já não era a Cleópatra orgulhosa,
        Que, no sorrir jocundo
        Dos lábios cor de rosa,
        Tinha a sorte do mundo.
Já não vivia agora, como d'antes,
Entre escravas solícitas, deitada,
Refrescando com leques de diamantes
        A carne perfumada...
Já sobre um toro de ébano luzente,
        Ao brando murmúrio
Dos abanos, – olhando a água corrente
        Do misterioso rio, –
Toda abrasada da amorosa chama
Que abate as forças e a paixão aviva,
– Não tinha à beira da cheirosa cama

---

1 No jornal: Edade.

A Charmion cativa...
Já nem mesmo bebia
Pérolas dissolvidas em vinagre...

III

Vestia chitas ralas, e comia
Carne seca e toucinho, arroz e bagre,
A mísera rainha,
De cuja fama antiga me recordo,
Já nem ao menos tinha
O aspecto das madamas de alto bordo.
Já não ia ao teatro,
Não ria, não ceava:
Por três mil réis ou quatro,
Pecava... e repecava.

IV

Ai! Cleópatra linda,
À sombra das pirâmides nascida!
Não tinhas – pobre! – suportado ainda
Todas as amarguras desta vida,
Quando, longe dos braços
Do teu formoso Antonio,
À nossa rua do Senhor dos Passos
Vieste parar, por artes do demônio!

V

Bartolomeu feroz, saneando a rua[2],
Já sem teto te deixa,
– Soltando, sem resposta, à luz da lua,
A merencória queixa.

---

2 Pressionado por críticas do jornal *O País*, Luís Bartolomeu, delegado da quarta circunscrição do Rio de Janeiro, promoveu intensa repressão ao baixo meretrício da praça Tiradentes, rua do Senhor dos Passos e rua Sete de Setembro.

Esta é a causa da tua desventura:
        Bartolomeu, furioso,
Te quer na rua clássica e segura
        Da polícia... e do gozo...
        – Contenta o delegado!

VI

Rua do Lavradio! – abre os teus braços,
Abre o teu casto seio sossegado
À foragida do Senhor dos Passos!

Fantasio

Gazeta de Notícias, 21 de novembro de 1905.

Ode a Ararigboia[1]

Ora, isso de andar de colete ou em mangas de camisa no verão é uma inovação americana que vai pegando. É comum em Nova York trazer o paletó ao braço, do mesmo modo que se traz o sobretudo quando ameaça frio.

Do *Jornal do Comércio*

Grande Tamoio! Combatente ousado,
Que, ao som do maracá,
Nas batalhas de outr'ora alçaste o brado
Junto de Mem de Sá!

– Vê que progresso, ou antes que regresso
Nós vamos realizar
(Protestando das roupas contra o excesso)
No modo de trajar!...

Antigamente, quando aqui vivias,
Andavas, como Adão
Na vida simples dos primeiros dias
Depois da Criação[2]:

Ao claro sol mostravas as canelas
E os fortes peitorais;
– Algumas penas verdes e amarelas
Na cinta, e nada mais...

1 Martim Afonso de Sousa Ararigboia ou Arariboia, aliado de Mem e Estácio de Sá na guerra contra os franceses e os tamoios.
2 No jornal: Creação.

A Civilização estragou tudo,
Impondo-nos até
Esta sobrecasaca, e este canudo[3],
– Mortalha e chaminé!

Graças, porém, à nobre propaganda
De um *club* que há por cá[4],
Vão as modas entrar em sarabanda,
E tudo mudará:

Eu, que inda sou pirrônico e indecente,
Uso calças de brim;
Suprimi o colete: e uso somente
Jalecos de morim...

Meu filho, ultrapassando esta baliza,
E revoltando a avó,
Há de trazer, em mangas de camisa,
Ao braço o *paletot*...

Meu neto, completando a ideia ousada,
Andará, através
Da Avenida, em ceroulas, e mais nada,
Sem sapatos nos pés...

E o meu bisneto (que esperança grata!)
Andará, como tu
Andavas nestas praias, à frescata,
Completamente nu!

Puck

---

3 Referia-se o poeta à cartola.
4 Tratava-se do Club Médico, então recentemente fundado, que recomendara aos seus membros, como forma de dar exemplo aos demais colegas e à clientela, o uso de roupas claras e leves.

Gazeta de Notícias, 5 de setembro de 1898.

Balas de estalo[1]

Depois que o temos na terra,
Fugiram do mundo os Males...
Acabou em Cuba a guerra...[2]
– Viva o Dr. Campos Sales![3]

Vão-se fechar as boticas!
Ficam destros os canhotos!
Há água em todas as bicas!
Há perfumes nos esgotos!

Aos pontapés, o dinheiro
Anda por montes e vales...
Vai fazer frio em janeiro...
Viva o Dr. Campos Sales!

Têm bom senso os jornalistas...
O Corcovado se agacha...
E os cafeeiros paulistas
Não dão café: dão borracha!

Unindo-se ao panegírico,
Os trombones e os timbales

1 Sob a rubrica «Balas de estalo» a *Gazeta de Notícias* publicava crônicas humorísticas desde 1883.
2 No dia 12 de agosto de 1898, fora acertado armistício entre as tropas da Espanha e dos Estados Unidos da América, que apoiavam os cubanos em sua guerra pela independência. Tratado de paz seria assinado em Paris no dia 10 de dezembro de 1898.
3 Apresentava-se como candidato do PRF à Presidência da República o paulista Manuel Ferraz de Campos Sales (1841-1913).

Afinaram-se no Lírico...
Viva o Dr. Campos Sales!

Chega-se a ler em cartazes
Esta fenomenal cousa:
«Campos da Paz fez as pazes,
Jesus! com Ennes de Sousa!»[4]

Prendem-me a voz os soluços...
– Não encontro a quem te iguales!
Minha alma grita de bruços:
Viva o Dr. Campos Sales!

Tu és a flor da campina!
És a estrela dos espaços!
Eu quisera ser menina,
Para cair nos teus braços!

Assim nunca o Júlio[5] amigo
Negue rubrica aos meus *vales*!
– É com o coração que o digo:
Viva o Dr. Campos Sales!

Bob

4 Artur Fernandes Campos da Paz (1854-1899), abolicionista, republicano e antimilitarista convicto, participou de conspiração contra Floriano Peixoto em abril de 1892, pelo que foi desterrado para o Amazonas. Antônio Ennes de Sousa (1848-?), engenheiro de minas e diretor da Casa da Moeda; florianista exaltado, combateu a Revolta da Armada. Campos da Paz e Ennes de Sousa estiveram juntos na direção da Sociedade Nacional da Agricultura.

5 Júlio Braga, diretor-tesoureiro da Sociedade Anônima Gazeta de Notícias.

Gazeta de Notícias, 18 de junho de 1899.

Ode a Bordalo Pinheiro[1]

Tu não chegas a propósito.
– Peço-te, pelo Deus Apis[2],
Que não deixes a Cerâmica,
E nem te metas em Sátiras,
E nem apares o lápis!

Ficou bem mais sorumbática
A terra do teu *Besouro*,
Depois que te foste, ó mágico!
Vale bem menos o espírito...
– Se valesse menos o ouro!...

Bordalo! Isto anda tão lúgubre!
Vive a gente como a cobra,
De rastos... Câmbio em esquírolas,
E um senhor chefe... (que escândalo!...)
Um senhor chefe... que é obra![3]

Verás os gatunos, lépidos,
Crescendo, às dúzias, às resmas...
Pensas que vão para o cárcere?
– As autoridades, sôfregas,
Prendem... prendem-se a si mesmas!
Bordalo! a vida está péssima...

---

1 Rafael Augusto Bordalo Pinheiro (1846-1905), caricaturista português. Na década de 1870, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde dirigiu o jornal ilustrado *O Besouro* (1875-1879).
2 Deus do Antigo Egito, adorado sob a forma de um touro sagrado.
3 Alusão a João Batista de Sampaio Ferraz (1857-1920), chefe de polícia da Capital Federal.

Do Largo de S. Francisco
Ao Corcovado magnífico,
Acharás Sebastianópolis
Sem graça... e com muito cisco.

E a cousa chega a tal cúmulo,
Que, quando à gente apetece
Ir escutar qualquer ópera,
– Põe casaca, vai ao Lírico,
Toma vaia... e inda agradece.

Arte?... Qual Arte!... Ora, pílulas!
Hoje, Bordalo Pinheiro,
O artista coça-se e mirra-se...
Queimamos todos os ídolos!
– Se até queimamos dinheiro...[4]

Não! tu não vens a propósito!
– Peço-te, pelo Deus Apis,
Que não deixes a Cerâmica,
E nem te metas em Sátiras,
E nem apares o lápis!

Bob

---

4 Joaquim Murtinho (1848-1911), titular da pasta da Fazenda, adotou uma política econômica deflacionista baseada na redução do papel-moeda em circulação. Entre as medidas tomadas pelo ministro, incluía-se a incineração pública de papel-moeda.

Crônicas

Vida Semanária, setembro-outubro de 1887[1].

Cartas chinesas

Senhores meus, saúde!
Pe-Ho[2], sagrado mandarim chinês
Cofre da Graça e poço da Virtude
Curva-se todo num salamaleque,
E tenta aqui, sem que no estilo peque,
Escrever prosa e verso em português.

Saúde e mil venturas!
Empregarei, para vos agradar,
Pinhos de estrofes de ouro e rimas puras,
E o meu estilo, que se desenrola,
Como uma leve e inquieta ventarola
Para vos refrescar.

Em seu quiosque, erguido
Às flóreas margens do sereno Hang-go
Que há de fazer, em cismas embebido,
– Mudo asceta cercado de mistério –
A luminária do celeste império,
O mandarim Pe-Ho?

Pe-Ho medita e escreve...
Vem o sol, morre o sol. Chega o verão,
O inverno chega. Abrasa a terra, a neve

1 A primeira carta, não numerada, foi publicada no dia 12 de setembro, a segunda e a terceira, nos dias 17 e 24 do mesmo mês; a quarta e a quinta a 1 e a 15 de outubro.
2 O pseudônimo adotado por Bilac alude ao Imperador Pedro II.

Cobre a sagrada, altíssima muralha...
A primavera o seu tesouro espalha...
Tudo em vão, tudo em vão!

Fitando o firmamento
Pe-Ho, que adora o resplendor do sol,
Fala às estrelas, interroga o vento,
Que as campainhas do quiosque agita,
E olha de longe a plácida e infinita
Planície do Mongol!...

Assim, longe de tudo,
Longe dos fátuos e dos imbecis,
Homens e fatos analiso, mudo,
A vida humana sem temor encaro;
E sereno, a zombar do vulgo ignaro,
Palavra! – Sou feliz.

Preparai-vos, Senhores!
Ides ver com que espírito feroz
Vou zombar de alegrias e de dores:
Sábios, políticos, capitalistas,
Pífios poetas, pífios jornalistas
Tenho pena de vós!

Mancebos desgraçados
Que o inepto aplauso público seduz,
E horas inteiras, pálidos, curvados
Sobre a mesa, uma rima procurando,
Ides a vida e a inspiração gastando
Atrás de fátua e fugitiva luz!

E vós, que em punho a espada,
Tendes ereta da sagrada lei,
Magistrados de túnica traçada;
– Vós todos que assumis um ar sisudo,
Muito acima de todos e de tudo,
Senhores meus, tremei!

Críticos há, – sabei-o –
Que quando o dente férreo e sensual
Cravam de alguém no descuidado seio,
Rindo, com ar hipócrita e sereno,
Tiram-lhe o sangue e injetam-lhe o veneno,
Com a picada mortal!

Certo. Pe-Ho podia
Fazer o mesmo, amigos meus: picar,
Chupar o sangue àquele que dormia
E à feição de um morcego, de quando a quando
As duas asas trêmulas vibrando,
A ferida abanar.

Pe-Ho, porém, prefere
Morder sem dó, morder sem compaixão;
Fere: porém à vítima que fere
Mostra os dentes agudos com franqueza:
Pois é preceito da moral chinesa
Dizer as coisas como as coisas são.

II

Por todo o império da China
(Que grave escândalo!) passa
O sopro de uma desgraça,
Que as almas todas domina.

Até o próprio ministro
O grande Cotegi-fu[3]
Anda desgrenhado e nu,
Chorando aquele sinistro.

Na câmara poderosa,
Na alta camada do Império,
Nunca vi caso tão sério,
Coisa tão escandalosa.

Imaginai que... (estremeço
Só de contá-lo!)... que enfim
Prad-ho[4], nobre mandarim
Dos mais nobres que conheço,

Homem sisudo, inimigo
Rancoroso da anarquia,
Quis revelar-se outro dia
Da mesma anarquia amigo.

E revelou-se, em verdade,
Com tanto gosto, que até
Aos escravos do Tihé
Quer conceder liberdade.

Vede (que escândalo!) um nobre
Que goza da confiança
Da coroa, entrar na dança,
Abraçando o povo pobre!

---

3 João Maurício Wanderley (1815-1889), barão de Cotejipe, foi presidente do Conselho de Ministros (1885-1888).

4 Antônio da Silva Prado (1840-1929), ministro da Agricultura no gabinete Cotejipe, deixou o cargo por discordar da política de extinção gradual da escravidão.

Que um outro o fizesse, passe!
Vá lá!... passe desta vez!
Mas um fidalgo chinês
Mas um homem desta classe!

E Cotegi-fu, a fúria
Que o domina mal contendo
Esbraveja, maldizendo
O papão e a glicosúria:

«A causa é esta, minh'alma,
A causa é esta, Senhor,
Sol da China, Imperador,
Oh, se estivésseis em calma,

No império, regendo o povo,
Oh, se estivésseis mais perto,
Decerto, Senhor, decerto
Nada haveria de novo!

Mas andais dependurado
Nos trapézios do Japão,
Tomando duchas...[5] E então?
Eu cá que ature o Senado!»

E o desgraçado ministro
O grande Cotegi-fu,
Anda desgrenhado e nu,
Chorando aquele sinistro.

5 Alusão transparente às viagens de D. Pedro II pelo globo.

III

A chuva pinga... Ora pílulas!
Chuva no Império do Sol!
Como hei de eu, num dia frígido,
Cantar como um rouxinol?

Como hei de eu, trepado – mísero –
Na bola, a bola guiar,
Se o caminho horrível, úmido,
Faz a bola escorregar?

Mas empurro a bola... rápida
Põe-se a correr, a correr...
Volvo em torno os olhos ávidos
Olho, nada posso ver.

Como a semana foi árida!
Inquiro os ares... Em vão!
Chove, a chuva pinga, trêmula,
Só há chuva na amplidão.

Tão preta está toda a abóbada
Onde há chuva e nuvem só
Que o céu pôs luto – parece-me –
Por lhe ter morrido a avó!

Nada vejo, desespero-me...
Foge-me a bola do pé,
Mas nisto paro de súbito,
Lá vem um vulto... Quem é?

«Tu quem és, tu que à ginástica
Também te entregas feliz?
Que fazes equilibrando-te?

Podes quebrar o nariz.»
Ó céus! que é isto? Aproxima-se...
Já posso vê-lo a olho nu.
Bom dia, amigo honradíssimo,
Colega Cotegi-fu!

Lá segue: as abas agitam-se
Da casaca; mas que fazer?
Sobre a bola da política
Faz piruetas mortais.

Coisas da China! Que pândega!
Cotegi-fu, vem a mim,
Dá-me essa mão... ajudemo-nos...
Iremos melhor assim.

Coragem, amigo, mostra-te
Equilibrista, também,
Faz cara bonita: aguenta-te!
Mando-te o meu parabém.

E lá vamos ambos, pálidos,
Com medo do trambolhão:
Eu tenho a bola da crônica
Tem ele a da oposição.

Lá vamos trepados, míseros
Na bola, a bola a guiar...
E o caminho horrível, úmido,
Faz a bola escorregar.

IV

Guerra, guerra! Trovejando,
Urra sinistro o tambor:
Todo o céu treme, ecoando

Da guerra o vivo estridor.
Cobrem-se os ares de fumo
Como de um lúgubre manto,
O sangue corre...[6] Em resumo:
Entrou em Pequim o espanto.

Ao estrugir da batalha
Que agitação em Pequim!
Sob a sagrada muralha
Grita, vibrando, o clarim...

Toda a polícia chinesa
Saiu a campo açodada,
A exercitar, com limpeza,
A rasteira e a cabeçada.

E passou tantas rasteiras
Tais cabeçadas passou,
Que a primeira das primeiras
Polícias se revelou.

Porque – sabei-o! – na terra
Dos quiosques e dos leques,
Rasteira é arma de guerra
De mandarins e moleques.

---

6 Alude o poeta a distúrbios ocorridos em São Paulo no dia 27 de setembro de 1887, quando foram libertados, por força de *habeas corpus*, cidadãos que haviam sido presos em Caçapava por fazerem propaganda abolicionista. Quando advogados e abolicionistas saíam do tribunal da Relação, onde se obtivera a libertação dos ativistas presos, foram recebidos por um grupo de populares aos brados de «viva a liberdade». Porém, logo depois, apresentaram-se, com gritos injuriosos, *secretas* da polícia, os quais, vestidos de roupas civis, passaram a agredir os manifestantes com pauladas, socos e pontapés.

Tudo aqui a perna arrasta
Tudo aqui sacode o pé...
Demonstra ser de má casta
Quem capoeira não é:

Cotegi-fu (quem diria?
Quem poderia dizê-lo!)
Cotegi-fu que podia
Servir de exemplo e modelo

De sisudez e respeito
De calma e circunspecção
Não sabe traçar com jeito
O passo do jamegão.

Não é à toa – caramba!
Que andamos nós, os chineses,
À volta com a corda bamba,
Senhores meus, tantas vezes.

Desde criança vivemos
Às cambalhotas no ar:
Saltamos, quando nascemos,
E morremos a saltar.

Por isso não vos espante
Esta esquisita notícia:
Não estranheis o desplante
Da nossa cara polícia,

Que no furor da batalha
Que houve, há dias, em Pequim,
Puxou do bolso a navalha
À viva voz do clarim.

V

Certo ao Brasil já deve
A fama ter chegado
De Sena-Fri, que escreve
Com muita erudição[7].

Que o Sena-Fri é o homem
Piedoso e comportado
Que tentam e consomem
O estudo e a devoção.

Ninguém melhor, na China,
Sabe escrever com tanta
Perícia e com tão fina
Pureza. E mais: ninguém.

Vive tão cauto e sério
Passa a vida tão santa!
Credo, não há no Império
Quem viva assim tão bem.

Pois Sena-Fri, tão falto
De Bíblia, tão sisudo
Ontem pulou, de um salto
Da calma à fúria: e zás!

Pegou-se com um colega
Mandou à fava tudo
Deu-lhe pancada cega
Na frente e por detrás.

---

7 Refere-se o poeta ao padre Sena Freitas, muito atuante nas cidades da então província de São Paulo. Era autor de livros e assíduo colaborador de órgãos da imprensa.

Em vão os seus amigos
Correram e à porfia
Mostraram-lhe os perigos
Do seu fatal furor:

Mas ele, sem ouvi-los,
Olhava-os e dizia:
«Podem ficar tranquilos
Os homens do Tabor».

E tome pau. Tome!
Bateu-os rijamente
Matou-lhes toda a fome
De desaforo e pau.

Bendito padre! Arruma!
Tosa-os serenamente,
Sem compaixão nenhuma!
Nunca te julgues mau!

Bonito! Quem diria
Senhores, porventura
Que este cordeiro havia
De dar este leão?

Parte-lhes o cachaço
As costas lhes fratura!
Não te canse o braço,
Nunca te doa a mão!

Pe-Ho

A Semana, 5 de fevereiro de 1887.

Cartas do Olimpo

IV

Guerra!... Gritos atroadores,
Surdos sons, surdos abalos,
Rufos roucos de tambores,
Tropel veloz de cavalos...

Rolam as ondas ardentes
Dos compactos batalhões
Exórdios incandescentes,
Acesas perorações.

Os olhos pulam; crispadas
As becas torcem-se e gritam;
E como duras espadas
As duras línguas[1] se agitam.

Ânimos quentes... Batalha
De discursos a granel:
Faz mais rumos que a metralha
O *speech* de um coronel[2].

Pois de nenhum modo aterra
Lutar no Teatro Recreio

1 No jornal: lingoas.

2 Alude o poeta a um dos episódios da chamada *questão militar*. Tratou-se de reunião realizada no teatro Recreio Dramático no dia 2 de fevereiro de 1887 com a presença de lideranças como o marechal Deodoro da Fonseca e o major Benjamin Constant. Com a finalidade de protestar contra punições sofridas por militares, proferiram-se na ocasião vários discursos.

A quem no teatro da guerra
Sempre lutou sem receio.

Espanta glória tamanha!
Já não é pouco saber
Vencer no ardor da campanha,
E na tribuna vencer.

Glória aos bravos que puniram,
Ministro, a tua imprudência!
Vergonha às *chaves* que abriram
As torneiras da eloquência!

Por sua causa o Teatro,
Que os *calembourgs* escutou
E as frases e os diabo a quatro
Da *Família* de Ordonneau[3],

E que a ação comovedora
Viu desenrolar-se inteira
Da *Mártir*, da *Roubadora*,
E dos *Crimes da Parteira*[4],

Agora escuta ofegante,
Em vez do dito jovial,
A tormenta retumbante
Das iras de um general.

Mortais[5] guerreiros! de cima
Do monte de ouro que habito,

---

3 Trata-se da comédia *A família fantástica*, de Maurice Ordonneau e Paul Burani, que estava em cartaz no Recreio Dramático.
4 Cita o poeta peças encenadas sempre com muito sucesso.
5 No jornal: Mortaes.

– Do Olimpo que a luz anima
De um sol eterno e infinito, –

Ardendo em júbilo e glória,
Mando-vos o parabém
De Marte – o deus da vitória
E... das *conquistas* também.

Marte, que a fronte cansada
Pousa no seio de Vênus,
E a alma triste e angustiada
Banha em seus olhos serenos,

Marte que, velho, os pesares
Geme aos pés da mãe de Amor,
– Ouvindo-vos, militares,
Sai[6], de um pulo, do torpor.

E, entusiasmado e contente,
Empunha o pavês, e busca
Brandir com a mão impotente
A enferrujada farrusca:

– «Meus filhos! (brada, tremendo
De alegria) Batalhai![7]
E, batalhar não podendo,
Filhos, ao menos... falai!»[8]

PHEBO-APOLLO

---

6 *Idem*: Sae.
7 *Idem*: Batalhae.
8 *Idem*: falae.

Novidades, janeiro-fevereiro de 1889[1].

Flechas de ouro

I

É como um astro na treva
O disco do meu broquel:
E um largo canto se eleva
Das patas do meu corcel.

O bronze ardente e sombrio
Da minha hercúlea armadura,
Cheio de estrelas, fulgura
Como uma noite de estio.

Através dos descampados,
Das planícies através,
Corro: e colinas e prados
Palpitam sob os meus pés.

E quando pelo caminho
Passo, a toda disparada,
A ave se cala assustada
Na alcova quente do ninho...

À caça! O sol resplandece;
Vibram milhões de asas no ar:
A terra toda parece
Estremecer e cantar.

1 As quatro primeiras partes do poema foram publicadas a 24, 26, 29 e 31 de janeiro; a quinta e última parte, a 4 de fevereiro.

A aljava que trago ao colo
De flechas de ouro transborda:
E cada flecha é uma corda
Da lira de Phebo-Apollo.

Por isso, no ardor da caça,
Quando o arco vergo, e, afinal,
A flecha, silvando, passa
Para ferir o animal,

Quando o animal cai[2] sem vida
Tinto de sangue e arquejando,
– O sangue espirra cantando
Da sonorosa ferida.

É uma floresta infinita
A vida humana: a paixão
Sobre ela, que arde e palpita,
Passa como um furacão.

Floresta imensa, estendendo
Braços de heras movediças:
Cerrada como as suíças
Do filósofo Rosendo[3].

Corro-a em todos os sentidos,
E em todas as direções,
Para subjugar, feridos,
Os veados e os leões.

2 No jornal: cáe.

3 Rosendo Moniz Barreto (1845-1897), professor de Filosofia e poeta, que era tratado com rigor pela crítica. Autor de *Voos icários* (1873) e *Favos e travos* (1872), entre outros livros de poesia.

– Tigre faminto, que os dentes
Afias, cauto e maldoso;
Tu, moita verde do gozo,
Bela, e cheia de serpentes;

Clareira fresca do sonho
Onde canta o rouxinol,
E onde, num bando risonho,
Dormem as corças ao sol;

Panteras e borboletas
Sabiás e leopardos...
– Sus! cautela com os meus dardos!
Cautela com as minhas setas!

À caça! A aljava está cheia
Para ferir, por aí,
A quem ama e a quem odeia,
A quem chora e a quem sorri.

Já sob as verdes ramagens
Solto o sôfrego ginete,
E o meu alto capacete
Toca as primeiras folhagens...

De cada chaga uma rosa
Farei brotar e crescer.
E uma rima esplendorosa
Voar e resplandecer.

Que a aljava, que trago ao colo,
De flechas de ouro transborda:
E cada flecha é uma corda
Da lira de Febo-Apolo.

II

Vinham chegando, chegando
Navios e mais navios[4]:
E o mar calmava, chorando
Os seus vagalhões bravios.

Vinham de longe, das plagas
Secas e ardentes do norte:
Vinham, negros, sobre as vagas,
Como o préstito da morte.

E as ilhas verdes sorrindo
À flor das águas, os astros
Feixes de raios abrindo
Sobre o mar e sobre os mastros.

Os ventos que se arrojavam
Sobre as rochas esquarrosas,
– Pasmos e mudos ficavam,
Vendo essas naus misteriosas.

E eles, de noite e de dia,
Vinham correndo, arquejantes:
E um longo choro gemia
Naquelas velas errantes.

Do seio estéril e ardente
Da pátria – os filhos saíam:
Se no areal inclemente
Nem as palmeiras viviam!

4 No início de 1889, desembarcaram no porto do Rio de Janeiro navios com emigrantes cearenses, os quais tinham sido expulsos de sua terra pela seca.

Ora, um ministro – homem sério,
E primeiro entre os primeiros,
Geria a pasta do Império
Com gáudio dos confeiteiros[5].

Cara piedosa e barbada,
Fisionomia divina:
Vestia a farda bordada
Por cima de uma batina.

Amava o cartaz bulhento:
E tinha no olhar, nas frases,
No gesto e no pensamento,
Cartazes e mais cartazes.

Quando ele ia de viagem,
O seu *coupé* soberano
Era como a carruagem
De um dentista americano.

– «Meus filhos! vinde! estou cheio
De brandura e de piedade.
Vinde beber no meu seio:
Matai a sede à vontade!»

Assim falou: A ordenança
Corre a levar a notícia.
Ferve o reclame. A esperança
Enche as almas. Que delícia.

---

5 Referia-se o poeta a Antônio Ferreira Viana (1832-1905), que realizava frequentes reuniões para tratar de diversos assuntos.

E para enxugar o pranto
Dos que combatem com a morte,
Convoca o ministro santo
Os periquitos do norte...

Disputas sérias e rudes
Se travam. Eis, dando um grito,
Diz um: – «Façamos açudes,
Porém... só no meu distrito!»

– «Não! só no meu que é o primeiro»
(Diz, bracejando, o segundo)
– «No meu, (regouga o terceiro)
Que é o primeiro do mundo!» –

Morre o sol, a noite desce,
Reponta o sol. E na luta,
Arde, flameja, recresce,
Entre berros, a disputa.

Mas dá o ministro um salto,
No peito, em cruz, as mãos pousa:
E, ao ver que o dia vai alto,
Resolve-se... ir pensar na cousa.

Vai almoçar. E, pensando
Nos que a miséria consome,
No bife os dentes cravando,
Diz: «Como é bom não ter fome!»

III

A asa espalmada, o olhar ardente,
Em punho a foice luzidia,
Ruge na treva, surdamente,
A epidemia[6].

Dentro da lúgubre mortalha
Sacode os ossos com fragor:
Por onde os passos move, espalha
Morte e pavor.

A foice rígida e assassina
Prepara para a ceifa humana:
Mas... pára diante da batina
De frei Viana[7].

Pois frei Viana o dedo eleva
Diante dela: e ela, ao lhe ver
O dedo fúlgido na treva,
Foge a tremer.

Foge a tremer, cheia de medo
Presa de pasmo e de demência:
Porque esse dedo é como o dedo
Da Providência.

Não cairão vítimas novas
Fracas e exânimes no chão.
Nem de cadáveres as covas,
Transbordarão.

---

6 Naquele tempo, o Rio de Janeiro padecia de uma epidemia de febre amarela.
7 Refere-se o poeta a Ferreira Viana, ministro do Império, que vinha promovendo reuniões com o objetivo de discutir o combate à febre amarela.

Podes seguir para outra parte
Com toda a tua corte horrível:
Vai Frei Viana debelar-te,
Febre terrível!

Porque ele as cousas faz com jeito:
E, já por entre aclamações,
Tem convocado a teu respeito
Três reuniões.

Sábio ministro! O que, lutando,
Não faz nenhuma das ciências,
Faz ele, apenas empregando
As conferências:

Recama os pântanos de flores,
Rega e fecunda os areais[8],
E paga a todos os credores
Municipais[9].

Mais conferências, frade! Rufe
Rouco o tambor, tudo te aclame!
E viva a *blague*! e viva o *puff*! [10]
Viva a reclame![11]

Mais conferências, pio frade!
Mais conferências! nesse andar,
Conquistarás a eternidade,
Sem trabalhar.

---

8 No jornal: areiaes.
9 *Idem*: Municipaes.
10 *Puff*: anúncio espalhafatoso.
11 Também empregado no poema anterior, o galicismo *reclame* não recebeu, no jornal, destaque gráfico ou acento indicativo de timbre. Seu gênero, no entanto, passou de masculino a feminino.

E numa estátua iluminada,
Hás de ficar, eterno e forte,
Sobre uma caixa de pomada,
        Livre da morte.

IV

Em vão, no ar cálido, a rima
Sacode as asas inquietas,
Sorrindo aos astros, em cima,
Sorrindo, embaixo, às violetas.

Em vão, na aljava abrasada
No incêndio vivo do dia,
Ruge a flecha repassada
Do veneno da ironia.

Em vão! Abafado e morno,
O ar se estende, sufocante:
Vinde assar-vos neste forno,
Ó condenados de Dante!

Versos! apenas, a custo,
Rompeis da estrofe cantando:
– Pássaros tontos de susto,
Caís no chão arquejando.

Debalde as asas formosas
Vibrais[12], nos ares dispersos:
Pois se nem vivem as rosas,
Como hão de viver os versos?

12 No jornal: Vibraes.

Com a muleta no braço,
Difíceis passos movendo,
Tropeçando a cada passo
E a cada passo gemendo,

– Bambaleantes, trementes,
Desconjuntados e reles,
– Sois legítimos parentes
Dos do Barão de S. Félix.

E, quando passais[13], – caramba! –
Parece que a caravana
Passa, monótona e bamba,
Dos versos da *Camoneana*[14].

Repousem aves e flores!
Que hoje, no seio da mata,
Não se ouvirão os clamores
Das minhas trompas de prata.

Em paz! Suspendo cansado
A caça; a aljava deponho.
E vou dormir, embalado
Na rede branca do sonho,

E enquanto, em torno, o ar cheiroso
E fresco se desenrola,
E enquanto, perto, a palmeira
Move a inquieta ventarola,

---

13 *Idem*: passaes.
14 *Camoneana Brasileira* (1880), obra de João Cardoso de Meneses e Sousa (1827-1915), o barão de Paranapiacaba.

Passaram as rimas, rindo,
– Entre as papoulas vermelhas,
E as rosas brancas – zumbindo
Como um enxame de abelhas.

V

Recapitulo
Toda a semana:
Porém não bulo
Com frei Viana.

Porque ele, em suma,
Creiam que não
Fez mais nenhuma
Reunião.

Onde estiveste,
Modesto frade?
Nada fizeste?
– Calamidade!

Eu, a estudar-te
Sempre te vi
Por toda a parte,
Aqui e ali.

Da asa do vento
Estás de posse:
– Eras mais lento,
Grande Bargossi![15] –
Ó voz da fama!

15 Considerado como um «célebre andarilho», Víctor Bargossi apresentava-se em várias cidades do mundo, incluindo o Rio de Janeiro, exibindo velocidade e resistência em corridas a pé.

Ó albatroz!
Ó telegrama!
– Como és veloz! –

Tu ao cansaço
Nunca dás tréguas,
Pois com um só passo
Corres cem léguas.

Conheça a história
Que podes tu
Estar na Glória,
E no Caju.

Vais[16] sem barulho,
De um salto ousado,
Do Pedregulho
Ao Corcovado.

E, ubíquo e forte,
Possuis[17] até
Um pé no Norte,
No sul um pé.

De manhã cedo,
Apenas te ergues,
Vais[18], em segredo,
Ver os albergues.

---

16 No jornal: Vaes
17 *Idem*: Possues
18 *Idem*: Vaes.

Segues viagem
No teu *coupé*:
E a reportagem
Te segue e vê.

Acima e abaixo,
Corres e rolas:
Missa e despacho,
Puffs e esmolas.

Oh! que reclames
Pelos jornais![19]
Corres exames
E tribunais,

Secretarias,
Templos, conventos,
Hospedarias
E regimentos.

Agora vejo
Que, ao começar,
Tinha o desejo
De te poupar.

Mas, – frei Viana!
Enches, disperso,
Toda a semana,
Todo o universo.

19 *Idem*: jornaes.

Em ti falando,
Não posso mais:
Vou esgotando
Todo o carcaz.

Onde estiveste,
Modesto frade?
Nada fizeste?
– Calamidade!...

Nemrod

Gazeta de Notícias, 11 de dezembro de 1904.

Crônica

Lembram-se os leitores da *Gazeta* de Fantasio, – daquele extravagante Fantasio, que aqui publicava, há alguns anos, umas cousas sem nexo, de uma fantasia descabelada, revelando muita futilidade e pouco senso?

Fantasio desapareceu, e muita gente cuidou que ele tivesse morrido de uma indigestão de sonhos. Puro engano! Fantasio está vivo, – hospedado, não se sabe como nem porque, no Pindo[1]. Assim, diz e prova o despacho telegráfico que dele acabo de receber, por via miraculosa. É um documento interessante, porque demonstra que Fantasio é sempre o mesmo sonhador, não sabendo escrever cousa com cousa.

Tendo acordado hoje com pouca disposição para o exercício da minha missão de cronista, não quero abusar da paciência dos leitores, e dou-lhes, em lugar[2] da minha prosa aborrecida, os versos do longo telegrama de Fantasio. Porque o telegrama é todo versificado: o que não deve espantar, sendo sabido que o verso é a língua natural dos loucos[3].

E aqui está a peça, que não sei bem, se é autêntica, ou se não passa de um gracejo de mau gosto. Em todo o caso, como o estilo é o homem e como os versos me parecem absolutamente destituídos de bom senso, prefiro não duvidar de sua autenticidade.

---

1 Pindo: montanha consagrada, na Antiguidade, a Apolo e às musas. Localiza-se na Tessália, região do nordeste da Grécia que se notabilizou por suas criações de cavalos.

2 No jornal: logar.

3 No dia 29 de novembro de 1904, João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) publicou também na *Gazeta de Notícias* reportagem intitulada «Os poetas no hospício».

Pindo. Pelo telégrafo sem fio,
No derradeiro mês de outubro grego.
No Palácio de Febo[4]*, ao melancólico*
Desfolhar das sagradas oliveiras.

Amigo, chove... Como é triste a chuva!
Hóspede aqui, graças ao grande Apolo,
Das nove musas, não desfruto o gozo
Que sonhara lá embaixo entre os humanos.
O Tédio é o mesmo, porque a Vida é a mesma,
E só não se aborrece quem não vive...
Chove... Em cordas, espessas e cerradas,
Desce a chuva do céu, nublado e frio,
Como um pano de boca, que me encobre,
Neste teatro de deuses, o espetáculo
Das paisagens suavíssimas do Pindo.
Em torno, as oliveiras gotejantes
Tiritam. Arrepiando as asas trêmulas
Calam-se, na espessura, as filomelas.
– Clio, Tália, Euterpe, Erato, Urânia,
Melpômene, Calíope, Polínia[5]
Tossem e espirram pelos corredores;
E até a deusa que preside as danças,
A trêfega, levípede Terpsícore[6],
Geme, com reumatismo nos artelhos,
Sem o passo ensaiar pelas colinas.
Apolo, o meu Senhor e Pai, cochila,

---

4 Febo, «o brilhante», epíteto de Apolo, às vezes é empregado como nome próprio. Deus da música e da poesia, comandava sobre o monte Parnaso os jogos das musas, suas amantes ocasionais.
5 O poeta relacionou oito das nove musas, às quais se atribuem, respectivamente, a história, a comédia, a flauta, a lírica coral, a astronomia, a tragédia, a poesia e a pantomima.
6 Completando o grupo das musas, Fantasio mencionou Terpsícore, protetora da poesia ligeira e da dança.

Com a lira de ouro posta aos pés, sem cordas,
E a barba por fazer há sete dias.
– Taciturno, roendo as ervas úmidas,
Pasta ao lado o quadrúpede apolíneo,
O decaído Pégaso, molhado,
Com as ferraduras de cristal na lama,
Lembrando, na magreza e na tristura,
Os cavalos dos tílburis do Rio.

Amigo, chove... Como é triste a chuva!

Aqui, no sacro píncaro das Musas,
Não sei do que se passa lá por baixo,
Nesse longínquo Rio de Janeiro.
Mas, em compensação, tenho notícia
Do que se passa nas regiões do Olimpo...
Quase sempre, Mercúrio, o mensageiro
De Júpiter, na eterna dobadoura,
Passa, na ida e na vinda, pelo Pindo,
E aqui pousa um minuto os pés alados.

Inda hoje, de manhã, o Deus ligeiro
Veio[7] dar-nos um ar de sua graça.
Vinha, apesar da chuva, esbelto e enxuto,
Inda arfando do voo airoso e forte
Pelo éter puro. Às suas mãos ardia
O caduceu fulgente. Aos pés e aos ombros,
Palpitavam-lhe as asas de diamantes.
Todo o seu corpo jovem rutilava,

Inda banhado do reflexo esplêndido,
Que o convívio de Jove a tudo empresta.

7 No jornal: Veiu.

E era tão belo assim, que a austera Clio,
Esquecida da tosse e da virtude,
Os olhos lhe piscou, rosada e terna...
Erato ofereceu-lhe um *bock* espúmeo
De ambrosia *frappée*. Ele, de um sorvo,
De um largo sorvo esvaziou o copo.
E, em lindo estilo sóbrio e comedido,
(Porque entre os divos não floresce ainda
o nefelibatismo) a voz alçando
Começou a contar-nos novidades...

Contou-nos que os Titãs[8] (gente atrevida!
Incorrigível gente!) Outra escalada
Tentaram contra o Olimpo, ambicionando
O supremo poder, que o grande Júpiter
Nas mãos detém, por eleição dos numes.
«Pobres Titãs! (disse Mercúrio e ria)
Já não têm a importância da outra idade!
Com um estado de sítio[9], brando e mole,
E só com isso, o grande Jove as hordas
Destroçou do inimigo; nem Vulcano
Precisou de forjar potentes raios
Por fulminar a revoltosa gente.»

Soubemos mais que, aproveitando o sítio,
Marte, o deus que a polícia faz do Olimpo,
Vai desterrar para os confins do Averno,
Para essas zonas cálidas e inóspitas,

---

8 Titãs: filhos de Urano e Geia, foram expulsos do Céu pelo pai. Com a mutilação imposta a Urano por Crono, seu filho mais novo, retornam ao poder como aliados do irmão. Mais tarde, seriam vencidos por Zeus (Júpiter na tradição romana), que os atiraria no Tártaro.
9 O poeta aludia às medidas repressivas tomadas contra os participantes da Revolta da Vacina, dos quais muitos foram presos e desterrados para a Amazônia.

Algumas dúzias, já não sei bem quantas,
De amotinados e amotinadores:
«E (acrescentou Mercúrio) irão com eles
Várias daquelas ninfas errabundas
E daquelas impuras coribantes,
Que andam vendendo amor aos forasteiros,
Sem licença de Vênus e Cupido!
Agora, sim! vai povoar-se o escuro
O triste reino de Plutão»
«Mercúrio!

(Dissemos nós, as musas e eu) que novas
Mais alegres do que essa nos dás hoje?
Com esta chuva que nos aborrece,
Com este tédio que nos aniquila,
Quiséramos notícias de prazeres,
De amores, de alegrias, de triunfos,
Que não notícias de bernardas e ódios!»

«Pois filhos! (disse o excelso mensageiro)
Não há cousa melhor! Apenas consta
Que há desfalques no olímpico tesouro...[10]
Já Moneta e Pecúnia, as duas deusas
Que a esperta Roma introduziu no Olimpo,
E que às finanças montam guarda astuta,
Não têm mãos a medir com as ligeirezas
De alguns fiéis...»
– «De alguns fiéis?»
«...dotados

10 No dia 28 de novembro de 1904, funcionário do Tesouro Nacional apropriou-se de 330 contos de réis, os quais deveria transportar de um andar para outro daquela repartição. De posse da vultosa quantia, deixou o prédio, evadindo-se.

De pernas boas para a fuga alígera,
Porém privados de fidelidade!
Há desfalques em tudo... Descobriu-se
Um desfalque no escrínio fulgurante
Da Via Láctea, outro no Velocino[11],
Outro no Arco-Íris. Têmis[12] se lastima,
Queixa-se Juno...[13] À Aurora matutina
Furtaram quatro pórticos de opala...
Já no cinto de Vênus faltam pérolas...
E, ontem, Saturno, que é um deus avaro,
Quase morreu de dor, dando por falta
De um dos anéis...»

Assim falou Mercúrio.
E disse mais que os deuses, no propósito
De pôr cobro à mania dos desfalques,
Já tinham começado, em assembleia,
A decretar medidas rigorosas...

«Começaram por onde?» perguntamos.
«Pelo caso das pedras!»[14]
«Mas que pedras?»
«As pedras de Sísifo...[15] A história é longa
E eu , filhos, tenho pressa!»
Disse, e, logo
Movendo as asas céleres, sumiu-se,
Furando as cordas d'água...

---

11 Velocino de Ouro ou Tosão de Ouro, pelo do carneiro alado Crisômalos. Segundo a mitologia grega, sua posse assegurava prosperidade e poder.
12 Têmis, deusa que representa a Lei.
13 Juno, divindade romana que protegia as mulheres legitimamente casadas.
14 O poeta aludia à corrupção na reforma do calçamento da rua do Ouvidor.
15 Sísifo foi precipitado por Zeus nos infernos, onde é obrigado a rolar um rochedo morro acima. Mal atingido o cimo, o rochedo despenca, obrigando o penitente a reiniciar a sua tarefa eterna.

E chove! e chove!
Ai! meu amigo, vou pastar, ao lado
Do pacífico Pégaso... Estas Musas
Tossem cada vez mais... Apolo dorme...
O Pindo é triste como um cemitério...
E eu me aborreço mais entre estes numes,
Do que entre os homens já me aborrecia!
Que saudades da lama da Avenida![16]
Até breve. Lastima-me!

Fantasio.

Cópia textualmente feita, com toda a fidelidade, por O. B.

16 Naquele tempo, a cidade vivia os transtornos causados pela abertura da avenida Central, atual Rio Branco.

Gazeta de Notícias, 14 de fevereiro de 1895.

Crônica do Olimpo

Também no Olimpo as hepatites,
Graves e túrgidas, florescem:
Também nos chega o humano mal...
– Leitor! talvez não acredites:
Porém os deuses adoecem
Como qualquer pobre mortal...

Eu, semideus[1] (porque os poetas
São mais do céu[2] do que da terra),
A uma hepatite sucumbi.
Bichas[3], pomadas e dietas...
À congestão declarei guerra:
Lutei, clamei, suei: venci!

Por mais de um mês teve-me ao colo
Papai Orfeu[4]. Quanto carinho
Tive dos médicos de lá!
Sisudo e de óculos, Apolo
Me receitou, em vez de vinho,
Um garrafão de Robinat.

---

1 No jornal: semi-deus.
2 *Idem*: céo.
3 Fantasio referia-se evidentemente à aplicação de sanguessugas, terapêutica muito acreditada naqueles dias.
4 No período em que o poeta esteve doente, a cidade viveu sobressaltos causados por boatos sobre epidemia de cólera no sudeste de Minas Gerais. Para tentar isolar a doença, as autoridades sanitárias tomaram medidas severas.

Uma das musas, pressurosa,
Deu-me um pichel de Parykina[5],
Com tantas lágrimas no olhar!...
Outra, porém, mais carinhosa,
Deu-me a beber podofilina[6],
E deu-me os seios a beijar.

Assim, à cama acorrentado,
Na enfermaria do Parnaso,
Longe da rua do Ouvidor,
Fiquei dos homens apartado.
E nada vi, pois só fiz caso,
Pobre de mim! da minha dor!

Não assisti à debandada
Da nuvem negra dos doutores.
Ah! foi-se o cólera! Não vi
Cair em calma, regalada,
Livre dos desinfectadores,
A região do Piraí.

Para evitar disenterias
Houve este esplêndido remédio:
Jogou-se às chamas um selim...
Olá! folgai, mercadorias!
Folgai, selins! morreu de tédio
O coma-vírgula por fim!...

---

5 Por se tratar de nome próprio, respeitou-se a grafia original.
6 Resina medicinal de ação laxativa e colagoga (isto é, faz aumentar a secreção de bílis) empregada no tratamento de vegetações venéreas.

Não assisti ao reboliço
Que houve entre *poules*[7] e pelotas...
Foram-se as *acumulações*!...[8]
Ai! quanta gente sem serviço,
As pernas troca e pui[9] as botas
Com o fechamento dos frontões!...

Ah! não vi nada e nada vejo!
Como sorris, convalescença!
Sol de verão, como sorris!
Nada mais peço nem desejo
Do que, liberto da doença,
Abrir ao sol a alma feliz...

Fantasio

---

7 Em redondo no jornal.
8 Naquele mês de fevereiro, a polícia fechara os frontões de pelota basca, que alimentavam vigorosa jogatina.
9 No jornal: púe.

A Bruxa, janeiro de 1897.

Crônica

I

Vamos! pronta! de pé, Musa da Crônica!
E, de teorba em punho, ergue-te e canta!
Novo poder mais alto se alevanta
Do que os outros que vives a cantar!
Vamos! nas asas do teu canto altíssono,
Voe a fama daquele que, bondoso,
Abriu no solo do país ditoso
        A linha circular!

II

A vida é triste! Esta cidade é fúnebre!
E morrer é tão bom! Suspira a gente
Pelo dia em que possa, calmamente,
Ir a região da morte visitar...
Temos um novo meio de suicídio!
Quem tem o tédio e o desespero na alma
Pode entregar-se, com sossego e calma,
        À linha circular!

III

Graças a Deus! já tínhamos o arsênico,
O revólver, a corda, a artilharia,
A cabeçada, o banho na baía,
– Vários meios de a gente se matar...
Tínhamos além disso os farmacêuticos
E as várias linhas da Central Estrada:
– Temos agora, ó gente afortunada,
        A linha circular!

IV

Salve, doutor Frontin! vias, atônito,
E derramando lágrimas ardentes,
Que iam diminuindo os acidentes...
Por quê? Principiaste a meditar...
Qual seria do mal a causa horrífica?
E meditaste; e tanto meditaste,
Que, para glória tua, inauguraste
        A linha circular!

V

Quando Jardim sustinha[1] o cetro esplêndido
Daquela direção, de dia em dia
Regularmente, um acidente havia,
Para a sua constância celebrar...
Choques, encontros, contusões e lágrimas...
Belo tempo tão cedo terminado!...
– Enfim, respiro, por se ter criado[2]
        A linha circular...

VI

Nem todos gostam do correr monótono
De uma linha que vai, direita e dura,
Sem uma curva, sem uma aventura,
Sem se torcer e se perturbar;
Morrer em linha reta é mesmo estúpido!
Hoje, além de morrer em linha reta,
Já podemos morrer, gente inquieta,
        Em linha circular!

---

1 Na revista: sostinha.
2 *Idem*: creado.

VII

A linha circular começa, trêfega,
Nas chaves da estação do Madureira:
Dobra o Campinho, e, a se curvar, faceira,
Vai[3] até Cascadura se arrastar...
Há por ela um milhão de voltas rápidas:
E, ai! que delícia! ai! que contentamento!
É mais seguro o descarrilamento
    Na linha circular...

VIII

Hoje o processo de morrer – escolhe-se:
Quando se quer morrer como um foguete,
Toma-se a linha reta: «Olá, bilhete!
Da reta! tenho pressa de acabar!»
Mas quem deseja morte lenta e cômoda,
Com grandes diferenças de paisagem,
– Escreve o testamento, e faz viagem
    Na linha circular.

IX

Há inda uma vantagem de alto mérito
Na linha circular: cada suicida
Sai[4] vivo, e ao mesmo ponto de partida
Serenamente volta, a se enterrar...
Que economia! que invenção magnífica!
Cobra-se tempo; aumentam-se as desgraças;
E enfim se morre com mais graça, graças
    À linha circular!

---

3 *Idem*: vae.
4 *Idem*: sae.

X

A nova direção, nadando em glória,
Exulta. A Empresa do Suicídio Expresso
A vida de esplendor e de progresso,
Completou a Ciência de Matar!
– Ah! com que mágoa, no ostracismo lúgubre,
O marechal Jardim[5], desesperado,
Há de chorar, por não haver criado[6]
        A linha circular!

Fantasio

5 Jerônimo Rodrigues de Morais Jardim (1838-1916), diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil de 1894 a 1896.
6 Na revista: creado.

Gazeta de Notícias, 15 de janeiro de 1903.

GAZETA RIMADA

Soyons citoyens, mais appellons-nous messieurs...

GAMBETTA

Ora, graças a Deus! Teve um fim a mania
De escrever: «cidadão ministro ou presidente»
E vai a gente enfim ter os nomes que à gente
Deram os pais na pia.

Eu sou eu! Tu és tu! – Depois de batizada
Tem o seu nome certo a criança nascida;
E não é nada honroso um homem ser, na vida,
Cidadão, sem mais nada!

Era um horror! Dizia um cidadão janota
«Faça-me um *frac*[1] assim, cidadão alfaiate!»
Ou então, dando o pé: «Cidadão engraxate,
Engraxe-me esta bota!»

E era só nos quartéis: «Cidadão comandante!
Cidadão capitão! cidadão corneteiro!
Cidadão marechal! cidadão marinheiro!
Cidadão almirante!»

Tudo era cidadão, na sala e na cozinha;
O amo era cidadão, cidadão o criado,
E tudo era ensopado, assado, cozinhado
Na mesma panelinha...

---

1 No jornal: *frak*.

Que inferno! *Cidadã* chamava o mano à mana,
E a patroa à criada... Era uma tábua[2] rasa!
Muita vez se dizia: «À noite, vou à casa
        Da cidadã Susana!»

Hoje, graças a Deus, já ninguém nos consome
A paciência com isso! Esplêndida vitória!
Já podemos dizer: «Cidadão? uma história!
        Cidadão não é nome!

Quem gostar desse título, adote-o!
Mas tenha cada um seu nome, que demônio!
E chame-se Joaquim, Manuel, José, Antônio,
        Policarpo ou Timóteo...

Puck

2 *Idem*: taboa.

A Notícia, 6 de janeiro de 1905.

Registro

Versos encontrados, hoje, pela manhã, no cais[1] da Lapa, e provavelmente caídos da algibeira de algum poeta descuidado:

Ponham-me a testa em panos de vinagre!
Que é isto? sinto que a razão me escapa!
– Jaz por terra aos pedaços, oh! milagre!
O barracão do cais da Lapa!

Por quantos anos, nesse cotovelo
Da praia que orla da cidade o mapa,
Vi, levantado como um pesadelo,
O barracão do cais da Lapa!

Feito de reles pinho carunchoso,
Sob o disfarce da pintura guapa,
Parecia um gigante temeroso
O barracão do cais da Lapa...

Afrontava o furor da ventania,
Sujava o sol que o iluminava em chapa;
– E o tempo destruidor não destruía
O barracão do cais da Lapa!

Eu, louco, eu, triste, eu, mísero, eu, enfermo,
Pensava: «Nem um raio te acaçapa,
Ó pavoroso e estúpido estafermo,
Ó barracão do cais da Lapa!»

1 *No jornal*: caes – em todas as ocorrências nesse texto.

E o grande mar, em cóleras desfeito,
O mar, que rói[2] as praias e solapa
As ilhas de coral, – tinha respeito
        Ao barracão da Lapa!

Fui queixar-me à polícia e à Prefeitura,
Ao presidente, ao arcebispo, ao papa,
Denunciando, como *gettatura*[3],
        O barracão do cais da Lapa...

Bradei a Deus: «Ó Senhor Deus, fulmina
Este monstro feroz, que o mar nos tapa!
Sinta a força da cólera divina
        O barracão do cais da Lapa!»

Tudo em vão!... Do meu ódio escarnecendo,
Da minha indignação rindo à socapa,
Ficava duro, imóvel e tremendo,
        O barracão do cais da Lapa...

E eu pensei em fugir para um convento,
Para uma triste e rigorosa Trapa,
Onde não visse, nem por um momento,
        O barracão do cais da Lapa...

....

Mas o dia chegou! o dia justo,
O *dies-irae*, de que nada escapa!
Um braço forte exterminou sem custo
        O barracão do cais da Lapa...

---

2 *Idem*: róe.
3 *Idem*: jettatura.

Para cantar esse ato refulgente,
Musa feliz, não há mais rima em *apa*!
– Durma em paz no monturo, eternamente,
O barracão do cais da Lapa!

A cópia está conforme. B.

Canções

O Combate, 27 de fevereiro de 1892.

En revenant de la legalité

Letra do Sargento-mor[1]

(Para ser cantado com a música
do En revenant de la revue)

I

Antes do 15 de novembro,
Era Custódio um capitão[2]
Que andava lá, se bem me lembro,
A passear pelo Japão.
Mas de repente, um belo dia,
Se desmorona a monarquia.
Vem nova gente e nova lei[3],
Manda-se à fava o reino e o rei.
E Custodinho vem,
Vem aderir também,

---

1 Segundo Raimundo Magalhães Jr. (*Olavo Bilac e sua época*, Rio de Janeiro, Americana, 1974, p. 150), o pseudônimo aludia ao sargento Silvino de Macedo, líder do fracassado levante das fortalezas de Santa Cruz e Laje. Os revoltosos pretendiam restaurar o governo de Deodoro da Fonseca.

2 Contra-almirante Custódio José de Melo (1840-1902). Quando fora proclamada a República, comandava o cruzador Almirante Barroso na segunda viagem de circunavegação realizada por navio de guerra brasileiro. Deputado constituinte pela Bahia, fazia oposição ao marechal Deodoro da Fonseca. Com o golpe de Estado de 3 de novembro de 1891, comandou a resistência de parte da esquadra a bordo do couraçado Aquidabã no dia 22 do mesmo mês. Cedendo à pressão, Deodoro renunciaria no dia seguinte. Posteriormente, Custódio de Melo tornou-se ministro de Marinha de Floriano, com quem romperia e contra quem levantaria a Armada (1893).

3 No *Álbum*: grey.

Mas o maior dos generais[4]
Do capitão caso não faz.
E *le brav'amiral*,
Pela causa legal,
Arma a revolução,
Encouraçado em papelão.

Conspirador
Começa com pavor[5],
Acaba[6] com furor
Valente e belo...
E foi assim,
Que, tim-tim por tim-tim,
Subiu ao Trampolim
– Custódio Mello...

II

Foi para o Hospício fazer ninho
E entre os malucos se ocultar.
Onde é que o bravo Custodinho
Lugar[7] melhor podia achar?
Quando rebentou o levante,
Com voz de Júpiter Tonante,
A 23, pela manhã,
Clamou no Hospício: Aqui... dabã!
Logo a reboque vem,
Vem batalhar também,

4 *Idem*: generaes.
5 *Idem*: temor.
6 *Idem*: E acaba.
7 *Idem*: Logar

Mas o navio o capitão
Mete encalhado na Armação...[8]
Puxa de cá, de lá
Preso o navio está,
Graças a *l'amiral*
De uma bravura sem igual[9].
E o *Aquidabã*,
Logo pela manhã,
Dispara um tiro... pã!
Que tiro belo!
Vence afinal
A revolta legal...
Vive l'brav'amiral
Custódio Melo!...

III

Lucrou com isso a lavadeira
Pela ceroula que lavou...
Batalhar não é brincadeira
Como o Custódio batalhou.
A Candelária foi ferida[10],
Porém o herói[11] saiu com vida
E diz-lhe o irmão a soluçar:
– Ai mano! vamos almoçar!
E o Custodinho vem,
Vem almoçar também,

---

8 Na conhecida baía da Guanabara, Custódio José de Melo encalhou o navio Riachuelo e perdeu o Solimões.

9 No *Álbum*: egual.

10 Na primeira manifestação de hostilidade a Deodoro, bala de canhão atirada pelo Aquidabã danificou a torre da Candelária.

11 No *Álbum*: heróe.

Muda as ceroulas com afã,
Abençoando o *Aquidabã*!
E viva o 23[12],
Que o Custodinho fez
E viva o seu irmão
Cronista da Revolução.

E viva o herói[13],
Que as igrejas destrói[14],
E sai sem um dodói[15],
Valente e belo!...
Herói[16] ideal
Que é o Boulanger naval...[17]
Viv'le brav'amiral
Custódio Melo!

---

12 *Idem*: Vinte e Três.
13 *Idem*: heroe.
14 *Idem*: destroe.
15 *Idem*: dodóe.
16 *Idem*: Heroe.
17 Georges-Ernest-Jean-Marie Boulanger (1837-1891), general francês. Distinguiu-se por sua bravura nos campos de batalha, de onde algumas vezes saiu ferido. Combateu a Comuna de Paris. Político popular, foi ministro da Guerra (1886-1887). Estimulado por setores da direita, esteve à testa de uma fracassada conspiração golpista. Com o revés, que lhe fez fugir para a Bélgica, suicidou-se.

Gazeta de Notícias, 25 de setembro de 1899.

A PESTE

(em solfejo)

Não entra a peste bubônica![1]
A peste, como uma Huri[2],
Ouve Itiberê, extática...
Dó-ré-mi-fá-sol-lá-si.

O piano geme suavíssimo...
– Como a escada de Jacob,
Vão subindo as notas quérulas:
Si-lá-sol-fá-mi-re-dó...

A peste, cativa, em lágrimas,
Não pode sair de lá...
A peste gosta de música...
Si-lá-sol-mi-ré-dó-fá...

Itiberê ao telégrafo
Não vai... – Que lindo bemol!
Geme o piano diplomático:
Mi-ré-dó-fá-si-lá-sol...

Dormi, cidadãos pacíficos!
O ministro Itiberê

---

1 Corriam no Rio de Janeiro rumores alarmantes a respeito de epidemia no Paraguai. Questionado a respeito por telegramas do presidente da República, o embaixador Basílio Itiberê da Cunha (1846-1913), compositor de obras com sabor nacional, não dava esclarecimentos satisfatórios.
2 Mulher formosa destinada a desposar o maometano fiel no Paraíso.

É um pianista de mérito!
Fá-si-lá-dó-sol-mi-ré...

As medidas profiláticas
São cousas que já não há...
Nunca houve peste bubônica!
Sol-fá-mi-ré-dó-si-lá...

E, enfim, se a peste, ó munícipes,
Um dia chegar aqui,
Toquemos todos, pianíssimo:
Ré-si-fá-sol-dó-lá-mi...

PUCK

A Bruxa, 10 de julho de 1896.

Tha-ma-ra-boum-di-hé

Música de Désansart

(Para ser cantado, com coros de artistas nacionais[1], no Cabaret[2], por M.elle Ivonne)

I

Quando vivia João Caetano,
Havia ingênua, e pai[3] tirano,
E capa, e espada, e sangue só…
– O dramalhão desfez-se em pó!
Temos agora o diabo a quatro,
Graças ao gênio do Brandão![4]
Enfim! possuímos um teatro,
Em plena civilização!

Tha-ma-ra-boum-di-hé![5] (*bis*)
Temos *Tim-tim*[6], e até
Temos um Cabaret!
Tha-ma-ra-boum-di-hé! (*bis*)

---

1 Na revista: nacionaes.

2 Manteve-se a grafia francesa por tratar-se de nome próprio. A atriz Ivone apresentava no teatro Eldorado canções brejeiras inspiradas nas *chansonettes* que celebrizaram o Cabaret du Chat Noir em Paris.

3 Na revista: pae.

4 Brandão (1845-1921), empresário teatral e ator cômico cognominado «O Popularíssimo». A companhia Brandão especializou-se em revistas cujas atrizes exibiam livremente seus *dotes artísticos* aos olhos ávidos da plateia masculina.

5 Manteve-se a grafia original desse verso por ser formado por interjeições.

6 N'*A Bruxa*, o título da revista de ano é sempre grafado com hífen.

II

Chegai! chegai![7] já ninguém cora,
Nem se revolta, ao ver de fora,
Do gás ao brilho ardente e cru,
Tudo quanto há no *Rio-Nu*...[8]
Que tem que as pernas das atrizes
Sejam de carne ou de algodão?
– Mirai-as[9] bem, olhos felizes!
Isto é que é civilização!

Tha-ma-ra-boum-di-hé! (*bis*)
Temos *Tim-tim*, e até
Temos um Cabaret!
Tha-ma-ra-boum-di-hé! (*bis*)

III

Inda heis de[10] ver, bem ensaiada,
Representar-se *A Martinhada*![11]
Vereis, da rampa à viva luz,
Freiras sem véus[12] e frades nus![13]
Feliz o Rio de Janeiro!

---

7 Na revista: Chegae! chegae!

8 Em vários textos da revista, esse título é grafado com hífen e acento: Rio-Nú.

9 Na revista: Mirae-as.

10 *Idem*: heis-de.

11 Nunca existiu peça com esse título, que, na verdade, aludia à iniciativa da municipalidade de criar no Rio de Janeiro um Teatro Normal. A instituição foi previamente confiada à direção artística do ator Martins, que cultivou por longos anos o teatro alcazarino.

12 Na revista: véos.

13 *Idem*: nús.

Feliz, feliz população!
Entrou o Palco brasileiro
Em plena civilização!

Tha-ma-ra-boum-di-hé! (*bis*)
Temos *Tim-tim*, e até
Temos um Cabaret!
Tha-ma-ra-boum-di-hé! (*bis*)

LILITH

A Bruxa, 4 de dezembro de 1896.

Teatro

Olá vós! em Paris, em Londres, em Viena,
Não tendes com certeza os dramas que há por cá!
Deve causar-vos dó, deve fazer-vos pena
Não ouvir o *Amapá!*

Tendes vós um Moreira, um Cardim, um Vicente?[1]
Tendes um gênio assim? tendes alguém? – Quem é?
Tendes por lá quem trame o enredo refulgente
Do *Alferes Busca-Pé?*

A Arte, neste Brasil, vive em perpétua aurora:
Andam aos pontapés os gênios por aqui!
O alto e bondoso Deus deu-nos o *Zé-Caipora*,
E a *Bilontra-Mimi!*

Lá no vosso Teatro, ó cidades da Europa,
O drama é bagaceira, é porcaria, é pó...
Isto aqui é que é Arte, isto aqui é que é tropa:
Deveis ter pena e dó!

Porque enfim eu daqui nem a pauladas saio:
É maior que o Indostão, é maior que o Peru
Um país que possui um Moreira Sampaio,
E tem um *Rio-Nu!*

Puck

---

1 Francisco Moreira Sampaio (1851-1901), Vicente Torres da Silva Reis (1870-1947) e Pedro Augusto Gomes Cardim (1864-?), autores de revistas de ano, comédias e *vaudevilles*.

Fábula

Gazeta de Notícias, 9 de dezembro de 1894.

La Fontaine adaptado

(Livro V – Fábula XII)

A galinha dos ovos de ouro ou O Encilhamento[1]

Perde tudo, por fim, quem tudo quer ganhar...
E basta, para o demonstrar,
O caso da galinha encantada, que punha
De quando em quando um ovo de ouro.
Ébrio de cupidez, o seu dono supunha
Que ela, dentro do ventre, escondia um tesouro.
Matou-a, abriu-a, e viu, cheio de indignação,
Que o alucinara a fé, que o perdera a ambição;
Porque, no ventre, a ave encantada
Tinha o que tem qualquer galinha:
Vísceras, nervos, sangue, ossos, carne, e mais nada.

Não ganhou o que quis, e perdeu o que tinha...

Assim, no Encilhamento, ó cúpidos zangões,
Quisestes esgotar a fonte dos milhões...
Loucos! menos durou essa quadra opulenta
Que as apoteoses de teatro:
Milionários em Noventa,
E pobres em Noventa e Quatro!

Fantasio

---

1 Em 1890, vivia-se a política econômica de Rui Barbosa (1849-1923), ministro da Fazenda (1889-1891), que patrocinou vultosas emissões de papel-moeda e estimulou a constituição de sociedades por ações. Tais medidas resultaram em inflação e especulação descontrolada na Bolsa de Valores, o que, de um lado, produziu vários novos-ricos e, de outro, tragou economias e capitais longa e laboriosamente acumulados.

Epigramas

Gazeta de Notícias (O Engrossa), 30 de outubro de 1899.

Caso atual

«Dói-lhe[1] aqui? tem tido febre?
Habita infecto casebre?
Toma banhos? Fale moço!
Deixe-se de hipocrisias!
Responda-me: há quantos dias
Lhe nasceu esse caroço?

Hum!... você está com a peste!
Não respingue! não proteste!
Você pegou-a bonita!
Isto foi rato!...»
E o gaiato:
«Não foi rata, nem foi rato,
Senhor doutor!... foi a Rita!»

Y.

1 No jornal: Doè-lhe.

Gazeta de Notícias (Casa de Doidos), 9 de dezembro de 1900.

O GRAU

Este ano, trinta e oito médicos
Tomaram grau...[1] Boas fadas
Os encaminhem por cá!
– Coveiros! nas mansões fúnebres,
Ide aprestando as enxadas:
Trabalho não faltará!

Bob

1 *Idem*: gráo.

Gazeta de Notícias (Casa de Doidos), 9 de dezembro de 1900.

[O Canal do Mangue][1]

Passou ontem, na Câmara, em 2.ª. discussão, o projeto abrindo o crédito de 10:000$ para despesas imediatas com o serviço de limpeza do canal do Mangue.

Das folhas

Dez contos? Isso é dinheiro!
Vocês, com isso, talvez
Possam limpar um chiqueiro,
Limpar as ruas de Fez,
Todo o golfo de Biscaia,
O vasto oceano sem fim,
A ilha da Sapucaia;
Os cortiços de Pequim...
Porém, o canal do Mangue?
Ora, não sejam ratões!
Nem com coco! nem com sangue!
Nem com quinhentos milhões.

Y.

1 Os títulos entre colchetes foram atribuídos pelo organizador deste volume.

Gazeta de Notícias (O Filhote), 2 de dezembro de 1896.

O pó

Diz El-Supremo[1] ao prefeito:
– Werneck![2] veja isto só;
Isto não anda direito...
Que ruas cheias de pó!
Ainda anteontem, Werneck,
Que pó e que tempestade!
Mande ao menos um moleque
Varrer a sua cidade!

Mas ao vice-presidente
Diz Werneck sem tremer:
– Pensa que hei de, unicamente,
Como prefeito viver?
Eu tenho a vida ocupada!
Da prefeitura estou farto!
Não vi tormenta nem nada:
Fui chamado para um parto!

Puck

1 O poeta refere-se a Manuel Vitorino (1853-1902), político baiano que exerceu interinamente a Presidência da República de 10 de novembro de 1896 a 4 de março de 1897.
2 Francisco Furquim Werneck de Almeida (?-1908), prefeito da cidade do Rio de Janeiro, era também um renomado ginecologista e obstetra.

Gazeta de Notícias (O Filhote), 1 de fevereiro de 1897.

[Mudança possível]

Parte o nosso Prefeito.
Fica Prefeito o Rosa[1];
A cousa é proveitosa?
Tudo está satisfeito?

Não! porque o mesmo é o lixo,
E a incúria, e o filhotismo,
E o pó, e o *perrefismo*[2],
E a sujidade, e o *bicho*...

Negá-lo inda há quem ouse,
Quem esperança arranje?
– Amigos! *plus ça change,*
Plus c'est la même chose.

Bob

1 Por motivo de viagem, Furquim Werneck transmitira o cargo de prefeito ao presidente do Conselho Municipal, Joaquim José Rosa.
2 Alusão ao hegemônico Partido Republicano Federal.

Gazeta de Notícias (Casa de Doidos), 27 de janeiro de 190.

A conspiração

Temos a casa vazia!
Toda esta população
Saiu daqui, no outro dia,
Para uma conspiração...[1]

Todos, um moço, outro velho,
Mas todos, sem exceção.
Uns com carta de conselho,
Outros com tocha na mão;

Estes, com eira e com beira,
Aqueles, sem um tostão,
Mas todos (que pagodeira!)
Amando a conspiração...

Malucos! voltai à casa!
Para que tanta ilusão?
Tendes o cérebro em brasa?
Quereis uma ducha, não?

1 Em janeiro de 1901, mês em que a cidade enfrentou uma greve dos cocheiros, correu pela Capital Federal boato de que, no dia 23, haveria um grande levante monarquista apoiado por forças de terra e mar.

Voltai! a casa vazia
Chora tanta ingratidão...
Não nos deixeis mais um dia
Por uma conspiração!

Voltai à tranquilidade!
Aqui, na antiga mansão,
Vós matareis a saudade
De El-Rei Dom Sebastião!

Puck

Gazeta de Notícias (Casa de Doidos), 9 de dezembro de 1900.

Restauradores...

Eu, farmacêutico de 1.ª classe pela faculdade de Paris, tenho descoberto o único remédio capaz de restaurar... etc., etc., etc.
Nas folhas de ontem

Deixe-se lá de aranzéis,
Senhor! não restaure nada!
Os tempos andam cruéis...
Quem se mete nessa alhada,
Perde alguns contos de réis,
E ganha... muita pancada![1]

Puck

1 O texto aludia ao temor generalizado de que se tentasse um golpe para restaurar a monarquia.

Gazeta de Notícias (O Engrossa), 26 de fevereiro de 1899.

Verbos novos

em que os maus cidadãos alicerçam a sua malignidade [...] *vieram homogenar as duas Américas*

Ofício do chefe de polícia
sobre a conspiração

Murmurem os descontentes!
O chefe, chefe dos chefes,
Tapa a boca aos maldizentes,
Com todos os *rr* e *ff*...
Pois, com ares majestáticos,
Desprezando os importunos,
E desbancando os gramáticos,
Os Soteros e os Viterbos[1],
– Se não dá morte aos gatunos,
Vai dando origem aos verbos!

Puck

1 Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), gramático e filólogo maranhense, autor das *Postilas de gramática geral aplicada à língua portuguesa pela análise dos clássicos* (1862) e de uma *Gramática portuguesa* (1866). Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1744-1822), erudito português, autor do *Elucidário das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usaram, e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. Essa obra, publicada em dois volumes ilustrados em 1798, teve uma segunda edição póstuma, mais concisa, que saiu em Coimbra em 1825.

Gazeta de Notícias (O Engrossa), 4 de outubro de 1899.

MAIS!

O Dr. Brasil Silvado, chefe de polícia, esteve ontem conferenciando com o Sr. presidente da República sobre a exiguidade dos recursos de que dispõe
D'*A Imprensa*

Exiguidade?! Ó senhores!...
Pois o homem tem inspetores
Bicheiros, estupradores,
Conquistadores fatais[1],
Danados, sebastianistas,
Conspiradores, rolistas,
Planistas, espiritistas,
E... caramba! inda quer mais?!

PUCK

---

1 No jornal: fataes.

Gazeta de Notícias (Casa de Doidos), 6 de dezembro de 1900.

[Pela culatra]

> *Consta-nos que o Sr. Arnaldo Pereira, delegado da 1.ª circunscrição urbana, dando ontem cerco em diversas agências de jogo de bichos, encontrou em uma delas um suplente de delegado.*
>
> Da *Gazeta*

Folgo com essa notícia!
Por que a essa empresa arriscada
Abalançou-se a polícia?
– Deu cerco e... saiu cercada.

Y.

Gazeta de Notícias (O Engrossa), 12 de março de 1899.

Sunt lacrymae...

Antes de entrar para a prisão, Afonso Coelho chorou.
Telegrama de São Paulo para *O País*

Não foi por medo da morte,
Nem por medo da prisão:
Chorou, como chora o forte,
Como quem tem coração!

Se Afonso, com suavidade,
Chorou como a juriti,
Foi porque teve saudade
Desta polícia daqui...

Chorou por se ver tratado
Como um reles malfeitor,
– Quando podia ter dado
Um excelente inspetor!

Bob

Gazeta de Notícias (O Filhote), 26 de agosto de 1896.

Solilóquio atribuído a uma alta autoridade policial, célebre pelo seu apetite[1]

Que comerei d'ora avante?
Há dor que à minha se irmane?
Adeus, ó vinho de Chianti!
Ó *fromaggi parmezani*!

Havendo guerra, que mágoa![2]
Quem há que a dor me asserene?
Tenho os olhos rasos de água
Adeus, *rizzoto* de Sieni!

Isto com a alma me bole...
Adeus, ó vero Mangini!
Ó sopas de *rabbioli*!
Ó sopas de *tagliarini*!

Duro fastio me irrite!
Que o apetite me abandone!
Para que quero apetite,
Não havendo *macarroni*?

---

1 O poeta referia-se a André Cavalcanti de Albuquerque (1834-1927), chefe de polícia da Capital Federal.
2 Com esse verso, o poeta aludia às tensões provocadas pela discussão do Protocolo Italiano.

Felicidade perdida!
Assim a Sorte me pune!
Adeus, delícias da vida,
Indigestioni e *ganzuni*![3]

PUCK

3 Entre as inúmeras palavras italianas aportuguesadas nesse texto, talvez seja necessário esclarecer que *ganzuni* significa *canções* (a partir de *canzone*).

Gazeta de Notícias (O Filhote), 5 de setembro de 1896.

Epitáfio parnasiano: Luís Delfino

Este, que um sepulcro austero
Hoje resguarda, mofino,
Não é propriamente Homero,
– Mas... o mero Luís Delfino[1].

Puck

1 Luís Delfino dos Santos (1834-1910) dispersou sua produção poética em jornais e revistas. Enquete d'*A Semana*, de Valentim Magalhães, concedeu-lhe em 1885 o título de maior poeta vivo do Brasil.

Gazeta de Notícias (O Filhote), 19 de janeiro de 1897.

Conceito[1]

Só é cândido no nome;
Sem dinheiro para as monas,
Grita de sede e de fome;
E, exceção das oliveiras,
Nunca produz azeitonas,
Porque só produz asneiras[2].

B. Bi.

---

1 Esse texto parodia as charadas que os jornais cariocas publicavam diariamente.
2 A «charada» referia-se a Cândido Luís Maria de Oliveira (1845-1919), conselheiro e ex-ministro do Império, que dirigiu jornais monarquistas como o *Liberdade*, contemporâneo da seção humorística da *Gazeta de Notícias*.

Gazeta de Notícias (O Filhote), 21 de janeiro de 1897.

[Contra natura]

Das brisas ao brando afago,
Banha a plumagem faceira
O pato na água do lago:
E estranho que só te ensopes,
Ó Marreco de Oliveira,
Em lagos turvos... de *chopps*!

Bib

Gazeta de Notícias (O Filhote), 19 de janeiro de 1897.

Outro epitáfio

Dorme aqui de pança inchada
Quem marreco se chamou;
Não foi água, não foi nada:
Foi cachaça que o matou.

Bob

Gazeta de Notícias (O Filhote), 10 de agosto de 1896.

Epitáfios ministeriais

I

Rodrigues Alves[1]

Exemplo de temperança,
Modelo de sisudez,
Quem aqui dorme, – descansa
Do muito que... nunca fez.

II

Bernardo Vasques[2]

Deu a sorte desumana
Com mais um ator em terra,
Foi o Vasques do Sant'Ana?[3]
Não! foi o Vasques da guerra.

III

Elisiário Barbosa[4]

Este, que as naus[5] conduzia,
Só tinha um braço, – infeliz!
Mas só com um braço moía
A paciência do *País*[6].

1 Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919), Ministro da Fazenda no governo de Prudente de Morais (1841-1902).
2 Marechal Bernardo Vasques (1837-1902), Ministro da Guerra.
3 Francisco Correia Vasques (1829-1892), ator cômico popular no Rio de Janeiro.
4 Almirante Elisiário José Barbosa (1830-1909), Ministro da Marinha e herói da batalha do Riachuelo.
5 No jornal: náos.
6 Jovino Aires, jornalista de *O País* e crítico impiedoso do Ministro, reuniu suas catilinárias em *Cousas do mar* (Rio de Janeiro: Fauchon, 1896).

IV

CARLOS DE CARVALHO[7]

Destino, que tudo trocas!
Sorte, que a todos maltratas!
Dá hoje almoço às minhocas
Quem o dava aos diplomatas.

V

GONÇALVES FERREIRA[8]

Em vida caiu-lhe em cima
Toda uma congregação.
– Filho de Barbosa... Lima[9],
Azedo como... limão.

VI

ANTÔNIO OLINTO[10]

Os vermes – que desacato! –
Roendo estas carnes finas,
Disseram: – Isto é que é prato!
Vê-se que é lombo de Minas!

PUCK

---

7 Carlos Augusto de Carvalho (1851-1906), Ministro do Exterior.

8 Antônio Gonçalves Ferreira (1846-1930), Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Nascido em Pernambuco, onde ocupara cargos importantes, pertencia ao grupo político dominado pelo deputado citado a seguir.

9 Alexandre José Barbosa Lima (1862-1931), parlamentar conhecido pelo tom agressivo e ácido de seus discursos, também governou, com mão-de-ferro, o estado de Pernambuco (1892-1894).

10 Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, nascido em Serro (MG).

Gazeta de Notícias (O Filhote), 23 de agosto de 1896.

Ao ministro da Fazenda

Dizem que Vossa Excelência
Vive em perpétua indolência
E nada faz... Que ilusão!
Vossa Excelência vadia?
Não! pois três vezes por dia
Faz a sua... digestão!

Puck

Gazeta de Notícias (O Filhote), 20 de novembro de 1896.

Acordou!

Acordou! creio que havia
Dous anos que ele dormia,
Sem dar acordo de si;
Dormia, sem pensamento,
Na rua do Sacramento,
Dentro do Itamarati.

Aquela pasta (suspeito)
Não era pasta, era leito...
Acordou! que comoção!
Mas não tenhas medo, ó gente!
Porque ele acordou somente
Para pedir demissão![1]

Puck

1 Rodrigues Alves, titular da pasta da Fazenda, pediu demissão para que o presidente da República interino pudesse reorganizar o ministério com auxiliares de sua confiança.

Gazeta de Notícias (O Filhote), 21 de novembro de 1896.

[Reforma ministerial]

Enfim, já há ministério!
Enfim! Pois, pela demora,
Parecia não haver
Por estas ruas, agora,
Ao menos três indivíduos,
Sabendo ler e escrever![1]

Puck

1 A reforma ministerial de que trata o texto fora promovida pelo presidente da República em exercício Manuel Vitorino, que assumira por causa de problemas de saúde do titular.

Gazeta de Notícias (O Filhote), 4 fevereiro de 1897.

[A oração do General]

Graças à sua ativíssima reportagem, soube *O Filhote* que, anteontem, dia de Nossa Senhora das Candeias[1], o Sr. general Glicério[2] rezou, com acompanhamento de vários membros do P.R.F., na Igreja da Candelária, o seguinte *terço*:

Ó doce Nossa Senhora
Das Candeias!
Quero as urnas, como outrora,
Sempre cheias!

Senhora! as vossas candeias
Apagai![3]
Se me não dais[4] umas cheias,
– Água vai!

Candelária! freguesia
De urnas cheias!
– Valha-te a Virgem Maria
Das Candeias!

---

1 Dois de fevereiro, quando se comemora a Festa da Purificação da Virgem Maria. A luz das velas e archotes criava um espetáculo encantador.

2 Francisco Glicério de Cerqueira Leite (1846-1916), prócere do Partido Republicano Federal e líder da maioria na Câmara dos Deputados. Sabia como ninguém conduzir as eleições da República. Meses mais tarde, haveria no PRF uma cisão que o levaria a opor-se a Prudente de Morais. Quando, em 5 de novembro de 1897, o Presidente da República foi alvo de um atentado, Glicério figurou entre os acusados.

3 No jornal: Apagae!

4 *Idem*: daes.

Não me elejas o Gabizo[5],
    Gente vil!
– Ó Virgem do Paraíso,
    Sê gentil!

Quero as urnas, como outrora,
    Sempre cheias!
Ó doce Nossa Senhora
    Das Candeias!

Sê boa para este ufano
    E imortal
Partido Republicano
    Federal!

Bob

5 João Pizarro Gabizo, médico e diretor do Hospital dos Lázaros.

Gazeta de Notícias (O Filhote), 5 de março de 1897.

Hino triunfal

Ele chegou![1] As traças
Já saem do abandono...
Já livres de desgraças,
Vamos cair no sono...

Nosso ostracismo acaba!
Vituca já morreu!
– Salve! Piracicaba!
Salve! papai Morfeu!

Hoje a Nação, passiva,
Vê ocupado o trono...
Viva Prudente! Viva
A inércia! Viva o sono!

O Alves Paulista, ó gente,
Inda há de dormir mais...
Salve, papai Prudente!
Salve, papai Morais!

Vai retomar a carga
Deste governo enorme:

1 O poeta aludia à volta do piracicabano Prudente de Morais ao poder. O presidente licenciado, restabelecido dos problemas renais que o acometeram, retornara sem alarde ao Rio de Janeiro para evitar que Vituca (Manuel Vitorino) fizesse alguma manobra para permanecer na Presidência. Com a nova posse de Prudente, acreditava-se que reassumiria o ministério da Fazenda o paulista Rodrigues Alves.

– Dormiu na rua Larga?
Já no Catete dorme...[2]

Vem, com menor barriga,
Belo como ele só:
Sem pedra na bexiga,
Usando barba *Andó*.

Já mole, já banzeiro,
Prudente recebendo,
O Rio de Janeiro
Está adormecendo...

Ao sono! ao sono! ao sono!
Ele chegou? – venceu!
Temos Morfeu no trono...
Viva papai Morfeu!

Bob

---

2 Uma das principais realizações de Vitorino foi a transferência da sede de governo do palácio Itamarati, localizado na rua Larga de São Joaquim, para o palácio do Catete.

Gazeta de Notícias (O Filhote), 6 de março de 1897.

Um epitáfio graúdo

Ressurgiu! P'ra vida nova
Despregou a sepultura,
Pois fazia mais figura
Se nunca deixasse a cova.

Bib

Gazeta de Notícias (O Engrossa), 17 de maio de 1899.

Livra!

No salão de honra do asilo foi colocado o retrato do Dr. Acioly, protetor dessa instituição, onde existem cerca de cento e cinquenta[1] loucos, que são cuidadosamente tratados.

Telegrama do Ceará

Temos lá, de miolo mole,
Cento e tantos... Não são poucos!
É bem grande a confraria!
– Mas o presidente Acioly
Metido entre tantos loucos...
Livra! parece ironia!

Bob

1 No jornal: cincoenta.

Gazeta de Notícias (O Engrossa), 27 de abril de 1900.

Sim, senhor!

Promete o Galvez em breve publicar o histórico real da revolução, que está escrevendo, e então o Brasil ficará conhecendo quem colheu vantagem no negócio do Acre, onde estragou a saúde em prol de uma causa sagrada. Galvez segue breve para a Europa a conselho médico.

Telegrama de Belém

Nada ganhou... e vai viajar...
– Fica tranquilo, ó povo meu!
Inda hás de um dia averiguar
Que quem comeu ali... fui eu!

Y.

Gazeta de Notícias (O Engrossa), 30 de maio de 1899.

Não, padre!...

Em meio da solenidade, no hospital dos Lázaros, o senador monsenhor Alberto Gonçalves saiu à tribuna sagrada onde proferiu eloquente sermão, tendo por tema – A esperança no sofrimento pela religião.

D'*O País*

Não, padre! tu não me engodas,
Pondo no púlpito a pança,
Com o teu ar açucarado:
Por que[1] pregas contra as modas?
– Tu só tens uma *esperança*:
A de voltar p'ra o senado!

Y.

1 No jornal: porque.

Gazeta de Notícias (O Engrossa), 17 de junho de 1899.

Almôços ou almóços?

O o fechado às vezes é aberto...
Dr. Castro Lopes n'*O País*

Doutor, siga meu conselho,
Se quer evitar barulhos!
Esse caso é complicado...
E um cidadão, quando é velho,
Não entra nestes embrulhos
De *ó* aberto e de *ô* fechado!

Puck

Gazeta de Notícias (O Engrossa), 13 de dezembro de 1899.

HABEAS-CORPUS

Pelo Dr. Viveiros de Castro, juiz da câmara criminal, deve ser hoje julgado o habeas-corpus preventivo impetrado pelas camareras de uma casa de chopps da rua do Lavradio.

Do *Jornal*

Doutor, atenda às donzelas!
Esse *habeas* é de equidade:
– Uma vez que o corpo é delas
Disponham dele à vontade!

Y.

Coleção Brasil

IV

Sátiras

Olavo Bilac

editora unesp